

Ana Maria Santiago
Luiz Cláudio Deulefeu
Ricardo Mariella

Volume | 1

História na Educação 2





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

História na Educação 2

Volume 1

Ana Maria Santiago
Luiz Cláudio Deulefeu
Ricardo Mariella



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Ministério
da Educação



Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2299-4565 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Adilson Florentino

UERJ - Eloiza Gomes

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Ana Maria Santiago
Luiz Cláudio Deulefeu
Ricardo Mariella

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Ana Maria Osborne
Gisèle Bessa
Luciana Messeder

COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Maria Angélica Alves

COORDENAÇÃO DE AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Débora Barreiros

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Leticia Calhau

REDATOR FINAL

Gisèle Bessa

2008/2

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

COPIDESQUE

José Meyohas

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Elaine Bayma
Marcus Knupp
Patrícia Paula

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Renata Borges

ILUSTRAÇÃO

Sami Souza

CAPA

Sami Souza

PRODUÇÃO GRÁFICA

Andréa Dias Fiães
Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2006, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

S235h

Santiago, Ana Maria.

História na educação 2. v. 1 / Ana Maria Santiago; Ricardo Mariella; Luiz Cláudio Deulefeu. - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008.

166p.; 21 x 29,7 cm.

ISBN: 85-7648-302-5

1. História no ensino. 2. Civilização e cultura. 3. Antiguidade clássica. 4. Idade média. I. Mariella, Ricardo. II. Deulefeu, Luiz Cláudio. III. Título.

CDD: 372.9

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieiralves

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Aula 1 – Civilização e cultura _____	7
<i>Ricardo Mariella</i>	
Aula 2 – Civilização e cultura 2 _____	21
<i>Ana Maria Santiago</i>	
Aula 3 – Antigüidade Clássica: gregos e romanos _____	35
<i>Luiz Cláudio Deulefeu</i>	
Aula 4 – Antigüidade Clássica: gregos e romanos 2 _____	49
<i>Ana Maria Santiago</i>	
Aula 5 – Idade Média: o nascimento do Ocidente _____	59
<i>Ricardo Mariella</i>	
Aula 6 – Idade Média: o nascimento do Ocidente 2 _____	79
<i>Ana Maria Santiago</i>	
Aula 7 – Idade Moderna: a reinvenção do homem _____	93
<i>Ricardo Mariella</i>	
Aula 8 – Idade Moderna: a reinvenção do homem 2 _____	115
<i>Ana Maria Santiago</i>	
Aula 9 – Revisão _____	129
<i>Ana Maria Santiago / Ricardo Mariella</i>	
Aula 10 – Exercícios _____	145
<i>Ana Maria Santiago / Ricardo Mariella</i>	
Referências _____	159

Civilização e cultura

AULA

1

Meta da aula

Apresentar os conceitos de civilização e cultura.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- diferenciar os significados de civilização e cultura;
- reconhecer as situações mais adequadas para a utilização dos conceitos de civilização e cultura.

INTRODUÇÃO

Você está começando uma nova fase em seus estudos de História na Educação. Nas próximas aulas, entrará em contato com as características principais de cada um dos períodos que compõem a História do Ocidente. É uma oportunidade importante de se familiarizar com as diversas culturas que participaram da formação da chamada *civilização* do Ocidente. Quem foram os gregos? Como funcionou a república romana? Como viviam os camponeses na Idade Média? O que foi o Renascimento? Como os ibéricos descobriram e inventaram um novo mundo? O que foi o Brasil colonial? Essas e outras perguntas receberão respostas simples, que nós formularemos juntos, nesta viagem que você começa a fazer hoje e que eu espero não termine jamais! E por quê? Bem, pense comigo uma coisa simples, prosaica mesmo: ensinar, mais do que passar conteúdos e informações, é apresentar possibilidades de compreensão do mundo. Quando você ensina algo ao seu aluno, mais do que este algo, ele está aprendendo a lidar com uma novidade. Ele é impelido a interagir mentalmente com elementos dos quais ignorava a existência ou a lógica. A História é uma janela para o mundo. Ela nos permite conhecer múltiplas formas de vida social e nos ajuda a identificar, em nossos comportamentos atuais, traços que são oriundos de outras épocas e outros lugares. Com ela, “viajando” por ela, é mais fácil abrir os olhos para o desconhecido e sensibilizar a inteligência para a compreensão das diferenças que compõem a vivência social. “Viajar” pela História pode torná-lo mais tolerante e, portanto, mais capaz de compreender que o mundo é, e sempre foi, formado por uma quantidade muito grande de experiências sociais. O homem, ao longo da sua vasta caminhada, constantemente enfrentou desafios. Quase todos foram difíceis e exigiram criatividade e capacidade de adaptação. Agora você tem a oportunidade, mais uma vez, de abrir a janela para o mundo das experiências históricas. Com certeza, por esta janela, você fará contato com elementos que excitarão a sua mente, tornando-o cada vez mais capaz de lidar com o seu grande desafio, que é o de ensinar.

CIVILIZAÇÃO E CULTURA

Você já teve a oportunidade de aprender como os historiadores pesquisam e criam o que nós chamamos historiografia. Naquela oportunidade, você aprendeu que a História é feita de documentos, de memórias, de lembranças, de esquecimentos e de análises. O que você

terá, a partir de agora, é a chance de conhecer o resultado do trabalho dos historiadores. Sim, isso mesmo! Porque quando falamos de História do Ocidente, estamos nos referindo àquilo que foi escrito pelos historiadores. E você aprendeu também que eles usam, como ferramentas de trabalho, conceitos.

Civilização e cultura são, como conceitos, dois importantes instrumentos de análise da História. Você saberia dizer o que cada um significa? Comece pelo dicionário. Leia atentamente as definições abaixo:

No dicionário *Aurélio* eletrônico, você pode ler as seguintes definições de civilização:

1. Ato, processo ou efeito de civilizar(-se).
2. Estado ou condição do que se civilizou: povos que se encontram num estado avançado de civilização.
3. O conjunto de características próprias à vida social coletiva; cultura.
4. Processo pelo qual os elementos culturais concretos ou abstratos de uma sociedade (conhecimentos, técnicas, bens e realizações materiais, valores, costumes, gostos etc.) são coletiva e/ou individualmente elaborados, desenvolvidos e aprimorados.
5. Por extensão: O estado de aprimoramento ou desenvolvimento social e cultural assim atingido.
6. Por extensão: Tipo de sociedade resultante de tal processo, ou o conjunto de suas realizações; em especial, aquele marcado por certo grau de desenvolvimento tecnológico, econômico e intelectual, considerado geralmente segundo o modelo das sociedades ocidentais modernas, caracterizadas por diferenciação social, divisão do trabalho, urbanização e concentração de poder político e econômico: a civilização egípcia; a civilização helênica.

Como você percebeu, as definições do *Aurélio* apontam para dois sentidos básicos da palavra. O primeiro gira em torno da idéia de civilizar-se. O segundo frisa a idéia de desenvolvimento. Civilizar-se é tornar-se cível, ou seja: aquele que vive na cidade e compartilha de suas regras. A palavra cidadania também é um desenvolvimento desse mesmo radical. Portanto, podemos concluir que civilizar-se é uma maneira de

participar da vida social das cidades, observando as suas regras e desfrutando dos seus benefícios.

Você sabe que, em um passado não muito distante, a vida no campo era bem mais rústica do que na cidade. A distância entre os homens, o relativo isolamento dos seus habitantes e a falta de espaços de sociabilização faziam com que a vida social fosse mais “rala”. Já nas cidades, pela falta de espaço, pela necessidade de encontros permanentes entre seus moradores, a sociabilização era mais densa: as pessoas se viam mais e trocavam informações constantemente.

Aquilo que chamamos hoje desenvolvimento, de forma geral, está ligado às cidades. Se você parar e pensar na maneira como o mundo é visto atualmente, vai perceber que as sociedades rurais e os países que não apresentam alto índice de urbanização são considerados não-desenvolvidos. Isso se deve ao fato de que, nas sociedades rurais, o isolamento parcial dificulta o acesso aos recursos tecnológicos e intelectuais que marcam o conceito de desenvolvimento.

A palavra civilização, então, indica sociedades que atingiram alto grau de sociabilização e de desenvolvimento. No lado oposto a ela, encontram-se as sociedades rústicas, denominadas primitivas por muitos de nós. Nesta aula, você aprenderá mais sobre esse contraste e como ele foi tecido ao longo dos séculos.

ATIVIDADE



1. Agora que você conhece algumas definições de civilização, escolha e descreva duas realidades sociais do mundo contemporâneo que possam simbolizar a presença e a ausência de civilização. Tente realizar esta atividade em quinze minutos.

COMENTÁRIO

Se você escolheu e descreveu duas realidades sociais que se contrastam pela presença de hábitos e comportamentos ligados à vida urbana e à vida rural, destacando aspectos de desenvolvimento que as diferenciam entre si, saiu-se muito bem nesta atividade.

Vamos à palavra cultura. No mesmo *Aurélio*, encontramos as seguintes definições:

1. Ato, efeito ou modo de cultivar; cultivo.
2. Restritivo: Cultivo agrícola.
3. Atividade econômica dedicada à criação, desenvolvimento e procriação de plantas ou animais, ou à produção de certos derivados seus.
4. Por extensão: Os animais ou plantas assim criados.
5. O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. [Nas ciências humanas, opõe-se por vezes à idéia de natureza, ou de constituição biológica, e está associada a uma capacidade de simbolização considerada própria da vida coletiva e que é a base das interações sociais.]
6. A parte ou o aspecto da vida coletiva relacionados à produção e transmissão de conhecimentos, à criação intelectual e artística etc.
7. O processo ou estado de desenvolvimento social de um grupo, um povo, uma nação, que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações etc.; civilização, progresso.
8. Atividade e desenvolvimento intelectuais de um indivíduo; saber, ilustração, instrução.
9. Refinamento de hábitos, modos ou gostos.

Vamos destacar também, das definições do *Aurélio*, os dois aspectos mais evidentes de cultura.

É bom começar pela acepção mais abandonada ultimamente. Quando falamos de cultura, raramente levamos em conta o trabalho na terra, a agricultura. Porém, é importante partir daí, pois este foi o sentido original da palavra. Cultura da vinha, cultura do trigo são apenas alguns dos exemplos que nos remetem à idéia de que tanto a vinha como o trigo desenvolvem-se à medida que são cultivados. Para que os brotos das plantas floresçam na terra, é preciso cuidado, limpeza, adubação, irrigação. Cobertos de cuidados, os espécimes florescem e enchem a terra com seus brotos e frutos. Isso se chama cultura, uma atividade primária do homem, que requer observação e cuidado. E é da terra cuidada e cultivada que se extraem os frutos que alimentam o homem na sua jornada de criação de outras culturas. Assim, podemos dizer que a nossa sobrevivência está intimamente ligada a um esforço de criação e reprodução.

Transforme a idéia de terra em indivíduo e você terá uma interessante compreensão sobre as pessoas bem informadas e com escolarização. Elas são cultas, porque foram cultivadas. Receberam tratamento especial. Foram alimentadas e estimuladas a pensar e a gerar frutos. Você, professor, é um agricultor. Cuida para que seus alunos cresçam e floresçam, assim como o homem do campo se dedica ao crescimento das suas culturas agrícolas. É desta analogia que vem a nossa insistente utilização do adjetivo “culto” para caracterizar pessoas bem informadas e instruídas. E aqui já entramos na segunda acepção da palavra cultura.

Cultura deixa de referir-se apenas a uma atividade de cuidado material da terra – tornando-a mais produtiva e capaz de gerar frutos melhores – para referir-se também ao cultivo do espírito. Por extensão, cultura torna-se o que de material e espiritual é produzido por um grupo social. Assim, nossos hábitos sociais, as músicas, as religiões, as construções, a língua etc. formam a cultura de uma sociedade. Como você leu na definição do *Aurélio*, cultura é o conjunto de características humanas que não são inatas; portanto, não nasceram com o homem, mas foram por ele criadas, desenvolvidas e transformadas na própria comunicação social.

ATIVIDADE



2. Agora que você conhece algumas definições de cultura, escolha e descreva duas realidades sociais que possam simbolizar cada uma das acepções aqui tratadas. Tente realizar esta atividade em quinze minutos.

COMENTÁRIO

Se você escolheu e descreveu duas realidades sociais que se distinguem pela presença da cultura como atividade voltada para a terra e como característica espiritual, desenvolveu bem esta atividade. Exemplos: Uma cena de plantação e crianças na escola.

CIVILIZAÇÃO OU CULTURA?

Você já sabe distinguir civilização de cultura, num grau primordial. As definições do *Aurélio* e as explicações que as seguiram cumpriram a função de apresentar os sentidos mais usualmente aceitos das palavras em questão.

Agora você vai conhecer um pouco do debate sobre a utilização dessas palavras como conceitos historiográficos. Como eu disse no começo desta aula, os historiadores trabalham com conceitos; são seus instrumentos de análise. E os conceitos de civilização e cultura dividem as suas preferências, que são forjadas em função de opções teóricas e metodológicas.

O substantivo civilização é uma criação do século XVIII, mais precisamente do Iluminismo francês. Você lembra o que é Iluminismo? Vou ajudar. Trata-se de um movimento intelectual ocorrido em vários países da Europa, principalmente na França, que pregava o fim do dogmatismo religioso e a ascensão da razão como meio de curar os males sociais e filosóficos da época. A razão é entendida como luz, por isso o nome Iluminismo. É uma metáfora que aposta na necessidade de lançar luz (racionalizar) no mundo.

Para os iluministas, a civilização era um estágio superior de desenvolvimento. As nações civilizadas estariam num estágio social, intelectual, tecnológico, científico e político bem mais avançado que o daquelas que ainda não eram merecedoras de tal título.

A civilização é um padrão. As nações do mundo não-civilizado eram, então, consideradas inferiores e primitivas, mas capazes de criar desenvolvimento interno que as levaria ao cume do processo civilizacional. Elas teriam como modelos aquelas nações que já haviam experimentado progresso em todos os campos da cultura material e espiritual. Assim, a Europa civilizada erguia-se como modelo para os povos primitivos, que viviam na periferia do mundo.

O conceito de civilização, para o historiador, pressupõe ao menos três premissas. A primeira está diretamente ligada ao movimento: é preciso haver transformação para que um povo atinja a civilização. A experiência histórica, com as conseqüentes transformações que ela provoca, acarreta uma série de mudanças que tendem para o melhor – melhor no sentido de superior. Um povo que não domina a técnica de fabricação de

utensílios de metal encontra-se num grau de desenvolvimento inferior quando comparado a um povo que domina essa técnica.

Isso nos leva à segunda premissa: a civilização implica hierarquia. Há nações superiores e outras inferiores. Há aquelas que devem e podem dominar o mundo, assim como há aquelas que devem ser dominadas, para que possam aprender, com as primeiras, os segredos e os caminhos do desenvolvimento. Esta premissa esteve na base de justificativa dos movimentos de colonização. Na verdade, a hierarquia define-se em função do aprimoramento técnico e intelectual que as sociedades apresentam num dado momento da sua história.

A terceira premissa está relacionada a um olhar geral: o conceito de civilização minimiza as diferenças. Ele está mais preocupado em perceber o que há de comum entre os povos do que em salientar a importância de compreender as diferenças entre eles.

Veja este exemplo: quando você abre um livro e encontra a expressão “civilização européia” ou “civilização cristã”, o que você entende? Provavelmente, que se trata dos componentes comuns aos europeus ou aos cristãos. Você sabe que a Europa é formada por muitos países, mas sabe também que há elementos socioculturais que perpassam por todos estes povos. Se eu digo que vou escrever uma página sobre a civilização cristã, você não espera encontrar uma análise especificamente voltada para a Itália ou para a França, pois há no globo terrestre muitos países que professam o cristianismo. Portanto, ao tratar da civilização cristã, não estarei falando nada que seja específico a um povo; estarei, sim, tratando dos elementos que são comuns aos povos que seguem o cristianismo, independentemente de língua política ou território. A civilização é um conceito que ultrapassa as diferenças entre os povos, para tratar do que há em comum entre eles!



ATIVIDADE

3. Esta atividade é bastante simples. Você deve escrever uma frase que sintetize as três premissas do conceito de civilização. Tente realizar esta atividade em dez minutos.

COMENTÁRIO

Se você escreveu uma frase coerente, que contenha as idéias de olhar geral, desenvolvimento (hierarquia) e movimento, a sua atividade foi bem feita.

A CRESCENTE IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE CULTURA

Não há como negar: a palavra cultura está em todas as bocas, em todos os cantos, em todos os textos contemporâneos. Atualmente, falar em cultura é um lugar-comum. É quase uma palavra de apoio. Mas em geral, quando empregamos a palavra cultura, estamos nos referindo às definições apresentadas nos dicionários. Muitas vezes, chegamos mesmo a usar a palavra cultura como um critério de distinção: “Fulano estudou no exterior, fala muitas línguas, é uma pessoa muito culta.” Cultura aqui aparece como “bagagem” e formação. Ou ainda, poderíamos dizer que ela assume uma de suas especificações, que é a idéia de cultura intelectual.

Mas você já se perguntou que nome deve ser dado à maneira especial com a qual a sua avó faz aquele doce de goiaba? Ela aprendeu com seus antepassados ou com as pessoas da comunidade onde cresceu. Certamente ela não freqüentou uma escola para aprender os segredos da deliciosa iguaria. E isso não é cultura?

Para os historiadores e outros cientistas sociais, cultura é um conceito muito abrangente e que também apresenta algumas premissas.

Vamos começar pela mais geral. Pode-se dizer que cultura é tudo aquilo que foi transformado pelo homem. Pense num campo muito seco. A vegetação perdeu a umidade, faz um tremendo calor, o sol queima forte as folhas já ressecadas das plantas. Essas circunstâncias acabam provocando um incêndio. Natureza ou cultura? Natureza. Não houve atuação do homem na situação em questão. Agora pense que depois que o fogo começou e se alastrou pelo campo, um homem recolhe um pedaço de madeira incandescente, leva-o até a sua caverna e passa a utilizá-lo para iluminar o ambiente e para cozinhar os alimentos. Natureza ou cultura? Cultura. O fogo foi manuseado com intenção pelo homem; houve uma transformação.

A segunda premissa de cultura está relacionada ao particular: é o conceito que dá atenção especial às diferenças, à identidade particular dos grupos. A cultura é um produto de determinada vivência social. Assim, num mesmo país, você encontra vários grupos culturais distintos. Pense no nosso mundo atual. Há a cultura dos sambistas, dos roqueiros, dos fabricantes de cachaça mineiros, dos seguidores do candomblé, dos artesãos de palha do vale do Jequitinhonha e muitas outras. Embora estes grupos façam parte de uma realidade nacional, eles encontram em atividades e comportamentos particulares a senha de suas identidades.

A terceira premissa que vamos destacar no conceito de cultura é a não-hierarquização. Uma cultura é uma cultura, e basta! Ela não precisa ser comparada ou confrontada com outras para merecer tal designação. A consequência salutar desta premissa está no fato de que todas as manifestações culturais são legítimas em si e, por isso, podem informar sobre os grupos que as praticam, além de dispensarem a idéia de desenvolvimento e de hierarquia. Hoje em dia, não é mais coerente dizer que a música clássica é superior às canções populares. São manifestações culturais diferentes, que cumprem funções próprias e independem uma da outra para se firmarem com importantes, capazes de refletir o estilo de vida de seus criadores e seguidores.



ATIVIDADE

4. Descreva uma manifestação cultural e explique de que forma ela reflete as três premissas que você acabou de estudar.

COMENTÁRIO

Você pode ter escolhido qualquer manifestação cultural, desde que tenha conseguido detectar de que forma ela reflete uma atividade humana, uma especificação, e independa de hierarquia para ser entendida como tal.

Civilização ou cultura? Esta é uma pergunta que pode receber respostas conflitantes. É preciso, antes de tudo, definir quais objetivos norteiam o trabalho de pesquisa e de ensino. Se você pretende falar para os seus alunos da condição de trabalho no Império Romano, é justo utilizar-se do conceito de civilização, pois você estará criando um panorama, com aquilo que foi comum a todos os trabalhadores do império. Mas se você pretende estudar e ensinar aos seus alunos a respeito dos grupos que primeiramente aceitaram e adotaram o cristianismo como religião, você estará tratando de cultura, pois pretende destacar uma determinada experiência social.

Você pode concluir pensando a respeito do seguinte: é possível estudar culturas no interior das civilizações!

CONCLUSÃO

O historiador trabalha com conceitos. Eles são os seus instrumentos de análise. Os conceitos de civilização e cultura abrem possibilidades diferentes para compreensão e explicação das experiências históricas. O primeiro exige uma leitura mais abrangente, enfatizando o que há de comum entre os grupos sociais. O segundo possibilita a observação circunstanciada das experiências sociais, destacando as diferenças.

ATIVIDADE FINAL

1. Para realizar esta tarefa, você precisará pesquisar algumas imagens.
 - a. Explique a seguinte frase: é possível estudar culturas no interior das civilizações.

- b. Ilustre a sua explicação. Coloque imagens para o que você está chamando civilização e para o que você está considerando cultura.

COMENTÁRIO

Nesta atividade, você deverá considerar a capacidade de o conceito de civilização absorver múltiplas manifestações culturais. Se você formulou uma explicação levando em consideração a característica abrangente do conceito de civilização e ilustrou os dois conceitos com imagens que remetam ao geral (civilização) e ao particular (cultura), a sua resolução foi bem encaminhada.

RESUMO

Você aprendeu algumas faces de dois conceitos que são importantes para a operação histórica. Esteja você estudando, pesquisando ou lecionando, vai acabar se deparando com os conceitos de civilização e cultura. Agora você já sabe ao que cada um deles se refere. Aprendeu que eles são aplicados em função das opções teóricas e metodológicas, além de ter adquirido noções básicas de seus significados e origens.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, você estudará as várias possibilidades de lançar mão dos conceitos de civilização e cultura, para lecionar e montar atividades em aula com os seus alunos.

Civilização e cultura 2

AULA 2

Meta da aula

Refletir sobre a aplicação dos conceitos de civilização e de cultura no ensino de História.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- identificar os conceitos gerais de civilização e de cultura aplicados nas Ciências Humanas e, em especial, na História;
- aplicar esses conceitos na prática pedagógica.

Pré-requisitos

Para acompanhar melhor esta aula, você deverá ter em mente o conteúdo da Aula 1 e os conceitos de cultura e identidade das Aulas 11 e 12 da disciplina História na Educação 1.

INTRODUÇÃO

Como você já deve ter observado em seu dia-a-dia, as palavras nem sempre possuem sentidos únicos. Na teoria, isso não é diferente. E, especialmente quando se trata de conceitos, é fácil perceber que seus significados se alteram ao longo do tempo, ou de acordo com a corrente de estudo à qual estão filiados.

Os conceitos de civilização e de cultura estão fortemente presentes na produção do conhecimento histórico. Portanto, não podem, por consequência, estar apartados do ensino dessa disciplina.

Vamos agora tratar da utilização desses conceitos no contexto prático da sala de aula, atentando para a necessidade de os alunos construírem seus significados ao longo dos dois primeiros ciclos, para consolidá-los posteriormente.

CULTURA E CIVILIZAÇÃO

Das eras
Das mais antigas eras
No mundo surgiu a criatura
Diversa, diferente de outras feras
Pensante
Sem duvidar do futuro adiante
(SÁ; RODRIX; GUARABYRA, 2005)

O homem – a criatura pensante – tem o poder de criar e transformar, a partir da abstração do pensamento, o que é dado naturalmente (inato). Diferindo-se dos demais seres – as outras feras – ele é capaz de constituir cultura, é capaz de criar.

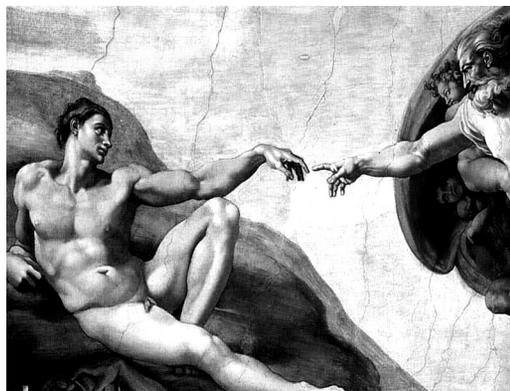


Figura 2.1: Detalhe de *A criação do homem*, de Michelangelo (1510).
Fonte: Buonarotti (2005).

A *criação do homem* faz parte dos painéis pintados por Michelangelo Buonarroti na famosa Capela Sistina do Vaticano (Roma). Observe que no contexto cristão o poder de criar é mistificado pela criação do homem como imagem e semelhança de Deus.

É exatamente a essa ação do homem sobre a Natureza que os conceitos de cultura e de civilização estão relacionados. Se, por um lado, a idéia de cultura apresenta um significado mais amplo, por outro, a idéia de civilização retrata um conjunto específico da criação cultural do homem em coletividade. Dessa forma, podemos dizer que nossos ancestrais hominídeos já produziam cultura, mas só podemos pensar em civilização alguns séculos antes de 3000 a.C., quando importantes transformações ocorreram em algumas sociedades da Mesopotâmia e do Egito.

Mas quais são as características fundamentais da cultura civilizada? Em primeiro lugar, o surgimento da organização espacial urbana: a cidade. Em segundo lugar, associa-se o surgimento da cidade a uma organização política mais complexa do que a daquelas conhecidas até então pelos grupos nômades e sedentários: o **ESTADO**.

Somam-se a estes dois elementos caracterizadores outros fatores: as primeiras formas de escrita e o trabalho especializado nas cidades.

Por volta de 4000 a.C., surgiu a primeira forma de escrita: a escrita cuneiforme dos sumérios. O domínio da escrita foi, durante muitos séculos, monopólio de poucos, sendo controlado pelo Estado e por diferentes instituições religiosas.

Leitura e escrita eram, portanto, signos de poder, e a restituição de tais saberes era uma forma de controle. Assim, a não-generalização do ensino da escrita contribuiu para a manutenção desses mecanismos de poder. Signo de poder, o saber ler e escrever foi justificativa para a não-generalização do ensino da escrita.



Figura 2.2: Placa de barro com escrita cuneiforme dos sumérios.
Fonte: História (2005).

ESTADO

É a organização político-administrativa que governa uma sociedade no território ocupado e/ou controlado por ela.

O trabalho tornava-se mais especializado, principalmente nas cidades. Entrelaçadas a essas modificações, surgiram as diferenciações sociais nessas sociedades.

Quando a urbanização e a organização estatal se consolidaram, três setores sociais básicos ficaram perceptíveis. A imensa maioria da população dedicava-se às atividades agropecuárias, consumindo diretamente parte do que produzia e entregando o resto ao poder central. Tal população não participava das decisões comuns. Um grupo minoritário – que se ocupava com atividades artesanais, de troca, administrativa e religiosas – passava a ser mantido pela redistribuição dos excedentes extraídos das aldeias. Embora ocupasse uma posição de privilégio, esse grupo também não tinha poder de mando. Um grupo ínfimo organizava o trabalho das comunidades, pelas quais era sustentado, e decidia por todos.

Este conjunto de mudanças foi contemporâneo, simultâneo, nos locais onde a forma de viver civilizada apareceu. Podemos dizer que elas são características culturais complementares e que, portanto, surgiram ao mesmo tempo. Não podemos destacar o aspecto mais importante, pois elas são, reciprocamente, causa e consequência umas das outras.

É importante lembrar que estas transformações não atingiram a todas as sociedades existentes, pois algumas não tiveram necessidade e/ou condições internas de mudar. As que mudaram não viveram, necessariamente, esse processo na mesma época.

O conceito de civilização como elemento de superioridade cultural desenvolveu-se a partir do século XIX, em um momento em que se fazia necessário justificar o domínio da cultura europeia ocidental sobre diversas culturas. Assim, civilização ganhou o sentido de cultura melhor, superior, junto com a idéia do direito de civilizar o mundo à imagem e à semelhança dos europeus; portanto, com o ideal de criar um mundo culturalmente homogêneo, ocidental.

ATIVIDADE



1. Observe o esquema e leia atentamente as opções que o seguem.

CONCEITO: NATURAL TRABALHO CULTURAL

DEFINIÇÃO:

- a. Ação transformadora do homem.
- b. Resultado da ação direta do homem.
- c. Existência independente da ação humana.

Complete os círculos do esquema com as letras correspondentes aos conceitos.

RESPOSTA COMENTADA

A ação transformadora do homem (trabalho) altera a Natureza e produz o que chamamos de cultura, quer material ou imaterial.

CULTURA E CIVILIZAÇÃO NO ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS

No contexto do ensino de História, a diferença entre os conceitos de cultura e de civilização deve ser progressivamente trabalhada. Para perceber a diversidade como o resultado do processo cultural, o aluno precisa ter a dimensão dessa capacidade criativa do homem, sem juízo de valor. É necessário desmistificar o conceito de civilização, dissociá-lo da idéia de superioridade, sem abdicar da percepção da complexidade que essa criação social traz.

Os PCN propõem eixos temáticos como norteadores do ensino de História nas séries iniciais. No primeiro ciclo, o eixo é a História local e a História do cotidiano. Os PCN priorizam para esse eixo alguns conteúdos, a saber: levantamento de diferenças e semelhanças individuais e sociais entre os componentes da turma; identificação de transformações e permanências dos costumes das famílias dos alunos e nas instituições escolares; levantamento de diferenças e semelhanças entre pessoas e os grupos sociais que convivem na coletividade; identificação das transformações e permanências nas vivências culturais da coletividade; identificação do grupo indígena da região e estudo do seu modo de vida; identificação de semelhanças e diferenças entre o modo de vida da localidade e da cultura indígena que ali predominou.

No segundo ciclo, a História das Organizações Populacionais é o eixo temático proposto. Também nesse período, destacamos alguns conteúdos a serem priorizados: levantamento de diferenças e semelhanças das ascendências e descendências entre os membros da comunidade local;

contextualização e identificação dos processos de deslocamento de população (imigração e migração), no passado e no presente; identificação de diferentes tipos de organizações urbanas; caracterização do espaço urbano local e sua relação com outras localidades urbanas e rurais.

Mas como trabalhar com os conceitos de cultura e de civilização nesses contextos? A rápida observação dos eixos temáticos e dos conteúdos propostos pelos PCN já nos indica que o trabalho com o conceito de cultura no primeiro ciclo deve ser priorizado para permitir a introdução do conceito de civilização no segundo.

O PRIMEIRO CICLO

O primeiro passo é buscar as informações entre os próprios alunos e envolvê-los com a pesquisa do tema proposto. Tendo como ponto de partida o universo do aluno, podemos trabalhar a comparação entre grupos sociais contemporâneos e de outras épocas.

As Histórias local e do cotidiano permitem a percepção das diversidades de forma lúdica. Coleções sobre as histórias do cotidiano podem ser a base do estudo para o professor (exemplo: História da Vida Privada). Existe hoje uma boa variedade de paradidáticos que abordam o cotidiano. Veja nas leituras recomendadas alguns exemplos.

Assim, é importante que se evidenciem – nesse ciclo utilizando mais acentuadamente a linguagem visual – as diferenças das residências, das roupas, da forma de educar, da comida, da cultura material que cerca as pessoas e das brincadeiras infantis.

Por exemplo, observe as ilustrações que se seguem:



Figura 2.3: Caverna com pinturas rupestres.

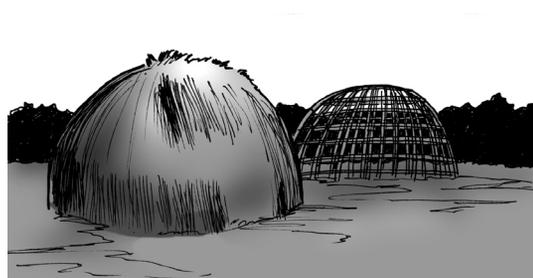


Figura 2.4: Ocas indígenas.

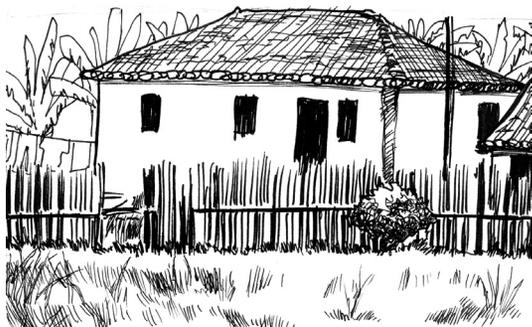


Figura 2.5: Casa rural.



Figura 2.6: Conjunto habitacional.

As funções são semelhantes, não? Isto é, o homem coletivamente deu um novo sentido à caverna ao apropriar-se dela para abrigo, mas, ao longo do tempo, continuou produzindo também outros tipos de habitações para sua proteção e bem-estar. Você conseguiu perceber que não existe valor cultural diferenciado entre os exemplos apresentados? Tanto a caverna quanto o apartamento são produções culturais. O julgamento de valor que podemos emitir sobre qualquer um desses abrigos é, por si só, uma produção cultural.

Observe que você já poderia estar abordando com as crianças questões relativas à percepção de tempo. Cada habitação dessa nos remete a uma sociedade e a um tempo histórico específicos, mas isso não quer dizer que não possa haver permanências e convivências no tempo. Enquanto estamos em nossos apartamentos urbanos, muitas famílias habitam casas rurais semelhantes às das Figuras 2.5 e 2.6.

Você já deve ter percebido que os exemplos de cultura material são mais fáceis de serem trabalhados, especialmente na idade escolar com a qual estamos tratando! Mas não é impossível trabalharmos com a cultura imaterial!

Pense no gosto alimentar, na moda e no padrão de beleza feminino. São frutos abstratos da cultura, mas são bem reais! Só comer carne crua é hoje para nós inimaginável, mas já foi uma refeição comemorada pelos nossos antepassados. Hoje, o padrão de mulher ocidental bonita pressupõe a magreza. Retratos antigos de família podem facilmente evidenciar que, no passado, a maioria das mulheres tinham outro padrão de corpo.

Se utilizarmos imagens de outros locais e épocas, essas diferenças do conceito de beleza se consolidam. Observe as imagens que retratam a moda feminina ocidental nas décadas de 1920, 1950 e 1960.



Figura 2.7: Moda feminina ocidental nas décadas de 1920, 1950 e 1960, respectivamente.

A diferença é grande, não? E nós só estamos retratando a realidade ocidental! Será que o resultado seria o mesmo se buscássemos, para as mesmas épocas, imagens da moda chinesa ou iraquiana? Claro que não!

Partindo, portanto, do que o aluno conhece – sua localidade, seus amigos e seus familiares – é possível agregarmos informações que contribuam para a compreensão do processo histórico, a demarcação das permanências e mudanças e, ainda, o entendimento das noções de tempo e do conceito de cultura.

ATIVIDADE



2. Aproveite o exemplo do vestuário e pesquise imagens que demonstrem a transformação cultural ocorrendo em uma variação de tempo e de espaço.

Variando no tempo	
Indique quando	Indique quando

Variando no espaço	
Indique onde	Indique onde

Na prática, como você trabalharia essas imagens?
 Você poderia utilizar esse tipo de atividade no contexto do primeiro ciclo.
 Justifique essa afirmação.

RESPOSTA COMENTADA

Imagine que você escolheu a imagem de um índio que habitou sua região e seu próprio retrato, para caracterizar as mudanças no tempo. O mesmo retrato seu poderia estar ao lado da imagem de um gaúcho dos pampas, identificando mudanças que ocorrem de lugar para lugar, numa mesma época. É fácil perceber as mudanças. Observe que a atividade, além de propiciar a pesquisa e o desenvolvimento motor (recorte e colagem), permite a utilização da linguagem visual para registrar a informação, numa fase de alfabetização em curso. Podemos dizer que essa atividade é aplicável, porque utiliza conceitos e percepções importantes para a História, sem uma abordagem direta.

O SEGUNDO CICLO

Embora não seja impossível trabalhar o conceito de civilização na proposta de eixo temático e conteúdos sugeridos pelos PCN para o primeiro ciclo, vamos dar ênfase na sua abordagem no segundo ciclo.

Podemos começar destacando a importância das migrações e da urbanização na História. Os homens sempre buscaram condições de sobrevivência melhores. Isso está associado à longa tradição de migrações ao longo da sua História. Identificar as demandas de qualidade de vida que incentivaram grupos a se deslocarem no espaço ao longo dos séculos é importante. Se os primeiros hominídeos nômades caminhavam constantemente em busca de suprimentos alimentares, ainda nos dias atuais milhares de seres humanos fogem da fome, das guerras, dos desastres naturais ou buscam melhores empregos para, no fundo, garantirem a mesma coisa: a sobrevivência. Todo processo de mobilização populacional, portanto, evidencia um momento histórico específico.

Podemos dizer que a própria História da ocupação dos continentes se faz mediante inúmeras e constantes ondas de migração de populações, ainda não totalmente desvendadas. A partir da África, continente até o momento reconhecido como berço dos primeiros hominídeos, vagas de migrações ocuparam a Ásia, a Europa e a América.

Observe no mapa a seguir as rotas até hoje identificadas pelos estudos de fósseis. Elas são ilustrativas dos primeiros processos de transferência de populações da história da Humanidade.

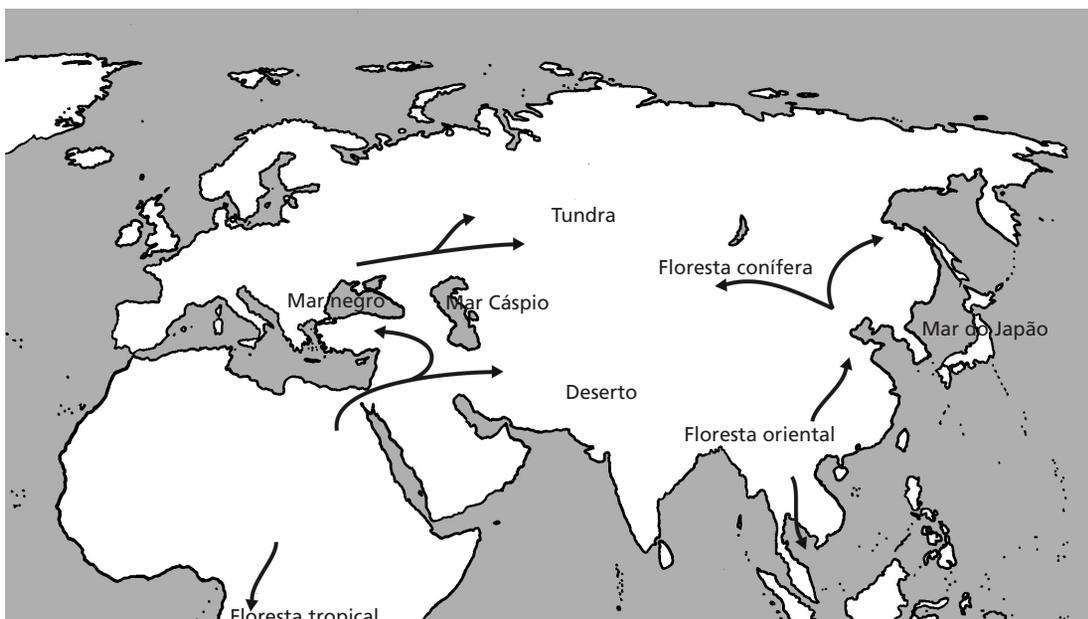


Figura 2.8: Mapa da ocupação dos continentes.

Outro processo histórico importante foi o da urbanização, pois implicou uma mudança radical na organização das sociedades sedentárias que produziram as cidades, que hoje concentram grande parte da população mundial. Viver em cidades exigiu uma série de outras mudanças, tais como o desenvolvimento do comércio de gêneros alimentícios. Além disso, provocou também a especialização do trabalho, pois quem vive na cidade desenvolve atividades distintas daqueles que vivem no campo. Lembre-se de que a cidade surgiu no contexto do fim da autonomia política das sociedades campesinas, as quais passou a dominar.

A comparação entre a vida urbana e a rural é um primeiro passo possível para iniciar o trabalho. Há sempre presente na vida rural um certo grau de auto-suficiência, inexistente na cidade. A família campesina produz os bens necessários para a sua sobrevivência. Quanto mais no tempo voltamos, mais essa autonomia fica evidente.

Nesse ponto, o trabalho é buscar entre os alunos as informações sobre necessidades básicas para que um coletivo de homens viva no contexto urbano. Assim, podem ser formuladas questões como: O que se precisa ter? Em que se pode trabalhar?

Você pode apontar como exemplo as catástrofes naturais que atingem os centros urbanos. Elas demonstram claramente a desarticulação acentuada da vida cotidiana e, conseqüentemente, das condições de sobrevivência. Recentemente, a destruição ocorrida em Nova Orleans, nos EUA, apresentou ao mundo uma comunidade sem alimentos, sem empregos, sem abrigos e tomada pelo medo da violência causada pela tentativa de sobrevivência.

Uma segunda possibilidade é identificar os elementos caracterizadores do espaço urbano. A comparação de plantas estilizadas — como as que encontramos em locais de informações turísticas — de diferentes centros urbanos pode ser o meio de ação. Nesse sentido, sua prática fará com que os alunos reflitam sobre a ocupação do espaço de cidades de hoje e/ou cidades do passado. O que todas elas têm em comum? O que é priorizado nesses espaços?

Um terceiro ponto é abordar a diversidade de funções prioritárias que as cidades tiveram ao longo do tempo em diferentes lugares. As cidades-porto, as cidades centros comerciais, as cidades-universitárias, as cidades religiosas, as cidades-governo etc.



ATIVIDADE

3. Identifique os elementos constitutivos básicos do conceito de civilização.

RESPOSTA COMENTADA

É fundamental destacar que a civilização como processo cultural se caracteriza pela organização das sociedades em cidades e por meio do Estado. Essas premissas básicas se associam ao surgimento da escrita, do trabalho especializado e da desigualdade social.

CONCLUSÃO

A comparação entre realidades diversas propicia momentos de análise mais ricos e motivantes, que são fundamentais para a apreensão dos conceitos de maneira natural, para que, em momentos posteriores, o aluno possa fazer o registro de seus significados por meio da linguagem escrita.

A percepção do significado de cultura e de civilização, sem os preconceitos que porventura foram incorporados aos seus sentidos no passado, é fundamental. Dessa forma, você estará contribuindo para uma educação comprometida com a formação de indivíduos que saibam viver com a diversidade, valorizando-a como resultado da criação das relações dos homens entre si e com a Natureza.

ATIVIDADE FINAL

Leia o seguinte trecho extraído do verbete "cultura", extraído da *Enciclopédia Mirador*.

A diferença fundamental entre cultura e natura só se realiza com a participação direta do homem, agindo sobre a natura, enquanto esta existe independente da ação humana.

Justifique a afirmativa apresentando exemplos.

RESPOSTA COMENTADA

A ação do trabalho humano é transformadora da Natureza, resultando na cultura. Assim, a árvore trabalhada pelo homem vira papel, mesa, cadeira. Uma queda-d'água pode se tornar uma hidrelétrica. O raio pode ser entendido como a manifestação da fúria de um deus. O sol pode se transformar em divindade etc.

RESUMO

O esclarecimento do conceito de cultura e de civilização é aconselhável desde as séries iniciais. As orientações didáticas, os eixos temáticos e os conteúdos gerais propostos pelos PCN evidenciam a possibilidade de realização do trabalho com conceitos complexos, na introdução ao ensino de História.

LEITURAS RECOMENDADAS

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Sociedades do antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Ática, 1996.

Descreve de forma resumida o processo de surgimento da civilização.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

Apresenta o desenvolvimento do conceito de cultura e de civilização na Antropologia e na Sociologia.



MOMENTO PIPOCA

Além dos filmes recomendados na Aula 11 da disciplina História na Educação 1, sugiro o documentário *O nascimento da civilização*, das Edições Prado.

Antigüidade Clássica: gregos e romanos

AULA 3

Meta da aula

Apresentação da história do mundo greco-romano na Antigüidade Clássica.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

- identificar a importância do estudo da Antigüidade Clássica para a Educação;
- avaliar a contribuição dos gregos e dos romanos na construção das idéias sobre a educação no Ocidente;
- permitir o aprimoramento cultural e o aperfeiçoamento do profissional da Educação no que tange aos temas da Antigüidade Clássica.

INTRODUÇÃO

Qual a contribuição mais importante da Antigüidade Clássica para a Educação? Poderá você, dileto aluno, formular essa pergunta, talvez intimamente, suspeitando de que ela não sirva para nada. Tentarei, ao longo da presente aula, apresentar argumentos e conteúdos que possam dirimir essa dúvida que recai sobre os estudos clássicos. Porém, acredito que, sendo você um ser humano esclarecido, logo perceberá o quanto gregos e romanos, em suas práticas educacionais e principalmente nas formulações de suas idéias sobre o que é Educação, foram os fundadores daquilo que atualmente entendemos por Educação no mundo ocidental e, em tempos globalizados, em outras partes do mundo também. Pois o ideário educacional ocidental se espalhou através da História.

Nosso objetivo principal será despertar em você o apreço pela contribuição de autores e escolas clássicas – os baluartes do que hoje chamamos educar. A cultura greco-romana revelou ao mundo uma verdade fundamental: desde que bem ensinados, qualquer um pode aprender qualquer coisa. Essa verdade é um dos ideais que inspiram o ofício do educador e, mesmo quando as práticas a contradizem, tanto mais ela se torna indispensável.

Gregos e romanos, na época denominada pelos historiadores Antigüidade Clássica, foram muito diferentes do que somos hoje. Então, por que voltamos a eles? Certamente não só por curiosidade erudita, mas também para nos conhecermos melhor.

Por que fazem parte dos nossos currículos? A resposta está na identidade que está contida na idéia dessa grande civilização chamada Ocidente. Nós, os ocidentais, compartilhamos, sejamos anglo-saxões, latinos ou germanos, uma herança que, anterior à formação da cristandade, nos arrasta aos pensamentos, às instituições, às filosofias, à política, à democracia, à arte, dentre outros fatores, das chamadas civilizações clássicas. Nas próximas páginas entraremos em contato com esse passado, presente nas ciências, no esporte, nas Olimpíadas, na idéia de república e em uma ética na qual existe espaço para o indivíduo pensar por si mesmo de forma crítica e autônoma.

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE NA GRÉCIA CLÁSSICA

A cidade grega que mais vai nos interessar será Atenas, pois nela aconteceram as principais inovações que fariam da Grécia o berço do Ocidente. Atenas foi a cidade-estado (pólis) por excelência, seu desenvolvimento histórico e sua cultura favoreceram o surgimento de

várias atividades que colocaram em destaque o espírito de pertencer ao quadro dos cidadãos. Os atenienses inventaram o conceito de cidadania que hoje para nós é tão importante.

Em Atenas, a política foi instaurada como prática da comunidade dos cidadãos, os que não pertenciam à aristocracia tradicional puderam passar a participar, opinar ou pelo menos votar as decisões da assembléia dos cidadãos. Por meio de reformas sociais, um maior número de atenienses pôde ter acesso à dimensão política da cidade. Essas inovações políticas conferiam mais importância ao cidadão. A construção de um tipo de individualidade frente às crenças tradicionais e às submissões sociais foi fortalecida por meio de novas práticas culturais emergentes: a Filosofia, que buscava respostas e explicações na natureza humana; a Pedagogia, para demonstrar que todos, desde que bem ensinados, podiam aprender; os novos procedimentos jurídicos que possibilitavam artesãos, camponeses e comerciantes almejavam um valor social equivalente ao dos aristocratas. É nesse contexto que veremos como o ser humano se afirmava enquanto indivíduo dotado de alguma autonomia e capaz de ser responsabilizado por seus atos perante a comunidade. Como você pode perceber, ainda nos dias atuais, perseguimos esses ideais envolvidos na construção da cidadania, pois, assim como a Revolução Francesa, o Renascimento e outros momentos históricos marcantes, a Grécia Clássica também contribuiu para a formação do aprimoramento dos ideais que tentam tornar a humanidade mais esclarecida.

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E INTELLECTUAIS NA GRÉCIA CLÁSSICA

Você agora vai compreender como e o que aconteceu na Grécia para que ela seja tão importante para o nosso tempo e para nossos futuros alunos. Entre os séculos VIII a.C. e o século V a.C., a Grécia, em particular a cidade de Atenas, passou por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que proporcionaram o nascimento do Ocidente.

No plano das instituições políticas ocorreu um progressivo questionamento sobre o poder da aristocracia que, dona das terras, tudo decidia por meio da lei oral e dos conselhos, nos quais somente os nobres podiam comparecer. No século V a.C. a situação havia mudado, o que possibilitou a maior participação de comerciantes, artesãos e camponeses

nos processos decisórios que constituíram a democracia. As leis passaram a ser escritas, permitindo reflexões e menos injustiças, pois, antes, os nobres tinham sempre razão.

Em Atenas foi constituída uma civilização que desenvolveu um sistema político com base em práticas democráticas e jurídicas que abrangiam o corpo dos cidadãos (nobres, comerciantes, artesãos e camponeses), ainda que excluíssem mulheres, escravos e estrangeiros. O que para você hoje pode parecer pouco, na época era uma profunda transformação das idéias e das práticas de poder até então vigentes nas sociedades humanas.

A cultura grega do final do século VI antes de Cristo e do início do século V a.C. começou a ser permeada pela influência de **SOFISTAS** (professores de oratória e retórica) e de filósofos que, questionando as verdades tradicionais da religião, prepararam o advento da ciência ocidental, buscando a verdade na Natureza e na própria sociedade. Assim nasceram importantes áreas do saber ocidental (Física, Biologia, Direito, Pedagogia, História, Geografia, dentre outras).

A sociedade ateniense constituiu no século V a.C. o regime democrático: uma comunidade de homens livres. O alargamento do corpo cívico ocorreu no campo político com as assembléias, nas quais podiam estar presentes os cidadãos. Além disso, teve como grande impulsionador o acesso de um círculo maior de habitantes ao universo cultural da cidade. A importância do uso da palavra como fonte de poder, antes restrita aos nobres, cedia espaço para a palavra que persuadia por seu caráter argumentativo de base filosófica, científica, através da discussão, do debate, da crítica, nos quais havia espaço para a contradição e para o pensamento autônomo. Por meio da atividade política, o cidadão tomava consciência de sua inserção na cidade, das regras do debate político, da valorização do seu ofício e da eficácia do uso adequado da linguagem.

A vida cultural do povo grego nos legou uma herança que até os dias de hoje impressiona pela variedade e intensidade das suas realizações: Teatro, Poesia, Religião, Esportes, Filosofia, Ciência, Arquitetura, dentre outras. Seus costumes transformaram o universo cultural da Antigüidade e permitiram ao ser humano o antropocentrismo; isto é, pela primeira vez na História, o homem buscou explicações para seu destino, por meio de negociação com deuses e tradições de uma forma desafiadora e insolente.

SOFISTAS

Foram os primeiros grandes intelectuais da Grécia clássica, precursores da pedagogia e mestres da retórica e da oratória. Imprimiram ao saber autonomia individual, desenvolvendo um grande senso crítico acerca das verdades tradicionais. Colaboraram na intensa revolução de saberes ocorrida na Grécia.

Em Atenas, durante a época anterior à época clássica, as atividades econômicas eram distinguidas de acordo com o valor social a elas atribuído. O que você pode convir acontece também no nosso tempo. Assim, no cume da pirâmide social estavam os proprietários das terras (aristocratas fundiários), seguidos pelas demais formas de ocupação profissional, que eram consideradas menos relevantes, tais como o camponês, o comerciante e o artesão. À medida que os alicerces econômicos se transformavam, muitas reivindicações ganharam espaço. Artesãos e camponeses lutavam por melhores condições de vida, supressão de dívidas injustas que podiam levar à escravidão e à partilha da propriedade da terra. Os comerciantes, por sua vez, desejavam maior poder político condizente com seu crescente poder econômico e a maior presença da moeda nas relações de comércio, frutos da expansão do comércio ateniense sobre o Mediterrâneo. Essa situação levou à invenção da política como forma de dirimir os inúmeros conflitos surgidos. Você percebe essas questões na história da nossa sociedade?

Na época clássica, a integração de mais membros da comunidade ao quadro cívico resultou em uma igualdade de direitos que, de certa maneira, dentro de determinados limites, possibilitou aos comerciantes, artesãos e camponeses o acesso à cidadania e à participação na vida política. Com isso, as atividades econômicas foram equiparadas e, ao lado do mundo econômico da terra, puderam prosperar também o do comércio e o do artesanato, impulsionados pela presença da moeda nas relações econômicas. As técnicas do artesanato, da eloquência, do comércio e da navegação passaram a ser homenageadas e valorizadas.

Atenas se transformou em um grande centro comercial e as artes de agir sobre os homens, de influenciá-los, de impressioná-los, de persuadi-los, dessa forma, conheceram um dos seus períodos mais férteis na história humana. E hoje esse tema é importante? Qual a sua opinião?

O mundo cultural ateniense tinha como seus espetáculos mais importantes os encontros públicos, nos quais os cidadãos se reuniam para discutir assuntos políticos, administrativos e jurídicos, dentre outros. Durante a passagem da Grécia Arcaica para a Clássica, a habilidade oral que antes era prerrogativa dos poetas, dos sacerdotes, nobres, e que era impregnada de um poder mágico-religioso, converteu-se em uma habilidade técnica passível de ser ensinada e transmitida a quem quer que fosse capaz de aprendê-la. Nasceram a Pedagogia e a Filosofia: ciências

que buscavam as verdades do Homem no próprio mundo humano e não somente nas explicações religiosas. A linguagem sofreu um processo de laicização; isto é, explicar e convencer usando argumentos racionais.

Novos saberes que expressavam propósitos racionais foram sendo organizados, esses saberes, tais como a Biologia, a Física, a História, a Geografia, a Retórica, a Oratória e, principalmente, a organização jurídica da comunidade na perspectiva da cidadania e da nova idéia política surgida: a democracia.

Não se pode esquecer que todos esses progressos políticos, culturais, sociais, filosóficos e científicos estavam apoiados, também, em um grande número de escravos que davam suporte ao ócio que permitia aos gregos construir a sua civilização.

ATIVIDADE



1. Agora que você pôde entrar em contato com as linhas gerais da civilização clássica grega, proponho uma atividade que terá como ponto de partida um trecho da peça *Antígona*, de autoria de Sófocles, um dos maiores dramaturgos gregos clássicos. A tradução é de Mário da Gama Kury. Com base nesse texto, componha uma redação de vinte linhas comentando como você apresentaria para seus alunos a importância da contribuição dos gregos para o mundo ocidental.

Vamos ao texto de Sófocles:

Há muitas maravilhas, mas nenhuma
é tão maravilhosa quanto o homem.
Ele atravessa, ousado, o mar grisalho,
Impulsionado pelo vento sul tempestuoso (...)
(...) Soube aprender sozinho a usar a fala
e o pensamento mais veloz que o vento
e as leis que disciplinam as cidades (...)
ocorrem-lhe recursos para tudo
e nada o surpreende sem amparo;
somente contra a morte clamará
em vão por socorro, embora saiba
fugir até de males intratáveis.
Sutil de certo modo na inventiva
além do que seria de esperar,
e na argúcia, que o desvia às vezes
para a maldade, às vezes para o bem,

A SOCIEDADE ROMANA ANTIGA

No mesmo tempo em que as cidades-estado gregas deixavam para trás o seu poderio comercial, aparecia uma sociedade que, assim como os gregos, exerceu profundas influências no desenvolvimento da História do Ocidente. Essa sociedade não só dominou a bacia do Mar Mediterrâneo como também expandiu seus domínios, ao longo de mais de quinhentos anos, por outras partes do mundo. “Todos os caminhos levam a Roma”. Essa foi a grande epígrafe que traduzia a importância política, cultural e social que a República e depois o Império Romano tiveram na Europa, no norte da África e no Oriente Próximo. Se os gregos nos legaram através da sua cultura os fundamentos do olhar ocidental, os romanos nos legaram suas realizações institucionais nos mais diversos campos, nos quais até hoje estamos enredados, sejam eles religiosos, econômicos, políticos, sociais e culturais. Acompanhando a história da evolução política de Roma você poderá perceber se a citação anterior é verdadeira e até que ponto ela o é.

Os dois períodos mais significativos da evolução política de Roma foram a República (séculos V a.C. até I a.C.) e o Império (séculos I a.C. até V d.C.). Porém, antes mesmo do período republicano, durante a fase monárquica de Roma (séculos VIII a.C. até V a.C.), a estrutura social romana já comportava aspectos relevantes para os posteriores desdobramentos que marcaram a originalidade das disputas travadas em Roma no que dizia respeito ao conceito de cidadania.

No decorrer dessa primeira fase monárquica, vivendo da agricultura e do pastoreio, Roma possuía quatro grupos sociais: os patrícios (nobres proprietários de terras); os clientes (indivíduos oriundos da plebe, porém agregados politicamente aos patrícios); os plebeus (comerciantes, camponeses, artesãos e pequenos proprietários de terras); os escravos (que, durante esse período, eram, majoritariamente, plebeus endividados que acabavam por virar propriedade dos patrícios).

CONFLITOS SOCIAIS DA SOCIEDADE ROMANA CLÁSSICA

A partir do final do século VI a.C. foi instituída a República, dominada por patrícios. A plebe se encontrava alijada de qualquer participação política nas chamadas magistraturas – cargos que permitiam o controle político, financeiro, administrativo, moral e

jurídico da sociedade romana. Papel relevante era exercido pelo Senado – assembléia composta por membros das famílias dos patrícios, que eram os responsáveis pela criação de leis.

A grande questão social e política do período republicano romano foi o conflito entre os patrícios e os plebeus. Uma das principais reivindicações da plebe era a extinção da lei que permitia que plebeus fossem escravizados por causa de dívidas contraídas junto aos patrícios. Além disso, desejavam acesso aos cargos políticos, o direito de casar com patrícios; enfim, toda uma série de medidas que visavam à criação de maior igualdade de direitos políticos, econômicos, sociais e culturais dentro da sociedade.

Esses conflitos de interesses foram ao longo do tempo produzindo conquistas sociais e políticas, pois os patrícios não podiam abrir mão da ajuda dos plebeus na vida econômica e tampouco na defesa da cidade contra inimigos externos. Assim, ao longo do século V a.C. os plebeus conquistaram alguns direitos; dentre os quais podemos destacar: o direito de vetar leis que prejudicassem a plebe; a formulação de leis escritas que estipulassem os direitos e deveres dos cidadãos romanos (antes, e isso você já viu no começo de nossa aula, as leis eram orais e somente os patrícios podiam conhecê-las); a criação da assembléia da plebe; a liberdade de casamento entre patrícios e plebeus e o fim da escravidão por dívidas.

Após essa nova configuração social, Roma estava pronta para seu passo seguinte: a expansão territorial que nos séculos seguintes a transformaria em senhora do Ocidente.

A EXPANSÃO ROMANA

Roma dominou militarmente toda a Península Itálica, aumentando seu território, aprimorando e desenvolvendo suas práticas comerciais, e a partir do século III a.C. estava pronta para estender seus domínios para outras regiões. Um dos marcos fundamentais da expansão romana foram as chamadas Guerras Púnicas, travadas contra a cidade de Cartago (cidade localizada no norte do continente africano). Por mais de cem anos Roma e Cartago tiveram desavenças que culminaram com a destruição total desta última. Durante esse período, Roma estendeu seus domínios por todo Mediterrâneo Oriental (Grécia e Ásia Menor).

A expansão romana transformou a sociedade com implicações políticas, econômicas e culturais. Roma tornou-se o centro do mundo

ocidental e para ela afluíam artigos dos mais variados, fossem eles ouro, prata, trigo, ferro ou escravos. Os impostos cobrados em todo território eram pesados e enriqueceram ainda mais os dirigentes romanos. A escravidão, antes um complemento da economia e da sociedade romana, tornou-se o sustentáculo da produção econômica. Os escravos dedicavam-se às mais diversas atividades e estavam por toda parte. As cidades, e entre elas principalmente a cidade de Roma, tornaram-se *urbes* e o mundo urbano romano foi inchado por plebeus que perdiam seus trabalhos em detrimento da mão-de-obra escrava. A plebe romana desocupada se multiplicava quanto mais rica e poderosa a sociedade dos patrícios se tornava. O estado romano, preocupado com o aumento da violência, criou a política do “pão e do circo”, fornecendo pão e espetáculos com gladiadores para a plebe empobrecida. Você assistiu ao filme *Gladiator*?

Porém, não só os patrícios lucravam, mas também comerciantes oriundos da plebe enriqueciam na República romana. Os ricos viviam de forma luxuosa aumentando a distância social vigente entre os romanos. Os plebeus que detinham poder econômico passaram a pressionar os patrícios lutando por novas reformas. As disputas entre as classes sociais em Roma acabaram por permitir o surgimento de um exército profissional e assalariado, que pendia ora para o lado da plebe rica ora para o lado dos patrícios.

Essas disputas foram deixadas de lado quando rebeliões de escravos e revoltas nas regiões dominadas por Roma, que a essa altura do século I a.C englobava toda bacia do Mar Mediterrâneo, norte da África e Ásia Menor, uniram patrícios e plebeus ricos na luta pela preservação da República romana e do modo de produção escravista no qual ela se baseava. O Estado romano, cada vez mais militarizado, assistiu à ascensão de Júlio César ao poder. Após a morte de César, Otávio Augusto recebe do Senado o título de imperador e é finda a República, nascendo o Império Romano (ano 27 a.C.).

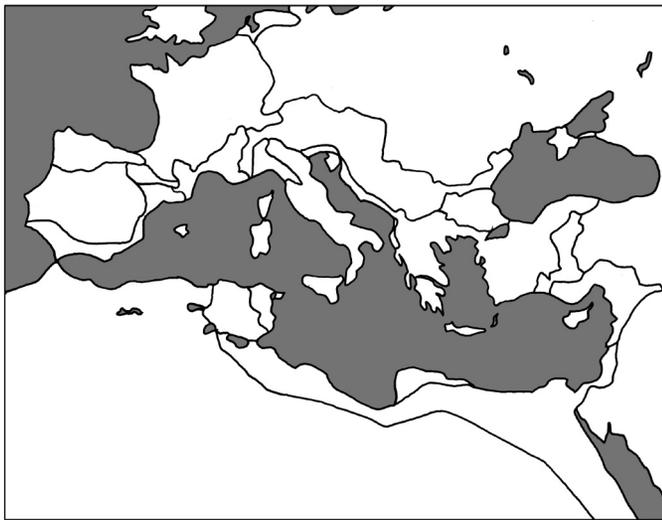


Figura 3.1: Mapa da expansão.

IMPÉRIO ROMANO

Foi durante o chamado Alto Império (séculos I e II d.C.) que Roma viveu seu período de maior esplendor. A tentativa de solucionar conflitos sociais fez com que a sociedade se dividisse, não entre patrícios e plebeus, mas sim, de acordo com a riqueza de cada um. A organização e a administração do Império proporcionaram, à época de Augusto, a Pax Romana. A cultura romana foi difundida por todas as regiões dominadas, consolidando a contribuição cultural dos romanos para o Ocidente (idioma, costumes, instituições, urbanização). Foi nessa época que surgiu e se expandiu o cristianismo, religião perseguida pelo Estado romano, mas que cada vez mais ganhava apoio dos menos favorecidos e se espalharia por todo Império, até ser aceita pelo próprio Estado durante o período do Baixo Império (séculos III, IV e V d.C.). Quanto mais se acentuava a decadência do Império, mais o cristianismo, baseado em princípios de igualdade, ganhava corações e mentes. O Baixo Império é identificado como o período de decadência de Roma.

Ameaças às fronteiras, crise na vida urbana, diminuição da vida econômica, diminuição do número de escravos, menor arrecadação de impostos, gastos com a administração do estado e um exército cada vez menos fiel a Roma foram alguns dos fatores que fizeram ruir pouco a pouco a confiança dos romanos em seu papel de senhores do mundo ocidental.

Várias estratégias foram tentadas para impedir a desagregação do Império. Entre elas a mais famosa foi a separação do Império em dois,

RESPOSTA COMENTADA

Para responder a essa questão, você deve tecer comentários sobre o conflito social romano, retratado nas disputas entre patrícios e plebeus nas várias formas apresentadas, tanto no período da República Romana como no período do Império Romano.

CONCLUSÃO

Você pôde perceber ao longo de nossa aula as principais contribuições dos gregos e romanos da época clássica para a construção do Ocidente. A marcante herança intelectual dos gregos clássicos expressa na cultura artística, filosófica e científica. A fundamental criação do conceito de cidadania e do de democracia. Os romanos nos legaram importantes instituições políticas e administrativas. Os conflitos sociais da sociedade romana e a gestão do Estado romano são lições que nos auxiliam a compreender o nosso tempo.

ATIVIDADE FINAL

O mundo greco-romano nos legou importantes inovações e problemas que até hoje são bastante significativos. Para que você possa se dar conta da presença dos temas da Antigüidade Clássica na atualidade, proponho uma atividade dividida em dois momentos:

- a. Pesquise em jornais e revistas duas notícias que possam ser relacionadas com alguns dos temas estudados no texto de nossa aula. Como exemplo, pense em encontrar notícias ligadas ao avanço científico que podem ser relacionadas com as inovações intelectuais dos gregos clássicos, ou notícias relacionadas à desigualdade social no Brasil que podem ser relacionadas com a sociedade romana clássica.
- b. Com base nas duas notícias escolhidas, reflita sobre a importância e a atualidade da época clássica, de seus feitos e de seus problemas que até hoje nos transmitem ensinamentos.

COMENTÁRIO

Para essa questão não será preciso produzir um texto, mas somente atentar e refletir para a vinculação existente entre nosso tempo e o passado clássico, através das notícias atuais escolhidas e suas relações possíveis com a Antigüidade Clássica.

RESUMO

Algumas das principais questões que constituíram a História do Mundo Greco-Romano durante o período clássico estão relacionados à compreensão racional das potencialidades do homem. Nesse sentido, as inovações políticas e intelectuais dos gregos e as tentativas de solucionar conflitos sociais adotadas pelos romanos são exemplares. Vários valores do mundo contemporâneo tais como Democracia, Educação, Direito, Filosofia, são heranças da Antigüidade Clássica.



MOMENTO PIPOCA

Tróia trata-se de uma produção grandiosa, dirigida por Wolfgang Peterson em 2004, com belas e ilustrativas cenas sobre a vida na Grécia.

O *Gladiador* é um épico dirigido por Ridley Scott em 2000. Há cenas lindíssimas e uma réplica em tamanho natural do Coliseu. Além de apresentar alguns conflitos políticos da Roma Imperial, o filme retrata as lutas dos gladiadores e revela as impressionantes técnicas utilizadas no Coliseu, que fizeram da gladiatura um dos mais fantásticos espetáculos da Antigüidade.

SITES RECOMENDADOS

Visite o *site* Mundo dos filósofos e você poderá se divertir e se informar bastante sobre a Grécia antiga e a Guerra de Tróia. Na página você encontrará a história dessa guerra com muitos *links* interessantes sobre mitologia e cultura gregas.

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/troia.htm#Top>

Visite também especificamente para Roma, o *site* Starnews. Nele você encontrará muitas informações sobre a cultura romana, além de notícias curiosas. Você poderá até preparar uma deliciosa refeição, seguindo a receita do *site*. Lá você também poderá acessar dicas, comentários de livros e filmes sobre a Roma Antiga.

<http://www.starnews2001.com.br/historia.html>

Antigüidade Clássica: gregos e romanos 2

AULA 4

Meta da aula

Refletir sobre a aplicação dos conhecimentos sobre a Antigüidade Clássica no ensino de História para séries iniciais, na ótica dos PCN.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- identificar eixos de conexão entre os conhecimentos sobre a Antigüidade Clássica e o ensino de História para séries iniciais, na ótica dos PCN;
- conceituar nação, cidade-Estado, aculturação, monarquia e república;
- utilizar mais intensamente recursos didáticos, como os mapas históricos.

Pré-requisito

Esta aula fará referência aos conteúdos da Aula 3; assim como das Aulas 24, 25 e 26, do volume 3, da disciplina História na Educação 1.

INTRODUÇÃO

NAÇÃO

Palavra de origem latina, o substantivo nação (*natio*) significa, originalmente, “parto de uma ninhada”. Por extensão, passou a designar aqueles que nasceram da mesma mãe, em um mesmo tempo e, posteriormente, aqueles nascidos em um mesmo lugar. Na Idade Média, a Igreja romana passou a utilizar o termo nações (*nationes*) para identificar os pagãos e distingui-los do “povo de Deus”. O termo nação identificava, apenas, um grupo de descendência comum, enquanto o termo povo referia-se a um grupo de indivíduos organizados institucionalmente. Agora você entenderá porque os judeus eram conhecidos como “homens da nação”, em Portugal; e também, por que o termo foi usado para nomear sociedades indígenas e africanas. A partir da década de 1830, o vocábulo nação foi vinculado a uma sociedade organizada, a partir de princípios comuns (língua, religião etc.), em um Estado; e identificada por certos limites geográficos.

A **PÓLIS** grega é uma cidade autônoma e soberana. Tinha seus cultos particulares e seu regime político próprio. Os limites geográficos da pólis vão além do núcleo urbano, pois englobam todas as terras sob seu domínio político. O termo não se confunde, portanto, com o que hoje entendemos por cidade, pois significa um território agrícola de variada extensão, ocupado e explorado por populações essencialmente camponesas, mesmo no período de apogeu da urbanização.

No contexto do ensino de História para o 1º e 2º ciclo, a Antigüidade Clássica não constitui temática a ser trabalhada. Como vimos na Aula 2, os eixos temáticos e conteúdos propostos pelos PCN não contemplam o período.

Contudo, não é possível trabalharmos na perspectiva do PCN sem termos conhecimentos básicos sobre a civilização greco-romana. Você lerá muitas vezes que somos herdeiros dessa civilização. Perceberá a importância de suas criações culturais para as sociedades ocidentais. E os elos que unem nossa cultura à dos gregos e romanos.

Não se trata, portanto, de ter essa civilização como objeto de estudo para as séries iniciais, mas de estabelecer pontes, fazer referências constantes, entre o presente e esse passado longínquo.

O ensino de História deverá sempre se preocupar em ressaltar as continuidades (permanências) e as discontinuidades (mudanças), a fim de evidenciar que o tempo histórico não é linear nem tampouco evolutivo.

Nesse sentido, referências à História da Antigüidade Clássica podem enriquecer o aprendizado escolar em qualquer ciclo, por viabilizar a introdução de diversas temáticas para a reflexão. Trabalhem com algumas possibilidades!

IDENTIDADE E CIDADANIA

Um bom exemplo inicial é a questão da identidade. Na atualidade, costumamos relacionar a identidade cultural com a nacionalidade. Sabemos, entretanto, que o conceito de **NAÇÃO**, nessa acepção, é recente. Sabemos também que essa percepção de unidade é sempre relativa, dependendo dos referenciais que escolhemos para nossa análise. Nos entendemos como brasileiro, por exemplo, mas possuímos identidades específicas relacionadas com aspectos locais e regionais. A identidade é complexa porque resulta de uma rede ampla de relações do indivíduo com a sua comunidade, o ambiente e outras sociedades.

Vejamos o caso da Grécia Antiga!

Uma primeira ponderação é que, de fato, nem deveríamos falar em Grécia, o que gera uma referência política unitária. Não existiu, como hoje, um Estado grego, mas inúmeras cidades-Estado, denominadas **PÓLIS**.

Observe o mapa:



Figura 4.1: Mapa da Grécia Antiga.
Fonte: FLORENZANO, 1996.

Uma segunda reflexão, por extensão, é que não deveríamos falar em gregos. A pólis era a base da constituição da identidade do habitante da península balcânica na Antigüidade. Esses habitantes não se entendiam, portanto, como gregos, mas como atenienses, espartanos, tebanos. Reconheciam, entretanto, uma origem comum – helênica – da qual a língua e a religião eram os principais elos. É nesse contexto que podemos entender a realização das Olimpíadas, que canalizavam as disputas entre as cidades-Estado para o desempenho nos jogos, realizados em honra aos deuses olímpicos adorados por todos!

Por outro lado, tanto “gregos” quanto romanos entendiam que todos aqueles que não comungavam de sua cultura eram bárbaros. A diferença era, assim, nitidamente percebida por essas sociedades de forma negativa, depreciativa.

O acesso à propriedade privada da terra e a atuação no espaço público estavam intimamente relacionados com a cidadania; isto é, com o nível de inserção do indivíduo na comunidade que respaldava a existência de uma cidade-Estado.

Nesse sentido, nem todos os habitantes do território da cidade-Estado eram cidadãos. Havia, muito pelo contrário, uma vasta população não-cidadã! Entre esses contingentes de não-cidadãos estavam:

- estrangeiros;
- povos incorporados na expansão territorial ou nos processos de colonização;
- escravos.

Não se pode esquecer, também, que embora as mulheres fossem reconhecidas como membros da comunidade, elas permaneceram à margem da vida pública da *polis*.

ATIVIDADE



1. As palavras não podem ser utilizadas no ensino de forma descontextualizada e sem rigor conceitual. O pouco cuidado na escolha de certos termos pode produzir a transferência de significados do presente para o passado, que poderão implicar a compreensão distorcida das sociedades passadas. Justifique a afirmativa a partir do caso grego estudado.

RESPOSTA COMENTADA

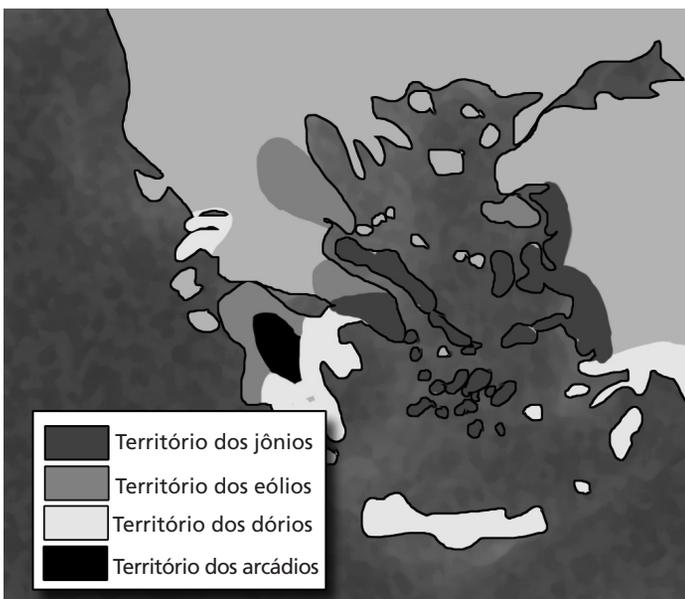
A utilização dos termos Grécia e gregos remete, naturalmente, o indivíduo contemporâneo às concepções de Estado-nacional e nacionalidade. Tais conceitos são anacrônicos para a compreensão das sociedades que se constituíram na península balcânica, no período da Antigüidade. O rigor na aplicação dos conceitos contribui, portanto, para a facilitação do processo de ensino-aprendizagem.

OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

Outro aspecto que pode ser valorizado é o papel das migrações na constituição, fortalecimento e declínio dos “gregos” e dos romanos.

A ocupação dos Bálcãs, por exemplo, foi resultado de um movimento migratório contínuo de povos que propiciou um processo de aculturação, base da formação da chamada civilização grega.

Figura 4.2: Mapa da Ocupação da Península Balcânica. Fonte: VICENTINO, 2000, p.62.



As cidades-Estado gregas produziram movimentos de colonização às margens do Mediterrâneo.

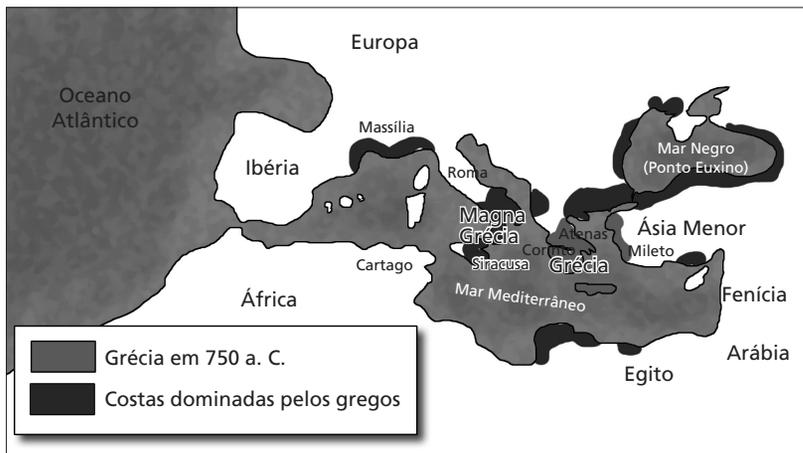


Figura 4.3: Mapa da colonização grega.
Fonte: VICENTINO, 2000, p. 68.

Por fim, o declínio das cidades gregas esteve intimamente associado ao domínio de outros povos, entre os quais se destacaram os macedônios e romanos.

Mais expressivo ainda foi a migração dos povos germânicos, situados ao norte dos limites do Império Romano, que contribuiu decisivamente para sua fragmentação em diversos reinos. Compare os dois mapas que se seguem!

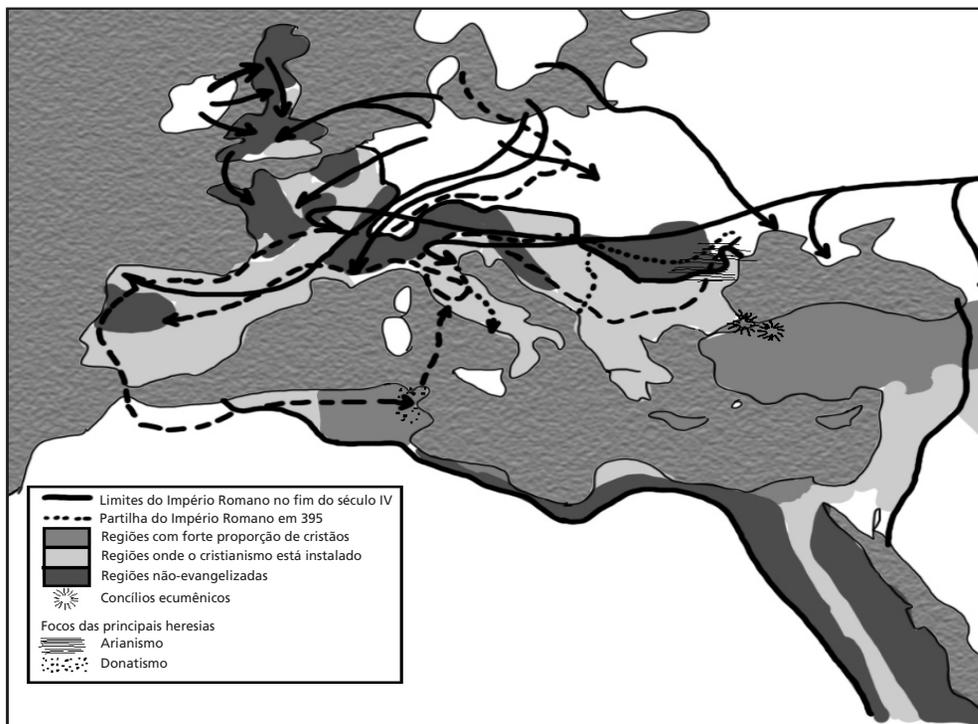
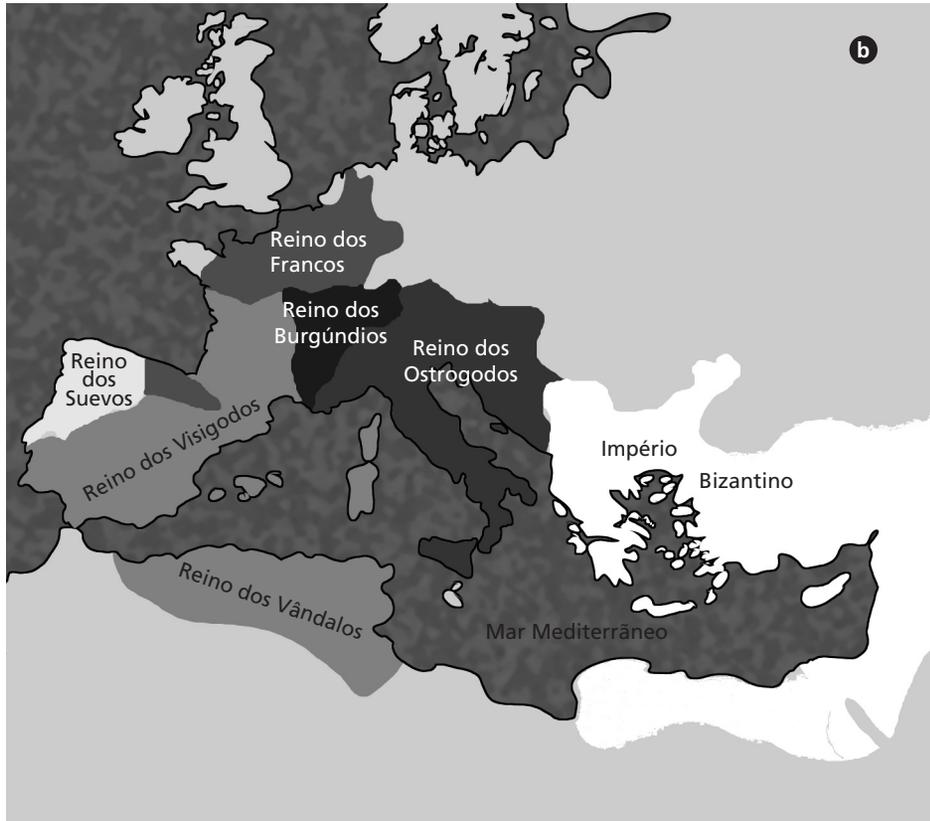


Figura 4.4: Mapa das Invasões Germânicas. (a) Rotas migratórias dos povos germânicos; (b) Reinos romano-germânicos. Fonte: (HISTÓRIA GERAL, p. 17 – mapas 1 e 2).



O primeiro mapa identifica as rotas migratórias dos povos germânicos, enquanto o segundo mostra os reinos romano-germânicos formados.

Obviamente, utilizar esses mapas não propõe o aprofundamento do tema. Mas propicia acesso a informações de momentos históricos diversos, por meio de linguagens diferentes, para gerar curiosidade e reflexão. Assim, processos históricos diferentes podem ser confrontados, ressaltando-se semelhanças e diferenças.

É importante para o aluno perceber que intensos processos de movimentação de populações estão presentes em toda a História da Humanidade; assim como, identificar motivações comuns e específicas para cada um desses processos. Claro que todo grande processo de movimentação voluntária de população esteve associado à busca de melhores condições de vida, mas outros fatores específicos também podem ser destacados, tais como mudanças climáticas, aumento populacional, fuga da instabilidade política, interesses comerciais etc.



ATIVIDADE

2. Os grandes movimentos de população não podem ser dissociados dos processos de aculturação. O convívio entre sociedades com manifestações culturais distintas produz trocas inevitáveis. Essas trocas podem reforçar e enfraquecer certas manifestações culturais originais ou recriá-las. Apresente dois exemplos contemporâneos do processo de aculturação.

RESPOSTA COMENTADA

Os exemplos são muitos. O importante é que você consiga identificar essa troca de cultura a partir da convivência entre diferentes. Ex.: A concentração de imigrantes islâmicos em diversos países ocidentais vem promovendo a difusão da religião islâmica, o que tem provocado reações diversas, inclusive de resistência (a proibição do uso do véu, pelas meninas, nas escolas francesas).

ORGANIZAÇÕES E INSTITUIÇÕES POLÍTICAS

É inegável, entretanto, que a herança greco-romana no campo da política tenha se destacado. Um primeiro aspecto a destacar é o do desenvolvimento da República em oposição à Monarquia. Nas monarquias, a direção do Estado está vinculada a uma pessoa, a qual exerce esta função com as características de perpetuidade (qualidade do que é perpétuo, perene, eterno) e irrevogabilidade (estado do que é irrevogável, definitivo). O rei é geralmente investido de seu poder pelo nascimento, em função de uma distinção de sua família, reconhecida pela sociedade. O rei e a rainha estão investidos de importância mágico-religiosa e/ou simbólica.

O caráter de perpetuidade e irrevogabilidade da função de rei evidencia-se claramente na vitaliciedade. O rei é rei até morrer. Por outro lado, o abandono da função só pode se realizar, legalmente, pela abdicação. Outras formas menos comuns de seleção do rei podem ser reconhecidas, além da hereditária (Ex.: eletiva).

Nas repúblicas, o governo é representativo, existindo diversos níveis de exercício do poder, legitimados pela comunidade através da escolha (eleição direta e/ou indireta) conforme estabelece a lei. As funções são temporárias, exercidas por certo período. Sobre o ocupante do cargo público recai o princípio da responsabilidade. O eixo norteador das decisões daqueles que assumem funções públicas é, pelo menos em princípio, o interesse coletivo, da comunidade.

Na atualidade, a forma de governo republicana tende a se confundir com a idéia de democracia. Nem sempre, contudo, os governos republicanos foram desempenhados de forma democrática, que pressupõe uma origem e uma legitimação popular. A maior parte da História da República brasileira, por exemplo, não teve caráter democrático, contando, inclusive, com períodos ditatoriais.



ATIVIDADE

3. **Circule** a palavra-chave que é característica política típica da **república**.

TEOCRACIA – ESCRAVIDÃO – RELIGIÃO – REPRESENTATIVIDADE

RESPOSTA

Representatividade.

RESUMO

A partir da identificação de alguns importantes pontos de contato entre a História da Antigüidade Clássica e as preocupações prioritárias identificadas pelos PCN para o ensino de História nas séries iniciais, destacou-se as possibilidades de discussão da identidade, da cidadania, do papel dos movimentos migratórios e dos significados das formas de organização do Estado.

CONCLUSÃO

Embora os conteúdos tratados até então não sejam, em si mesmos, preocupações do ensino das séries iniciais do Ensino Fundamental, é importante perceber o caráter acumulativo e associativo do conhecimento.

Nesse sentido, as referências constantes a sociedades distintas e períodos históricos diversos são fundamentais para estimular o estabelecimento de relações, por meio das comparações entre saberes específicos.

O conhecimento significativo só se constrói quando somos capazes de fazer transferências, produzir inferências e estabelecer conclusões autônomas, o que não é possível com informações estanques.

ATIVIDADE FINAL

Leia atentamente o Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil.

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

O significado de cidadania nas sociedades contemporâneas fica extremamente ampliado em sua concepção, se tomarmos como base o conceito presente nas sociedades da Antigüidade Clássica. Essa ampliação, entretanto, não possibilitou a efetiva integração igualitária dos membros da sociedade. Explique a afirmativa, a partir da realidade brasileira.

RESPOSTA COMENTADA

Nos estados democráticos ocidentais, especialmente, a cidadania é direito de todos aqueles que nascem sob a esfera de poder do Estado, legalmente constituído. Se perante a lei todos são iguais e possuem os mesmos direitos, na prática, o acesso à escolaridade, o poder econômico, as origens étnicas, por exemplo, são fatores que resultam em níveis diferentes de exercício da cidadania e de exclusão social real.

LEITURAS RECOMENDADAS

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla B. (org.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

Leitura básica para se ter uma visão abrangente da história da cidadania.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O mundo antigo: economia e sociedade*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

O volume 39 da Coleção “Tudo é História” se destaca por apresentar uma visão panorâmica da Grécia e de Roma.

GRAVES, Robert. *Deuses e heróis do Olimpo*. Rio de Janeiro: Xenon, 1992. Apresenta diversos mitos gregos.

PARADIDÁTICOS RECOMENDADOS

A Coleção “Como seria sua vida?”, da Editora Scipione, apresenta volume sobre Grécia e Roma (*Como seria sua vida na Grécia Antiga?* e *Como seria sua vida na Roma Antiga?*).

A Coleção “Desafios” da Editora Moderna tem livros dedicados à Grécia (*Visita à Grécia Antiga*) e a Roma (*Visita à Roma Antiga*).

A Coleção “Povos do Passado” da Editora Augustos também possui publicações dedicadas à Antigüidade Clássica (*No país dos deuses, os Gregos e Próximo ao mediterrâneo, os romanos*).

A Coleção “História Geral em Documentos” da Editora Atual possui volumes dedicados a sociedade grega e romana.



MOMENTO PIPOCA

Produções recentes: *Tróia* e *Gladiator*.

Produções clássicas: Os filmes épicos são inúmeros e marcam uma época do cinema norte-americano. Nem sempre há preocupação com o rigor histórico, mas se destaca a produção dos cenários e figurinos. Ex.: *Ben-Hur* e *Cleópatra*.

Idade média: o nascimento do Ocidente

AULA 5

Meta da aula

Apresentar aspectos políticos, econômicos e culturais da Idade Média.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- reconhecer as estruturas econômicas, políticas e culturais da Idade Média;
- compreender as transformações ocorridas ao longo dos dez séculos da Idade Média;
- identificar algumas especificidades da civilização medieval.

INTRODUÇÃO

Idade Média. Pare e pense: o que vem à sua cabeça ao ler estas palavras? Quais imagens atravessam a sua memória? Castelos! Catedrais! Cavaleiros! Reis e rainhas! Pestes e doenças! Fome e frio! Monges e conventos! Camponeses e místicos! Creio que muitas destas imagens são convidadas pela sua memória quando você lê ou ouve as palavras Idade Média. É bom que seja assim, pois todas elas, realmente, fazem parte da História do Ocidente medieval. E é por ela que nós vamos viajar nesta aula.

Antes de iniciarmos a viagem, é bom que você saiba como esses dez séculos de história são comumente divididos pelos historiadores:

- Alta Idade Média, que se inicia com a queda do Império Romano e vai até o século VIII.
- Idade Média Central vai do século IX ao XI.
- Baixa Idade Média, que se estende do século XII ao XV.

Há outras periodizações. Alguns historiadores costumam dividir cada um dos períodos citados em outros, levando em consideração aspectos específicos, tais como economia, religiosidade, demografia, política. Para os nossos objetivos, a divisão anterior é suficiente.

BÁRBAROS

Os romanos consideravam bárbaros todos os povos que viviam fora de suas fronteiras e não falavam a sua língua – o latim –, e não compartilhavam de seus princípios culturais e organizavam-se social e politicamente de forma diferente. Como toda civilização apresenta um forte componente de egocentricidade, os bárbaros eram os “outros”, e foram depreciados nos seus costumes. O Império Romano foi ameaçado, e depois invadido, por várias nações, que falavam línguas diferentes entre si, mas os romanos chamaram a todos de bárbaros.

UM DIFÍCIL COMEÇO

No ano 476 da nossa era, o chefe germânico Odoacro tomou de assalto a capital do Império Romano, destituiu o jovem Rômulo Augusto e enviou a Constantinopla as insígnias imperiais. Esta data marcou, na cronologia histórica, o fim do Império Romano do Ocidente e o nascimento da Idade Média. A mesma data e o mesmo evento assinalaram o encerramento de uma fase da História e o início de outra: a Idade Média nasceu dos escombros do Império Romano; construiu-se com os seus restos, alimentou-se de suas ruínas. Durante muito tempo, os homens da Idade Média e da Antiguidade romana viveram uma longa transição. Já não eram romanos, mas também ainda não eram medievais.

Não podemos pensar que uma data encerra um período histórico. A queda do Império Romano já se desenhava no horizonte havia séculos. O enfraquecimento das instituições políticas, o recuo da justiça, o empobrecimento geral, a insubordinação de alguns setores do exército, a ousadia dos **BÁRBAROS**, o avanço do cristianismo e o esvaziamento das cidades são apenas alguns dos sintomas da decadência que se configurava de longa data diante dos olhos dos romanos. E não podemos dizer que

depois da queda, em 476, o cenário de desamparo e caos tenha cedido espaço circunstâncias novas e tranqüilizadoras. A Idade Média teve um começo difícil. Uma era de medo e incertezas. De guerras e doenças. De ferro e fogo.

Odoacro, o chefe bárbaro que invadiu a Cidade Eterna retirando-lhe o título de capital do Império, era apenas um dentre os chefes de inúmeras nações germânicas que tentavam fixar morada em alguma província do vasto e poderoso Império Romano. E a maneira de conquistar uma parcela de terra no interior do Império era invadir. Por isto este período ficou conhecido na História como invasão dos povos bárbaros.

Para ter uma fronteira forte e bem guarnecida era preciso conservar a economia estável, pois a manutenção de um exército era cara. Além disso, a organização administrativa também deveria manter-se em nível elevado, uma vez que o deslocamento e o suporte das tropas exigiam muita logística. Para evitar que as ordens fossem questionadas e as insatisfações dos soldados se manifestassem em forma de sublevação, fazia-se necessária uma hierarquia rigorosa, na qual a autoridade fosse exercida sem contestação. Todavia, essas condições, apontadas como necessárias para a manutenção da inviolabilidade das fronteiras do Império, não foram sustentadas.

No século V, quando Odoacro conseguiu penetrar na Cidade Eterna, o Império Romano já não podia ostentar a imagem de uma unidade inquebrantável. Em seu vasto território, diversas nações bárbaras haviam invadido e estabelecido domínio. Algumas destas nações haviam inclusive sido convidadas a prestar serviços aos romanos, ajudando-os na guerra contra outros povos que almejavam romper as fronteiras.

Viver no Império tornava-se cada vez mais perigoso. As instituições encarregadas de garantir a segurança dos cidadãos não eram mais capazes de cumprir suas funções. Os magnatas – autoridades romanas que possuíam terras nas províncias do Império – tendiam a buscar abrigo no interior, na medida em que as cidades eram os alvos preferidos dos invasores que pretendiam pilhar as riquezas acumuladas. Na falta de instituições militares encarregadas de prover a segurança, os grandes proprietários de terra que se interiorizavam trataram de formar os seus corpos militares, o que deu início a um processo de privatização da segurança.

Além disso, a vida no campo também não era fácil e segura. Qualquer camponês estava sujeito a receber a visita indesejada e violenta de bárbaros e salteadores, que se multiplicavam conforme a desordem crescia. Muitos pequenos proprietários – camponeses livres que não tinham meios para proteger as suas terras – foram se colocando ao abrigo dos grandes senhores: trocavam terras e liberdade pela segurança que as grandes propriedades podiam oferecer.

Dessa forma, lentamente, processou-se uma mudança na condição da liberdade e da propriedade da terra. Não adiantava ser livre e proprietário num ambiente extremamente hostil, que a todo momento exigia novas e caras estratégias para garantir a vida. Assim, na falta de melhores opções, a antiga liberdade foi sendo trocada por segurança: o camponês livre migrava gradualmente para a condição de servo, na qual dividia o seu tempo de trabalho entre as terras que cultivava para o próprio sustento e as terras que forneciam produtos ao senhor.

Mas não só os camponeses perdiam a liberdade. Com o esvaziamento das cidades, muitos profissionais deixavam seus antigos postos de trabalho, uma vez que se viam ameaçados pela desordem e violência. Tentando minimizar a sangria de profissionais que este movimento de fuga provocava, foram formuladas leis rígidas de hereditariedade. Por meio destas, o filho do carpinteiro, por exemplo, deveria seguir a profissão paterna e assumir o seu posto de trabalho. Note, portanto, que tais medidas, ao mesmo tempo que tentavam manter a ordem e o funcionamento das cidades, acabavam ferindo profundamente a liberdade.

Porém, atenção: o servo não era escravo!

Qual a diferença? O escravo pertencia a um senhor. Ele era coisificado, ou seja, era tratado como um objeto destituído de vontade e deveria submeter-se a toda e qualquer decisão do seu senhor. Não havia negociação entre eles. Em contrapartida, o servo medieval dependia de um senhor: a ele estava submetido, mas não lhe pertencia. Antes, o servo pertencia à terra! Imagine, por exemplo, que um proprietário queira vender, doar ou deixar de herança uma parte de suas terras. Ele não o pode fazer sem os servos, pois estes estão ligados diretamente à terra. Não são meros objetos; não podem ser tratados como mercadorias e separados das terras que os contêm!

A Idade Média, pode-se dizer, iniciou-se com um empobrecimento geral: produzia-se menos na terra; as técnicas agrícolas não

experimentavam nenhuma inovação; a densidade demográfica caía e o comércio declinava acentuadamente (pois se a produção diminuía, pouco sobrava para vender). A subsistência figurava no topo das preocupações. E as estradas, que no Império Romano eram seguras e bem pavimentadas, tornavam-se cada vez mais perigosas e acidentadas. Transportar mercadorias era um grande risco. Os caminhos estavam cheios de salteadores, que buscavam sobreviver ou enriquecer assaltando caravanas de comerciantes e viajantes. Seria um exagero dizer que no início da Idade Média o comércio paralisou-se. Mas é certo dizer que ele sofreu um nítido declínio. Era uma época ensimesmada, isto é, voltada para dentro de si mesma. As dificuldades eram muitas, e as soluções giravam em torno do recolhimento. O senhorio, nome dado às grandes propriedades de terra, comandado por um senhor, despontava como a solução mais adequada.

ATIVIDADE



Os pobres estão despojados, as viúvas gemem e os órfãos são pisados a pés, a tal ponto que muitos, incluindo gente de bom nascimento e que recebeu educação superior, se refugiam junto dos inimigos. Para não perecer à perseguição pública, vão procurar entre os Bárbaros a humanidade dos Romanos, pois não podem suportar mais, entre os Romanos, a desumanidade dos Bárbaros (SALVIANO apud LE GOFF, 2002, p. 36).

1. O texto que você acabou de ler, de autoria de Salviano, que viveu as agonias da decadência do Império Romano, reflete a insegurança dos homens diante da crescente barbarização do mundo. Explique de que forma este texto sintetiza a transição da Antiguidade para a Idade Média. Você levará, em média, vinte minutos para resolver esta atividade.

RESPOSTA COMENTADA

O texto de Salviano sintetiza essa transição na medida em que reflete o desmoronamento da ordem imperial e o estabelecimento do caos provocado pelas invasões e pelo recuo das instituições encarregadas de manter a ordem e a justiça.

DOS REINOS BÁRBAROS AO SACRO IMPÉRIO ROMANO GERMÂNICO

Você aprendeu, até agora, que alguns povos bárbaros penetravam o Império Romano e nele estabeleciam morada. Mas de que forma? Estariam eles acampando, como faziam antes das invasões? Que tipo de organização política adotavam?

Os povos germânicos, que compunham grande parte dos chamados bárbaros, não conheciam a cidade, a escrita, nem padrões políticos fixos. Eles se organizavam em tribos, que eram guiadas por chefes guerreiros. Tiravam seu sustento da criação de animais e do butim de guerra, que era dividido entre os combatentes. O valor máximo atribuído aos homens livres era o de guerreiro. Trabalhar a terra, pastorear o gado, erguer muros eram atividades desconhecidas ou negligenciadas. Quando as conheciam, deixavam-nas aos escravos. Em oposição, no Império Romano, as cidades representavam o centro da vida cívica e, embora a elite também deixasse aos escravos e subalternos as atividades produtivas, a sociedade romana conhecia a escrita e organizava as suas tradições e leis em *corpus* jurídicos, além de ter uma organização política determinada por lei.

Você deve estar se perguntando como estas distintas tradições conviveram depois das invasões. Vejamos.

Os bárbaros não queriam destruir o Império Romano, queriam, sim, desfrutar daquele estilo de vida. Embora resistissem culturalmente a adotar sem restrições os traços da civilização romana, eles absorveram muitos de seus princípios. Dentre eles, devemos destacar os da organização jurídica e burocrática. E foi da mescla de suas tradições com as apreendidas dos romanos que surgiram os reinos germânicos. Alguns foram mais duradouros e fortes, outros apenas efêmeros e fracos, mas eles têm em comum o fato de marcarem o início da Idade Média.

Apesar da difícil convivência, germânicos e romanos criaram, paulatinamente, pontos de fusão. Os contatos acirravam-se por contingência espacial: os germanos se estabeleceram em regiões já ocupadas por romanos. Lembre-se dos representantes da elite que, pressionados pelas novas circunstâncias impostas pelas invasões, retiraram-se para as grandes propriedades rurais. Esta mesma elite receberá a vizinhança daqueles que foram um dia considerados invasores,

e que agora passavam a figurar como senhores: os novos soberanos. Tal proximidade impôs novas formas de convívio, o acirramento de trocas e o compartilhamento de interesses. Podemos dizer que foi no âmbito das elites que as primeiras barreiras entre romanos e bárbaros começaram a ruir, dando lugar a uma ponte que os aproximou. E todos passaram a viver sob uma nova realidade política: os reinos bárbaros.

Os visigodos na Espanha, os francos na França, os lombardos na Itália são exemplos de povos que passaram de invasores a construtores de reinos. Eles deram início a novas experiências políticas na Europa, que marcariam profundamente a política do continente.

Porém, muitas dificuldades ainda caracterizariam essa época conturbada. A tradição germânica tendia a considerar o reino como uma propriedade do monarca, e não como uma *res publica*, ou seja: coisa pública, pertencente a todos. Para obter mais poder e conseguir a adesão de novos guerreiros, esses monarcas tendiam a distribuir terras, a maior fonte de riquezas à época, perdendo parte do seu patrimônio, ou seja: para obter poder, distribuíam a fonte do seu poder! Além disso, quando morriam, dividiam o reino entre seus filhos, como se se tratasse de uma propriedade privada. Com o tempo, vários conflitos decorreram desta prática. E a descentralização do poder foi se tornando a característica básica da política dos séculos VII e VIII.

Havia ainda o problema religioso. Os germanos eram pagãos na época das invasões. No decorrer do século V, muitos se converteram ao cristianismo, porém adotaram um cristianismo considerado herético – o arianismo –, que fora condenado pelo papado. Como a Igreja também crescia em poder e influência, foi se chocar com os germanos arianos. O único povo que se converteu diretamente ao cristianismo romano foi o dos francos. Aliados do papa, no século VIII, esse povo se tornou o mais poderoso dentre todos, sendo considerado o braço armado da Igreja. Deste casamento nasceu um novo império.

No Natal de 800, Carlos Magno foi coroado e sagrado imperador pelo papa Leão III. Veja que dissemos “coroado e sagrado”. Ele recebeu a coroa das mãos de um papa, que com o seu poder espiritual fez dele um imperador sacro. Este ritual repetiu-se inúmeras vezes ao longo da Idade Média, representando uma proximidade entre política e religião, que nem sempre foi vivida de forma pacífica e equilibrada.

O novo imperador assumiu, então, funções guerreiras e administrativas de suma importância. O seu ímpeto conquistador, que já havia sido demonstrado em vários episódios, transformou a Europa no Império Sacro Germânico. Vários reinos caíram sob a sua espada e foram anexados aos domínios carolíngios e papais. Ampliar posses era fundamental, pois a força da economia vinha da terra. E administrá-la bem era urgente e necessário, à medida que os recursos essenciais do Império eram extraídos dos seus vastos domínios fundiários.

Em uma época na qual escrita e leitura eram habilidades raras, Carlos Magno criou escolas importantes. Educou religiosos e leigos e criou um corpo de funcionários capacitados a gerir os complexos negócios imperiais. Os saberes desenvolvidos nestes centros de estudo ecoaram, a ponto de esse momento histórico ser chamado por alguns historiadores de Renascimento carolíngio. O imperador deixou instruções claras de como deveriam ser administrados os seus domínios, esforçando-se por controlar suas posses e os rendimentos de seus bens móveis e imóveis.

A terra serviu aos carolíngios como recurso para alavancar os seus poderes, sendo distribuída em troca da fidelidade e serviços. Porém, conforme eram distribuídas, escapavam do controle central, criando uma realidade de tal forma fragmentária, que com o passar do tempo, não seria mais possível pensar em unidade imperial no campo prático – o que ficou demonstrado no século X, com a nova onda de invasões sofrida pela Europa. A incapacidade de conter as ondas de agressão provocadas pela chegada dos magiares e dos vikings expôs a fragilidade deste Império. Durante esse episódio, a defesa foi, na realidade, efetuada pelos vários senhores locais. O poder ganhava uma dimensão local e ultrapassava as funções imperiais. Era o começo do Feudalismo.

Antes de tratarmos especificamente do Feudalismo, é importante destacar mais uma característica do poder imperial. Foi graças a Carlos Magno que o papado tornou-se um estado rico, poderoso e detentor de terras. Além de desempenhar com esmero e vitalidade as funções de imperador, Carlos tomou para si a função de proteger a cristandade, sentindo-se no direito de intervir diretamente nas questões religiosas. Tal fato criou, podemos dizer, uma confusão dos domínios temporal e espiritual. Depois da sagração, os carolíngios se consideravam verdadeiros sacerdotes, encarregados também da saúde espiritual do povo cristão. Nesse sentido, passavam a encarar bispos e padres como

se fossem seus condes e vassallos. Ordenavam executar ordens e assinar documentos relativos às questões especificamente religiosas. A partir do século XI, esse comportamento se tornou um problema e deu origem a sérios e violentos conflitos entre o papado e o Império.



ATIVIDADE

2. Você acabou de estudar um processo histórico que levou a Europa a experimentar duas formas de governo. Primeiro os reinos germânicos, depois um império que pretendeu unificar vários reinos sob uma única coroa. Explique de que forma o papado participou deste processo de unificação. Você empregará, em média, trinta minutos para realizar esta tarefa.

COMENTÁRIO

Para desenvolver bem esta atividade, você precisa destacar o caráter sacro que o papado imprime aos governantes carolíngios, além de ressaltar que a contrapartida deste investimento sacro vem em forma de domínio territorial para o papado.

O FEUDALISMO

Você já ouvir falar em Feudalismo. Agora você vai compreender como a Idade Média construiu esta complexa experiência política, social, econômica, jurídica e religiosa. Parece um exagero apontar tantos setores da vida social como marcados pelo feudalismo, mas você perceberá que ele esteve presente em vários aspectos da vida dos medievais.

Vou começar com uma afirmação e tentarei explicá-la nas próximas linhas. Houve relações feudais durante toda a Idade Média, mas não houve feudalismo em toda a Idade Média.

Por quê? Bem, relação feudal pressupõe a presença do feudo intermediando um contato, um acordo, enfim, uma relação. E feudalismo indica um sistema sociopolítico regulado pelas relações feudais. E o que é o feudo? É algo que se empenha para selar uma relação. Pode ser

uma porção de terra, mas não só. Pode ser também uma ponte, uma quantidade de dinheiro, um cargo. Por exemplo: um determinado senhor tem dentro dos seus domínios uma ponte que cobre um rio. Ela está numa rota de comércio importante. O senhor pode dar a um vassalo a ponte como feudo, possibilitando que ele ganhe dinheiro ao cobrar pedágio pela passagem da mesma. Em troca, o vassalo deve ao senhor obediência, conselhos e apoio na guerra. Está instaurada uma relação feudal, que sempre supõe um senhor e um vassalo. Um doa algo que possibilita ao outro sobreviver e servi-lo.

Essas relações foram comuns na Idade Média, mas elas, por si, não fundam um sistema sociopolítico. Lembra do início da aula, quando estudamos a ruralização da sociedade depois das invasões bárbaras? Muitos camponeses livres se colocaram sob os cuidados de grandes senhores. Trocaram a liberdade e suas terras pela proteção que só os grandes proprietários poderiam oferecer. Em troca, além das terras, eles davam parte da sua produção. Esta é uma relação de tipo feudal, embora não haja feudalismo.

Agora, preste atenção: no Império carolíngio, as relações feudo-vassálicas ocorriam freqüentemente, mas não podemos afirmar que se tratasse de regime feudal ou feudalismo, pois este se caracteriza pela fragmentação do poder, o que não ocorre em regime imperial.

Antes de prosseguir, é importante que você conheça um pouco da representação que os homens na Idade Média faziam do mundo social em que viviam. Para eles, a sociedade estava dividida em três ordens: “o gênero humano estava, desde a sua origem, dividido em três: as gentes da oração, os cultivadores e as gentes da guerra” (ALDABERON DE LEON apud GEOGES DUBY, p. 25). Para os pensadores medievais, e talvez para a grande maioria dos que viveram este longo período da história, os homens estavam divididos em três funções. Uns tinham de guerrear e proteger os que trabalhavam e os que rezavam. Outros tinham de rezar pelos que trabalhavam e por aqueles que lutavam. Muitos, ainda, deveriam trabalhar para alimentar os que lutavam e os que rezavam. Esse era o mundo perfeito, equilibrado. Esta representação deixa claro que os agentes sociais entendiam-se como partes de um conjunto harmônico; sustentado pelos laços de dependência, laços estes que são realizados nas relações feudo-vassálicas.

Percebeu a diferença? O Feudalismo ocorre quando, além das relações acima explicadas, o poder encontra-se descentralizado e distribuído nessas mesmas relações. Assim, no Feudalismo, um senhor, além de possuir terras, era também detentor do direito de administrar a justiça e de executar leis. Ele passa a representar o poder supremo. Podia haver um rei, mas o senhor governava na sua propriedade, assumindo poderes normalmente atribuídos ao Estado.



ATIVIDADE

FEUDALISMO. No sentido exato do termo: vínculos feudo-vassálicos. Conjunto de instituições que criam obrigações de obediência e de serviço por parte de um homem livre, dito vassalo, e obrigações de proteção e manutenção por parte do senhor para com o seu vassalo. Em troca da sua fidelidade, o vassalo recebia do seu senhor a posse hereditária de um feudo (LE GOFF, 2002, p. 296, v. 2).

3. Leia atentamente a definição oferecida pelo historiador Jacques Le Goff e escreva que aspecto ele deixou de abordar para uma precisa e completa definição de Feudalismo.

Você levará em torno de trinta minutos para realizar esta atividade.

RESPOSTA COMENTADA

Basta acrescentar o aspecto político. Como você aprendeu, o Feudalismo não é só a relação estabelecida entre homens livres. Ele é um regime político, que outorga ao senhor poderes normalmente atribuídos ao Estado.

O CÉU ESTRELADO DA NOITE MEDIEVAL

Você já viu uma catedral gótica? Observe a imagem a seguir. Trata-se de uma construção enorme, muito alta, bem iluminada por um complexo jogo de luz, que consiste em filtrar o sol por múltiplos pedaços de vidros coloridos, que formam imagens sacras. A catedral ergueu-se no horizonte medieval como símbolo de crescimento, vigor e fé.



Elas começaram a ser construídas no século XI. E é a partir desta data que vamos encontrar uma Idade Média efervescente. Uma ampla gama de fatores interagiram na transformação da paisagem medieval. A construção de novos e potentes edifícios foi apenas um dos sinais exteriores do desenvolvimento experimentado pela cristandade. A fé também experimentou novos caminhos e novos rigores. A universidade, esta invenção medieval que perdura até os dias atuais, surgiu nesse novo cenário, que teve a cidade como palco de espetaculares transformações. As cruzadas, os místicos, o desenvolvimento da agricultura, o crescimento demográfico, o aquecimento comercial foram fatos correlatos às catedrais. Todos são filhos de uma mesma época e do mesmo vigor.

E tudo começa com a terra. Você aprendeu que a terra foi a fonte mais importante de riqueza e de poder da Idade Média. E aprendeu

também que a baixa produtividade agrícola estava ligada à estagnação das técnicas. Podemos acrescentar às questões técnicas, que incluíam a exploração do solo e os instrumentos de cultivo, um traço climático: a Europa Ocidental tornou-se mais seca e temperada entre os séculos VIII e XIII, criando condições para um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis.

Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? Esta pergunta, tantas vezes formulada no nosso cotidiano, também faz parte do repertório de dúvidas dos historiadores. Alguns fenômenos históricos não revelam facilmente a seqüência da sua formação. E é assim com o crescimento demográfico na Idade Média. O que ocorreu primeiro: aumento populacional ou produção alimentar? Não se sabe ao certo, mas o fato é que os dois aumentos estão intimamente ligados. E sabe-se também que a produção alimentar aumentou a qualidade de vida de todos, criando uma população mais forte, mais disposta a trabalhar e mais resistente às doenças. E quanto mais forte essa população se tornava, mais filhos ela era capaz de manter vivos e com saúde. Então a população crescia, e com ela a necessidade de novas terras para produzir alimentos.

As novas terras conquistadas eram terrenos abandonados, incultos, muitas vezes alagados e cobertos por densas matas, que permaneceram durante séculos sem serventia, pois não havia braços para trabalhá-los, nem bocas que necessitassem urgentemente de seus frutos. À proporção que o povo crescia e se fortalecia, fazia-se necessário a conquista de novos espaços para a produção. Os trabalhadores entravam em ação e transformavam os espaços incultos em terrenos produtivos.

Para auxiliá-los na árdua tarefa de abrir novos campos, entrou em cena a utilização do cavalo e uma nova maneira de explorar as forças animais: ao invés de atrelar o arado ao pescoço dos animais de tiro, que explorava pouco as suas forças além de sufocá-los, passou-se a atrelá-los pelo peito, o que aumentando a capacidade de carga e a resistência. Assim, cada vez mais, os animais de tiro foram utilizados de forma adequada e contribuíram imensamente para o aumento da produção.

Somou-se, ainda, a esse considerável avanço, a nova maneira de dividir o campo. Geralmente os terrenos devotados ao plantio eram divididos em dois. Em uma metade plantava-se, enquanto a outra descansava. A partir do século XI, vulgarizou-se a divisão dos terrenos em três partes, prática que veio a se chamar agricultura trienal. Uma parte

descansava e duas produziam. Essa nova abordagem do solo provocou um aumento, em média, de um terço na produção.

E tem mais! Além da nova tração animal e da divisão do solo, os camponeses passaram a plantar leguminosas (favas, feijões) nas partes dos terrenos que descansavam, pois elas ajudavam na recuperação do solo. A consequência deste ato foi fantástica, pois houve nitidamente uma alteração na dieta dos medievais. Eles passaram a ingerir mais ferro, o que fortalece principalmente as mulheres que necessitam desse mineral mais do que os homens, porque menstruam e amamentam. Mulheres mais fortes e saudáveis, crianças mais fortes e saudáveis! Ou seja, muito do crescimento demográfico deste período deveu-se, diretamente, a uma baixa de mortalidade, tanto infantil quanto feminina.

A paz também exerceu um importante papel neste quadro de desenvolvimento. Desde o século X, as invasões pararam de atormentar, destruir e assustar as populações. A Igreja fez a sua parte. Estabeleceu regras para a guerra e para as disputas, que não poderiam mais ocorrer todos os dias, mas deveriam seguir um calendário. A este disciplinamento deu-se o nome de Paz de Deus. Vale lembrar que os conflitos na Idade Média central eram encontros entre cavaleiros. Em geral, eles não envolviam grandes exércitos, e sim alguns combatentes. A guerra, no feudalismo, tornou-se uma atividade de guerreiros especializados. E o objetivo não era matar o inimigo, era capturá-lo e cobrar resgate de seus vassalos: menos mortes.

Com o cessar das invasões e um certo controle sobre os combates, as estradas tornaram-se um pouco mais seguras e os comerciantes ousaram levar cada vez mais longe as suas mercadorias. E, com o crescimento da produção nos campos, houve excedentes a comercializar. Dessa maneira, o comércio viveu um recrudescimento notável a partir do século XI. As mercadorias chegavam de longe. Novos produtos eram oferecidos nas feiras locais. As moedas circulavam bastante, pois deviam suprir a necessidade monetária das operações comerciais. Os bancos, principalmente italianos, criaram mecanismos de troca eficientes, estabelecendo o câmbio. Os senhores, que antigamente queriam receber os pagamentos em víveres porque não tinham onde gastar moedas, começaram a dar preferência ao dinheiro. Alguns camponeses livres e servos passaram a pagar tributos aos senhores em moeda, liberando suas forças para novos empreendimentos.

As cidades. São nelas que se ergueram as catedrais, além das casas de pedra dos burgueses. Elas cresceram rapidamente. Eram entroncamentos de vastas redes comerciais. Nelas reviveram as profissões, que agora se organizavam em corporações e criavam novas regras de convívio, escapando dos grilhões feudais. Nas cidades respira-se a liberdade, dizia um ditado alemão. O servo que nela permanecesse por um tempo e não fosse reclamado por seu senhor, tornava-se livre cidadão. As cidades compraram dos senhores laicos e eclesiásticos o direito de autogestão. E nelas nasceram as universidades, que começaram como escolas paroquiais e ganharam novas dimensão e atribuição. O intelectual é uma criação medieval, uma criação da cidade especificamente. Por mais que as universidades estivessem sob a tutela de um príncipe ou da Igreja, elas reclamavam por liberdade de pensamento e de criação. O título do docente era por ela, e somente por ela, expedido. E para conquistá-lo era necessário, como hoje, submeter-se às suas regras e bancas avaliadoras.

Outro fenômeno relacionado a essa etapa de desenvolvimento foram as cruzadas. Elas representaram um movimento poderoso de fé e de necessidade de terra. O crescimento demográfico não atingiu somente os camponeses. Você já viu que muitas terras foram conquistadas dos pântanos e das florestas. Mas a nobreza necessitava de mais. Ela precisava de novas propriedades para seus filhos. Considere o seguinte: se um senhor feudal tivesse muitos filhos homens e dividisse as suas propriedades entre todos, com o passar do tempo elas ficariam pequenas, tornando-se insuficientes para gerar riquezas. E isso seria um problema, não é verdade? Como resolvê-lo? A solução foi estabelecer que as propriedades seriam herdadas pelos primogênitos. E os outros? Uns poderiam ingressar na carreira eclesiástica ou na magistratura, que ainda era tímida nesta época. Muitos, porém, foram criados no ambiente da cavalaria. Queriam tornar-se senhores. São estes, principalmente, que se lançam nas cruzadas em busca de perdão e de terra.

A CRISE: "OUTONO DA IDADE MÉDIA OU PRIMAVERA DOS NOVOS TEMPOS"

Os séculos XIV e XV foram marcados por guerras, fomes, pestes, insurreições, desvalorizações monetárias e queda na produção. A Idade Média caminhava para seu fim, ostentando um quadro de penúria e

degradação. Deste quadro, emergirá mais tarde a Idade Moderna, inaugurada pelo brilho do Renascimento. Vejamos o que ocorreu.

No período de expansão, você aprendeu que a necessidade de terras cresceu e elas foram buscadas nos campos e nas florestas. Grande parte das porções de terras conquistadas não eram muito férteis. Depois de algumas colheitas elas começaram a produzir menos. As florestas, que foram derrubadas para dar lugar à plantação e também para gerar a energia que alimentou o crescimento, recuaram em níveis alarmantes, provocando desequilíbrios ecológicos. Chuvas torrenciais e invernos prolongados afetavam as colheitas, provocando a fome em várias regiões. As populações estavam menos alimentadas e as guerras ceifavam a vida dos mais jovens e resistentes. O comércio continuou a trilhar o caminho do lucro, agitando as cidades e nutrindo de luxo aristocratas e burgueses, mas já não encontrava a tranqüilidade de outrora. Importantes casas bancárias florentinas vão à falência, desestabilizando a economia européia.

Mas nada se comparou aos estragos provocados pela peste negra, uma doença transmitida pela pulga do rato, que devastou um terço da população européia. Em poucos anos ela varreu do mapa milhares de indivíduos. Não escolhia idade nem classe social. A sua ferocidade deixou marcas profundas na sensibilidade medieval. Segundo os cronistas da época, ela causava tantas vítimas, que os corpos empilhavam-se nas portas das casas. Os cemitérios não conseguiam abrigar tantos cadáveres, os quais, largados por toda parte, deixavam um cheiro de podridão e morte no ar. Não havia caixão para todos, e tornou-se comum colocar num mesmo féretro dois, três corpos. Os pais não tinham tempo de chorar seus filhos. Todos tentavam escapar, mas não sabiam para onde ir.

A peste é uma síntese da crise medieval. Segundo as fontes e cronistas da época, ela chegou à Europa em navios genoveses. Mercadores da importante cidade de Gênova foram sitiados pelos tártaros num posto de comércio na Criméia, mas resistiram ao cerco. Como a peste abateu parte do exército tártaro, antes da retirada, os comandantes ordenaram que fossem lançados cadáveres contaminados por meio de enormes catapultas. Os comerciantes voltaram para a sua cidade, mas traziam consigo a contagiosa doença, que encontrou uma população debilitada e ignorante em relação às suas formas de contágio. Segundo alguns demógrafos, o nível populacional da Europa só foi restabelecido no final do século XVI.

No campo religioso, a situação também era bastante tensa. A unidade cristã experimentava fortes golpes: as heresias ganhavam corpo, os poderes papais e imperiais entravam em conflito pela supremacia, e a população buscava saída para as angústias espirituais na heterodoxia. Era a crise da cristandade e, ao mesmo tempo, o anúncio de uma nova era.



ATIVIDADE

4. Destaque dois aspectos da crise da Idade Média e compare-os com o período de crescimento.

Você levará cerca de trinta minutos para realizar esta atividade.

RESPOSTA COMENTADA

A sua resposta vai depender dos aspectos selecionados. Você aprendeu, por exemplo, que no período de crise que antecede o fim da Idade Média, por causa da peste negra, a população estava bastante diminuída. Esta depressão demográfica significou menos trabalhadores em atividade, provocando fome e esfriamento comercial. No período de crescimento, ocorreu exatamente o contrário: a população crescia e com ela a produção. Quanto mais se produzia, mais o comércio se aquecia. Este é um exemplo de como proceder para desenvolver a atividade.

CONCLUSÃO

Você acabou de estudar alguns traços da civilização medieval. Pode-se dizer que foi uma época marcada por avanços e recuos no campo da paz, da produção, das doenças e da política. Uma época de muitos conflitos, mas que teve a força de definir o que seria o Ocidente. Hoje, quando olhamos para o mapa da Europa, deparamo-nos com vários países que estavam sendo gestados na Idade Média. Quando pensamos no cristianismo e em sua enorme força, podemos observar o seu crescimento e estabelecimento como religião soberana na Europa medieval.

As universidades nasceram de exigências e conflitos tipicamente medievais. Importa aqui ressaltar que neste período, chamado por muitos Idade das Trevas, forjaram muitas das instituições que até hoje caracterizam a História do Ocidente.

ATIVIDADE FINAL

Há hoje, em vários setores da cultura, uma vasta produção sobre o período medieval. Nem sempre elas são fiéis ao passado e nem sempre ajudam a melhor compreender esse período. “Mas reflete um dado essencial: a percepção que se tem da Idade Média como matriz da civilização ocidental cristã. Diante da crise atual dessa civilização, cresce a necessidade de se voltar às origens, de refazer o caminho, de identificar os problemas. Enfim, de conhecer a Idade Média para conhecer melhor os séculos XX-XXI” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 155).

Identifique na atualidade alguns objetos, modas, comportamentos que fazem referência à Idade Média e enumere-os. Depois, escreva uma pequena redação, explicando como as informações coletadas na sua pesquisa podem nos ajudar a compreender o mundo atual.

COMENTÁRIO

Vai depender de suas escolhas. Depois de coletar o material, você levará em torno de trinta minutos para escrever a sua pequena redação.

RESUMO

O período compreendido entre o desmoronamento do Império Romano e o final da Idade Média é um capítulo complexo da História do Ocidente. Foi marcado pela oscilação entre centralização e descentralização do poder e pela variação no estatuto do trabalhador e sua relação com a terra. O poder estava diretamente ligado à posse de terra; os cavaleiros formavam uma elite especializada no mando e na guerra, e a Igreja crescia auxiliada por imperadores. Foi pontuada, ainda, por oscilações de fome e pela cruel decadência que se abateu depois de um período de prosperidade e exploração agressiva da Natureza.



MOMENTO PIPOCA

Há muitos filmes produzidos sobre a Idade Média, mas a maioria desvia-se de pontos importantes, criando uma visão romanceada do período e dos fatos. Vou indicar um, chamado *Excalibur*, que trata do círculo arturiano e dos cavaleiros da Távola Redonda. É um belo filme, além de ser bastante fiel às lendas medievais. É uma produção inglesa, de 1981, dirigida por John Boorman.

LEITURA RECOMENDADA

Você deveria ler um livro chamado *Guilherme, o marechal. O maior cavaleiro do mundo*, do historiador Georges Duby. É uma obra clássica e de leitura muito agradável. O autor conta a história de Guilherme, um cavaleiro, que vai obter muito sucesso e fama nos campos de batalha, até se tornar um dos homens mais poderosos da Inglaterra. À medida que o escritor conta a história da ascensão de Guilherme, traça um quadro riquíssimo da cultura medieval, envolvendo morte, guerra e política. O livro foi editado no Brasil pela Editora Graal.

SITE RECOMENDADO

E recomendo também que você visite o *site* do professor Ricardo Costa, da Universidade do Espírito Santo. Lá você encontrará artigos sobre a Idade Média, tradução de documentos de época e indicação de vários outros *sites* que tratam do período. O endereço é www.ricardocosta.com Divirta-se.

Idade Média: o nascimento do Ocidente 2

AULA 6

Meta da aula

Mostrar a importância da aplicação dos conhecimentos sobre o período medieval no ensino de História.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- compreender os conceitos de servidão e escravidão;
- reconhecer as diferenças entre as relações servis e as feudo-vassálicas;
- problematizar a associação do poder político-econômico com o poder religioso;
- questionar o monopólio da terra por segmentos restritos da sociedade, a partir de conhecimentos históricos.

Pré-requisitos

Esta aula fará referência aos conteúdos da Aula 5 e, também, das Aulas 24, 25 e 26 do Volume 3, da disciplina História na Educação 1.

INTRODUÇÃO

O começo da Idade Média foi um período durante o qual foram lançadas sementes políticas e sociais. Em pouco mais de seis séculos os invasores criaram uma sociedade nova e viva que substituiu uma sociedade decadente, e transformou o mundo ocidental num aglomerado de principados independentes voltados para o mar do Norte e o Atlântico. A esta nova ordem social chamamos feudalismo (SIMONS, 1980, p. 11-20).

O texto selecionado nos impõe algumas reflexões iniciais! A primeira é que, ao contrário da imagem de trevas e retrocesso propagada por muitos séculos, a Idade Média foi um período de intensas transformações e criação para as sociedades européias.

Uma segunda reflexão é que, como já observamos em outras aulas, o confronto entre culturas distintas sempre promove processos de troca e mudança. Nesse sentido, os invasores – germanos –, considerados “bárbaros” pelos romanos, com suas diversas culturas, contribuíram decisivamente para a criação dessa dita “nova ordem social”.

Uma terceira reflexão é que a consideração da existência de uma “nova ordem social” – o feudalismo – impõe a busca de elementos comuns num conjunto muito diverso de relações socioeconômicas desenvolvidas entre os séculos V e XIV, na Europa. Assim, organiza-se o conhecimento, mas não se pode perder de vista que essa percepção global, generalizante, não dá conta das especificidades que existiram. Poderíamos, talvez, falar em “feudalismos” para termos uma dimensão mais correta da “nova ordem social” que se estabeleceu.

Por fim, seria bom lembrarmos que o termo Idade Média nos remete a um tempo específico – séculos V e XIV – do processo histórico europeu. A utilização da expressão em outros contextos históricos e cronológicos é, portanto, perigosa e desaconselhável no âmbito do Ensino Básico.

REFLETINDO SOBRE CERTAS RELAÇÕES...

A servidão e a escravidão

A servidão e a escravidão são formas de trabalho compulsórias, recorrentes em vários momentos da história da Humanidade, pautadas na exploração e na dominação, que pressupõem a legitimação da desigualdade social. Está posto nessas relações que alguns homens

possuem direitos superiores a outros, e que o produto do trabalho de uns pode ser apropriado total ou parcialmente por outros.

Obviamente, essas relações se apóiam na violência como instrumento de continuidade. A legalidade e legitimidade que essas relações de trabalho possuíram nas sociedades nas quais se desenvolveram não impediu a revolta e a resistência. O uso da força foi, portanto, sempre essencial para mantê-las.

Apesar dessas semelhanças, a servidão e a escravidão se distinguem quanto ao estatuto legal do indivíduo que a elas está subordinado. O servo é um homem que está preso a obrigações como contrapartida da proteção dada. A servidão é, portanto, uma relação entre desiguais que possuem direitos e deveres definidos.

Entre as obrigações servis podemos destacar: a corvéia (trabalho gratuito nas terras do senhor em alguns dias da semana); a talha (porcentagem da produção das tenências – lotes cultivados pelo servo e sua família); a banalidade (tributo cobrado pelo uso de instrumentos ou bens do senhor. Ex.: uso do forno, do moinho etc.); captação (imposto pago por cada membro da família servil); mão-morta (tributo cobrado na transferência da tenência de um servo falecido para seus herdeiros); formariage (taxa cobrada quando o camponês casava).

O escravo é uma propriedade. Na condição de bem, está sujeito aos interesses e determinações do proprietário. A escravidão é, igualmente, uma relação entre desiguais; contudo, a “desumanização” do escravo o priva de direitos.

Vejam algumas diferenças. Ao servo é garantido o acesso a terras para o sustento familiar. Embora deva obrigações em tributos e em trabalho, tem direito a parte de sua produção e pode ter bens (animais, instrumentos de trabalho, utensílios domésticos etc.). Pode negociar sua parte da produção livremente e realizar atividades artesanais para suprir suas necessidades.

Mesmo que o escravo recebesse terras para plantar para sua subsistência, essa prática não era um direito, mas uma concessão do proprietário. Concessão que poderíamos qualificar de proveitosa, porque o desonerava da manutenção da mão-de-obra. Por outro lado, o escravo não tinha direito a nada que produzisse nem podia possuir, legalmente, bens. Os laços familiares estabelecidos no contexto da escravidão podiam, juridicamente, ser desconsiderados pelo proprietário.

A referência nas séries iniciais do Ensino Fundamental ao chamado Período Colonial da História do Brasil pode trazer à discussão esses conceitos. Os alunos tendem – a partir da perspectiva contemporânea de relações de trabalho assalariado – a ver servidão e escravidão como sinônimos. Ao professor cabe desde cedo zelar pela percepção, cada vez mais profunda, das diferenças entre essas duas relações de trabalho.

ATIVIDADE



1. Observe a ilustração:



A análise da cena acima permite identificar uma das significativas diferenças entre escravidão e servidão. Indique essa característica fundamental que está presente na relação escravista, mas ausente na servil.

RESPOSTA COMENTADA

O escravo é uma mercadoria, uma propriedade. Nessa condição, seu dono, seu senhor, tem total autonomia para dispor de seu trabalho e de sua vida. Como vimos, o servo está sujeito a obrigações, mas não é uma propriedade do senhor; ele possui certos direitos como o de negociar parte de sua produção.

A servidão e a vassalagem

Uma outra confusão conceitual encontrada em materiais didáticos é a da servidão com a vassalagem.

Ambas as relações geram interdependências entre as partes envolvidas, mas em universos diversos. As relações servis são essencialmente relações de trabalho entre desiguais no âmbito da sociedade, enquanto as relações feudo-vassálicas são relações políticas estabelecidas entre pares, entre pessoas pertencentes aos segmentos privilegiados da sociedade (nobres e clérigos).

Suseranos e vassallos compartilhavam do mesmo ideal de vida: o de cavaleiro. Estavam unidos por um compromisso de apoio mútuo para a manutenção do *status quo*. Esse compromisso se consolidava através da concessão de terras (feudo) pelo suserano a um nobre guerreiro companheiro de batalhas (vassalo). Em troca do benefício (feudo), o vassalo devia fidelidade, conselho, apoio militar e outras obrigações.

As relações feudo-vassálicas eram a base, portanto, de uma aliança político-militar que podia se desmembrar em vários níveis, já que os vassallos de uns poderiam ser suseranos de outros. Formava-se uma rede de relações que se articulava de acordo com as alianças estabelecidas nos momentos de conflito.

Esses conceitos não podem ser confundidos. A sua presença nos materiais didáticos precisa ser cuidadosamente observada pelo docente. Embora esse tipo de erro conceitual seja cada vez mais raro nos materiais didáticos de maior circulação, sua presença recorrente no passado recente impõe uma atitude preventiva.

ATIVIDADE



2. Leia atentamente o trecho da carta que o bispo Fulbert de Chartres enviou para o Duque de Aquitânia, em 1020.

Convidado a escrever algumas palavras sobre as características da fidelidade, eis o que para nós compilei nos livros que representam autoridade. Aquele que jura fidelidade ao seu senhor deve ter constante na memória estas palavras: (...) evitará causar-lhes prejuízo (...) nos castelos que mantém a sua segurança (...) e nas suas possessões (...). Terá de prestar fielmente conselho e auxílio ao seu senhor se quiser mostrar-se digno do seu benefício [feudo] e salvaguardar a fidelidade jurada. O senhor, igualmente deve pagar na mesma moeda ao seu fiel. (...) (Apud CARPENTIER e LEBRUN, 1993, p. 162).

Identifique a palavra-chave que melhor sintetiza o objetivo do estabelecimento da relação feudo-vassálica tratada na carta. Justifique sua resposta.

EXPLORAÇÃO – SUBSERVIÊNCIA – ALIANÇA – IGUALDADE – RELIGIOSIDADE

RESPOSTA COMENTADA

O trecho do bispo Fulbert de Chartres deixa claro que o objetivo do estabelecimento das relações feudo-vassálicas se encontra no estabelecimento de aliança de caráter político, militar e econômico. Embora a relação se estabeleça numa hierarquia de autoridade, todos os participantes são membros dos segmentos privilegiados da sociedade, são iguais.

RELIGIÃO E PODER

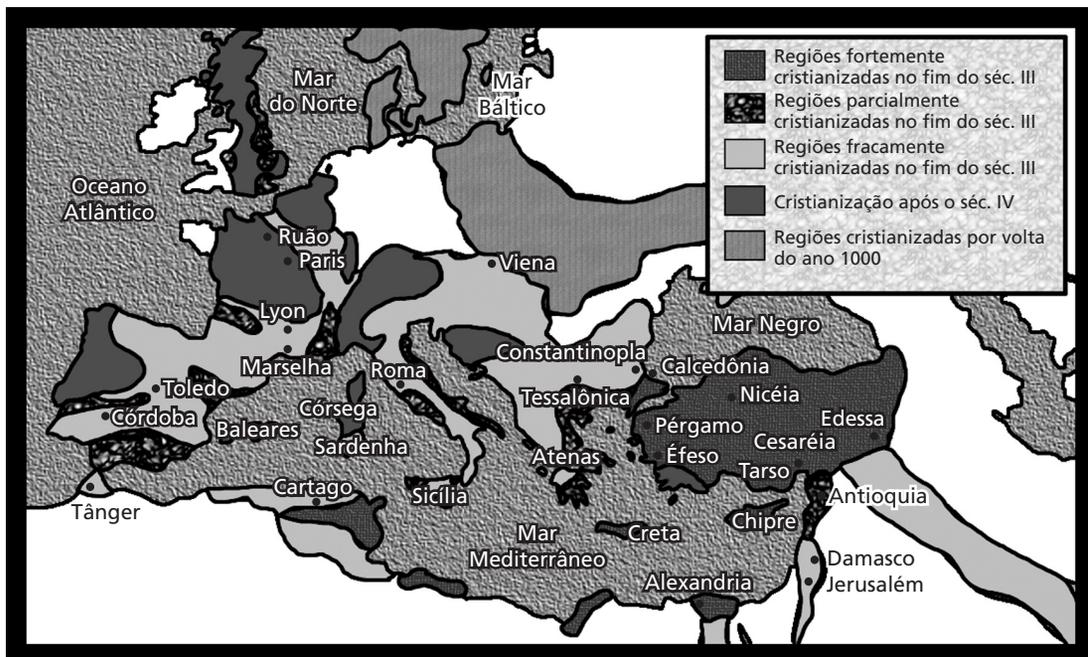
Leia atentamente o texto de época que se segue.

Deus criou o mundo, pôs no firmamento dois grandes astros para iluminar: o Sol que preside ao dia, e a Lua que preside à noite. Do mesmo modo, no firmamento da Igreja universal instituiu Ele duas dignidades: o Papado, que reina sobre as almas, e a Realeza, que domina os corpos. Mas o primeiro é superior à segunda.

Incrível, não? Mais extraordinário ainda é se levarmos em conta que se trata de um pronunciamento do Papa Inocêncio III (1198-1216)!

A Igreja Romana foi, após a decadência do Império Romano, a única instituição reconhecida no Ocidente europeu. Atuou de forma marcante no processo de aculturação que então se desenvolveu, especialmente através da cristianização das tribos germânicas que se fixaram na Europa ocidental.

Observe o mapa da expansão do cristianismo.



Mas o texto de época evidencia muito mais que a importância da Igreja Romana. De fato, o pronunciamento do Papa Inocêncio III chama atenção para o papel que a instituição desempenhou na legitimação do poder político constituído, por meio dos novos reinos que sucederam ao poder imperial de Roma. No cerimonial de coroação dos reis, por exemplo, havia um espaço reservado para receber as bênçãos das autoridades religiosas. Observe a **ILUMINURA** do século XIII.



ILUMINURA

Arte que, nos antigos manuscritos alia a ilustração à ornamentação por meio de pintura de cores vivas, ouro e prata, de letras iniciais, flores, folhagens, figuras e cenas, em combinações variadas, ocupando parte do espaço comumente reservado ao texto e estendendo-se pelas margens, em barras, molduras e ramagens.

Essa associação entre a Igreja e a Realeza deixou marcas profundas. Em primeiro lugar, houve um progressivo fortalecimento da crença no caráter sagrado dos monarcas. O poder desses monarcas advinha, na verdade, da liderança militar que desempenharam nos longos conflitos que sucederam a invasão do Império Romano do Ocidente.

Em segundo lugar, a íntima relação entre poder religioso e político implicou, também, uma complexa rede de relações feudo-vassálicas, na qual tanto nobres quanto dignitários religiosos trocavam feudos e fidelidade, estabelecendo uma profunda aliança de interesses. Por outro lado, as funções de liderança dentro da Igreja foram crescentemente ocupadas por membros da própria nobreza.

Por fim, podemos destacar que a manipulação da religiosidade dominante foi fundamental para promover a manutenção do *status quo*. A Igreja Romana legitimou a servidão, a hierarquização rígida da sociedade, a imobilidade social, o domínio da terra etc.

Claro que esse poder não foi exercido sem contestação. Inúmeros foram os conflitos entre a autoridade real e a papal. A Igreja romana defendeu a superioridade da autoridade dos papas sobre os reis, permitindo a interferência da instituição religiosa nos assuntos políticos locais.

As contestações foram, também, de cunho religioso, justificando a condenação de vários movimentos religiosos pela Igreja Romana, chamados de heresias. Esses movimentos divergiam de normas, de dogmas, de doutrinas estabelecidas pela instituição que ditava as regras da fé – a Igreja Romana. Por divergir, seus seguidores foram considerados criminosos e duramente perseguidos.

O ainda presente predomínio cristão no mundo Ocidental está intimamente relacionado à força conquistada pela Igreja Romana nesse período. Instalada nas esferas mais altas de poder, a instituição passou a defender a intolerância com a diversidade religiosa e a missão sagrada de propagação do cristianismo, conjugando-as com interesses da nobreza. As Cruzadas foram exemplos dessa ação; assim como a catequização no processo de colonização das Américas.

O contexto medieval permite, portanto, a reflexão sobre os efeitos nefastos da associação entre poder religioso e político. Permite ainda trabalhar a intolerância religiosa, não como uma manifestação de fé, mas de violência. Permite, por fim, evidenciar que a cristianização de diversas sociedades foi um mecanismo de dominação, destruição cultural e exploração.

Compreender que quaisquer valores religiosos são incompatíveis com os interesses de subjugo de homens e riquezas, com uso da violência, com a defesa da desigualdade é um desafio para a educação contemporânea que não pode ser negligenciado.



ATIVIDADE

3. Identifique uma situação do mundo contemporâneo na qual a religiosidade vem sendo utilizada como argumento de convencimento de ações políticas e, até mesmo, de ações violentas.

RESPOSTA COMENTADA

No contexto das relações internacionais contemporâneas evidenciamos que tanto o discurso norte-americano quanto islâmico radical evocam uma missão sagrada e a uma guerra santa.

O MONOPÓLIO DA TERRA

Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
amanhadas por umas poucas mãos
para ampararem cercas e bois
e fazer a Terra, escrava
e escravos os humanos!

O fragmento do poema “Terra nossa, liberdade” de D. Pedro de Casaldaglia identifica na propriedade privada da terra e de seus frutos um fator decisivo para a exclusão.

Embora as cercas sejam criações humanas recentes, a propriedade privada da terra tem suas origens em tempos remotos da história da humanidade, estando profundamente relacionada às primeiras marcas de diferenciação social.

Durante o período medieval, esse monopólio foi exercido pela nobreza (guerreiros) e por autoridades eclesiásticas (bispos, abades, papa). A origem dessa concentração de terras esteve na própria desagregação do Império Romano. Muitas propriedades foram diretamente tomadas pelos invasores, mas diante da instabilidade das inúmeras e infundáveis guerras que eclodiram, agricultores se viram forçados, para sobreviver, a subjugar-se a guerreiros em troca de proteção.

A instabilidade desarticulou rotas comerciais e, progressivamente, as imensas propriedades que se formaram voltaram-se para uma produção de subsistência, formando os chamados feudos. O “trabalho” dos senhores feudais era a proteção da comunidade que habitava suas propriedades contra os perigos externos.

Os homens livres e os ex-escravos tornaram-se servos ao vincularem-se aos senhores. Deviam – em troca da possibilidade de produzirem seus alimentos e de serem defendidos em caso de guerras – obediência, trabalho gratuito e tributos. Estabelecia-se uma relação de exploração hereditária, pela qual o servo e seus descendentes ficavam vinculados à terra.

Embora os motivos desse processo sejam muito importantes para entender a aceitação da condição de servo, o que nos interessa aqui é evidenciar que por diversos processos, ao longo da história, alguns poucos segmentos da sociedade conseguiram monopolizar a terra e, conseqüentemente, subordinar um número imenso de homens.

A luta pelo acesso à terra, fonte primeira e básica de sobrevivência do homem, é, portanto, uma antiga questão social que permeou diversas sociedades em momentos diferentes.

A concentração de terra através da formação de latifúndio dispõe para poucos o fruto das riquezas da natureza em detrimento de muitos, que passam a viver em condições de subordinação ou são forçados a abandonar o campo. Essa talvez seja uma das grandes motivações para o êxodo rural e para a migração.

A reflexão sobre os limites do direito da propriedade, quando temos como contraponto os direitos do homem, é fundamental na

sociedade brasileira contemporânea. Até mesmo porque essa questão reproduz-se ao longo dos séculos, desde a colonização.

A percepção de que só a existência de uma legião de “deserdados da sorte” pode garantir relações de trabalho extremamente injustas é outra necessidade contemporânea.

Quando a exclusão encontra justificativas em argumentos de fé, mais profundas são as formas de controle, mais difícil é a organização do questionamento, mais presente está, portanto, a violência.

CONCLUSÃO

No contexto das séries iniciais do Ensino Fundamental, a história da Europa entre os séculos V e XIV – Idade Média – não se configura como conteúdo específico a ser trabalhado, mas algumas referências, direta ou indiretamente a esse período, podem ser necessárias.

Dois preocupações iniciais são fundamentais. A primeira se refere à especificidade existente entre o conceito de servidão e escravidão. A segunda trata da diferenciação entre o significado da servidão e da vassalagem. A correta aplicação dos conceitos na elaboração de exemplos e comparações deve ser uma preocupação do docente, pois propiciará a elaboração posterior, sem conflito, dos conceitos centrais mencionados.

Problematizar a associação explícita da religiosidade com o poder político e econômico no medievo é o ponto de partida para o estabelecimento de comparações úteis à formação do cidadão contemporâneo.

O monopólio da terra, exercido no período por segmentos restritos da sociedade, apresenta-se como possibilidade de reflexão sobre a exclusão social, a partir do impedimento de usufruto da natureza e do resultado do trabalho humano.

ATIVIDADE FINAL

Passado e presente não estão desconectados! Sempre existem ligações, mesmo longínquas, que devem ser repensadas.

(...) nos primeiros anos da Era Cristã, a atividade sexual foi julgada com severidade crescente. (...), o elo matrimonial foi fortalecido; as relações sexuais só eram permitidas no casamento. A sexualidade e o casamento tornaram-se uma coisa só. (...) à proporção que o prazer carnal se tornou suspeito, o casamento também passou a ser questionado e o celibato foi mais valorizado. O casamento era tratado como uma concessão aos que não conseguiam se conter, uma permissão para a satisfação da luxúria ou do prazer aqueles que os consideravam indispensáveis. A preferência pelo celibato e a abstinência em detrimento do casamento já tinham sido esboçadas pelo estoicismo e atingiu a plenitude no ideal cristão da virgindade (RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 22-3).

A partir da afirmativa inicial, identifique e analise criticamente alguns valores historicamente construídos que afetam, na atualidade, a percepção da sexualidade pelos integrantes das sociedades cristãs.

RESPOSTA COMENTADA

O texto evidencia que certos valores que estão presentes na formação dos homens e mulheres ocidentais, notadamente cristãos, como a virgindade, a valorização do celibato, a legitimidade do sexo apenas no casamento, têm suas matrizes históricas na Idade Média. Nesse sentido, o estudo do passado tem como meta sempre a compreensão do presente.

RESUMO

Embora a História da Idade Média não seja conteúdo explícito das séries iniciais do Ensino Fundamental, o domínio dos conceitos de servidão, escravidão e vassalagem e as reflexões sobre o papel da Igreja e do monopólio da terra são pontos destacados para o estabelecimento de relações profícuas para o amadurecimento do aprendizado do aluno.

LEITURAS RECOMENDADAS

KUPSTAS, Márcia. *Trabalho em debate*. São Paulo: Moderna, 2000.

NASCIMENTO, Aurélio Eduardo do e BARBOSA, José Paulo. *Trabalho: história e tendências*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

Esses paradidáticos – voltados para o Ensino Médio – são interessantes leituras introdutórias ao tema do trabalho.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1987.

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980.

Essas obras clássicas são de leitura obrigatória para aprofundamento dos conhecimentos sobre o período.

PARADIDÁTICOS RECOMENDADOS

MACEDO, José Rivair. *Religiosidade e messianismo na Idade Média*. São Paulo: Moderna, 1996. (Coleção Desafios).

QUEIROZ, Tereza Aline Pereira de. *As heresias medievais*. São Paulo: Atual, 1988. (Coleção Discutindo a história).

REZENDE FILHO, Cyro de Barros. *Guerra e poder na sociedade feudal*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997. (Coleção História em movimento).

RIBEIRO, Daniel Valle. *A cristandade do Ocidente medieval*. São Paulo: Atual, 1998. (Coleção Discutindo a história).



MOMENTO PIPOCA

É vasta a possibilidade de utilização de filmes que tenham a Idade Média como pano de fundo.

Destaco as diversas versões sobre a história de Robin Hood, Joana d'Arc e do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda. Vale, inclusive, assistir a diferentes versões, para comparar alguns clássicos do cinema com produções modernas.

O nome da rosa deve ser visto, mas exige um conhecimento mais aprofundado da história do período e da discussão filosófica que se trava. A produção dirigida por Mel Gibson – *Coração valente* – apresenta uma bela reconstituição de época, retrata a vida dos camponeses e permite a identificação das relações de vassalagem.

Recentemente, produziu-se o filme *Cruzadas*, que traz a possibilidade de reflexão sobre as motivações não religiosas do conflito.

Idade Moderna: a reinvenção do homem

AULA 7

Meta da aula

Apresentar um quadro geral dos traços mais marcantes da História Moderna na Europa.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- identificar as principais transformações econômicas e políticas ocorridas na Europa, no período Moderno;
- reconhecer os traços culturais mais marcantes da História Moderna;
- identificar as relações entre os fenômenos culturais, políticos e econômicos do período Moderno.

INTRODUÇÃO

PTOLOMEU

Cláudio Ptolomeu nasceu no princípio do século II da Era Cristã e desenvolveu um importante trabalho. Além de pesquisar os astros e o funcionamento do Universo, inventou o astrolábio, um instrumento que mede a altura dos astros a partir da linha do horizonte. O seu mais conhecido livro, *Almagesto*, sintetiza os conhecimentos produzidos pelos astrônomos da Antiguidade e estabelece o geocentrismo, a idéia de que a Terra está no centro do universo e em torno dela giram os demais astros. Esta concepção do Universo foi adotada pela Idade Média.

A Europa Ocidental sofreu profundas transformações históricas durante o período moderno. Hoje, quando olhamos para o céu ou para o mapa-múndi, o que estamos vendo são frutos das descobertas e invenções levadas a cabo pelos homens que viveram novas experiências intelectuais, espaciais, religiosas e políticas entre os séculos XV e XVIII. Novas perguntas sobre o mundo foram formuladas e respondidas neste rico período, que você vai conhecer um pouco melhor agora.

Muitas destas perguntas foram formuladas pela curiosidade científica dos medievais, e podemos dizer que muitas respostas ficaram entaladas entre dúvidas, medos e proibições. O conhecimento na Idade Média esteve intimamente vinculado à tradição dos grandes mestres. As afirmações feitas por pensadores como Santo Agostinho, Isidoro de Sevilha, **PTOLOMEU** e muitos outros, eram consideradas verdades incorruptíveis. Eram revelações de Deus e como tais não poderiam estar erradas.

No entanto, muitas tensões intelectuais afloraram nos espíritos mais inquietos durante toda a Idade Média. Se eles não encontraram as condições sociais e culturais ideais para superar os limites criados pela tradição ao livre curso do pensamento e das inquiuições, a Idade Moderna vai, ao menos parcialmente, abrir novas sendas.

O RENASCIMENTO

O nome não deixa dúvida: trata-se de um retorno à vida. Mas como você deve compreender esse retorno?

É raro que ocorra na história um período de transição e que seus agentes tenham consciência de viverem uma nova era naquele momento. Não há nenhum emissário especial andando pelas ruas e anunciando: *Senhores, nós vivemos o começo de um novo tempo*. Geralmente, são os historiadores que olham para o passado e definem que determinados períodos marcam uma nova etapa na história da humanidade. E ocorreu o mesmo com o Renascimento. Foi apenas no século XIX, que as experiências vividas nas grandes e ricas cidades italianas, no campo do pensamento, da política e das artes, foram isoladas como um fenômeno histórico independente.

Porém, é importante fazer justiça aos protagonistas do Renascimento. Eles tiveram sim noção de que viviam uma época diferente. Uma época marcada pela necessidade de superação dos

padrões de pensamento que nortearam a vida na Idade Média. Mas por que Renascimento? Permanece a questão! Porque eles acreditavam ser fundamental recuperar os valores políticos, éticos e estéticos da Antigüidade Clássica. O modelo de renovação seguido foi buscado na Antigüidade. Curioso, não? Para os protagonistas do Renascimento, o novo estava no passado! Eles acreditavam que a Idade Média havia destruído tudo de mais importante que fora criado pelos gregos e romanos, tecendo uma espécie de véu que encobria as potencialidades do homem. Então, para eles, era fundamental retornar aos valores antigos e resgatar uma via mais poderosa e eficiente para a expansão do homem.

E como se aproximar do passado? Você, a esta altura, já sabe a resposta: estudando-o. Sim, a única maneira de aproximar-se de uma época histórica é a partir da investigação. E isso também eles já sabiam. O Renascimento é marcado, em primeiro lugar, por um grande esforço no sentido de se conhecer melhor a História, a Filosofia, a Arquitetura, a Retórica, a Poesia, dentre outras áreas de saber da Antigüidade Clássica. Alguns estudiosos foram verdadeiros caçadores de documentos antigos. E algumas bibliotecas importantes nasceram de coleções privadas; nasceram do empenho de pessoas apaixonadas pelo conhecimento, que não pouparam esforços para recolher, organizar, analisar e interpretar qualquer fragmento que pudesse esclarecer um pouco mais a Antigüidade.

Um bom exemplo deste empenho pode ser retirado da vida de Niccolò Niccoli (1364–1437). Ele foi um dos mais apaixonados bibliófilos de Florença à época do Renascimento. Para tornar-se um profundo conhecedor de manuscritos antigos, gastava imensas somas de dinheiro e vivia endividado. Sua casa estava sempre aberta àqueles que desejassem consultar as peças de sua rara e grande coleção. Quando morreu, sua biblioteca contava com mais de 800 volumes, um número bastante impressionante para a época, pois os manuscritos custavam muito caro. Antes de morrer, Niccoli expressou o desejo de que seus livros e manuscritos estivessem à disposição de outros estudiosos e amantes da Antigüidade. Cosme de Médice, o rico e poderoso Senhor de Florença, um mecenas e também apaixonado pelos saberes antigos, tomou para si a responsabilidade de realizar a vontade do amigo. Pagou as muitas dívidas deixadas por ele e doou toda a coleção à Biblioteca do

Mosteiro de São Marcos, com a condição de que permanecesse acessível aos interessados. E assim nasceu a primeira biblioteca pública da Europa depois da Antigüidade.

Assim foi o Renascimento: um conjunto bastante amplo de atitudes em relação à vida, que encontrava na Antigüidade Clássica o modelo a ser apreciado e seguido. Como você sabe, a Itália foi sede do Império Romano. Muito natural, portanto, que vários vestígios desta época tão admirada fossem encontrados com certa facilidade pelos seus veneradores. E quanto mais vestígios eram encontrados, mais conhecida e admirável ela se tornava.

HUMANISMO

Para alguns uma filosofia, para outros um conjunto de idéias e posturas não-sistematizadas, para todos a valorização plena do homem como ser racional e senhor dos seus passos.

O foco do Humanismo estava, antes de tudo, no homem. Você já ouviu falar em antropocentrismo, não é? Pois bem, é isso: uma abordagem do mundo que coloca o homem no centro dos interesses, no centro do Universo. Uma postura bastante diferente daquela que você pode observar ao estudar História Medieval, quando o teocentrismo, ou seja, Deus no centro dos interesses e do Universo, reservava ao homem um lugar de submissão e impotência. O Humanismo valorizava a indagação. Era importante perguntar, a partir da observação, como funcionavam os fenômenos naturais, o corpo humano, a vida dos animais, os costumes de outros povos, a estrutura do Universo. Na Idade Média, o conhecimento era fruto de constantes releituras de autoridades intelectuais que haviam comentado a Bíblia. O conhecimento era encarado como revelação, ao passo que, no Humanismo ele passou a ser encarado como investigação.

Mas preste atenção: embora os humanistas não tenham sido teocêntricos, isso não quer dizer que eles tenham sido ateus. Não, nada disso. Colocar o homem no centro das atenções não é o mesmo que negar a existência de Deus. A diferença está no fato de que Deus, para os humanistas, estava na Natureza e na razão. O conhecimento deveria buscar as glórias do criador nas suas obras. E a grande obra do criador é a Natureza. Para bem conhecê-la, é preciso usar a razão e não apenas a

tradição. É preciso investigar e formular novas explicações e não apenas repetir o que foi dito por outros pensadores.

Na pintura, pode-se perceber a força do pensamento humanista. A arte pictórica do Renascimento vai buscar a perfeição mimética. O que isso quer dizer? Mimético é relacionado à imitação. A perfeição mimética tenta recriar na arte aquilo que se observa na Natureza. Mas para imitar a Natureza ela deve ser valorizada e investigada. **LEONARDO DA VINCI**, além de pintor, escultor, engenheiro e inventor, foi um dos precursores da Anatomia. E por quê? Porque ele queria conhecer o corpo, investigar os músculos, as texturas da pele para reproduzi-las perfeitamente em suas obras. Assim, a arte estimulava a ciência e era por ela alimentada.

Os humanistas foram homens muito curiosos. Eles estavam sempre buscando novas soluções para antigos problemas. Queriam sempre ultrapassar os limites impostos pela tradição e inventar novas formas de explicar o homem e a Natureza. A inquietação, a empatia e a versatilidade foram valores que eles cultuaram, e com os quais ajudaram a construir uma nova Era, o período Moderno da História do Ocidente.



Figura 7.1: Leonardo da Vinci – Estudo de anatomia: pescoço e ombros.

LEONARDO DA VINCI

Nasceu em 1452. Foi um homem dotado de espantosa capacidade de trabalho e extremamente curioso. Arquiteto, engenheiro, artista e cientista, teve desempenho notável em todas as áreas. Um verdadeiro gigante do Renascimento. Para conhecer mais sobre a vida e a obra de Leonardo da Vinci, visite o site <http://paginas.terra.com.br/arte/mundoantigo/vinci/>.

Essa visão do mundo, que brota dos pensadores humanistas e serviu de alimento para todo o Renascimento, vai se desdobrar na chamada revolução científica. Você sabe que hoje existe uma ampla gama de conhecimentos chamados ciências naturais. Eles ganharam forma e existência no século XVII, como um desdobramento das posturas assumidas pelos humanistas diante do conhecimento. Para ser ciência, era preciso ter método. Nenhum conhecimento obtido fora de processos de observações específicas poderia ser considerado científico. Assim, o método se tornava o apoio para o grande salto dado pelas ciências na época moderna: ela deixava de ser descritiva para tornar-se explicativa. Uma das figuras mais importantes da revolução científica do século XVII foi René Descartes, que viveu na França entre 1596 e 1650. Ele escreveu um livro muito importante sobre as mudanças na concepção de ciência. Chama-se *Discurso sobre o método*, onde se encontra uma frase muito famosa que você deve conhecer: “penso, logo existo”. Pensar, acima de tudo, seria a garantia de existência. Apenas do pensamento racional poder-se-ia arrancar as certezas sobre a vida e a Natureza.

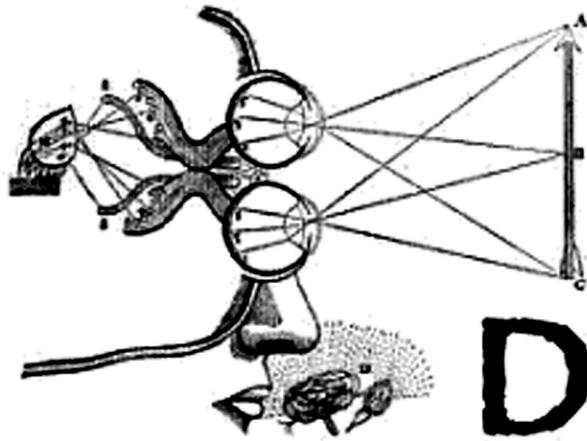


Figura 7.2: Estudos sobre óptica de René Descartes serviram de base para a teoria da luz em termos de ondas.

**ATIVIDADE**

1. Esta atividade é um estudo dirigido. Você fará o seguinte: escolha duas passagens do conteúdo visto até agora, uma referente ao Renascimento e outra ao Humanismo e copie-as. Depois, para cada passagem, formule uma questão e dê a resposta.

RESPOSTA COMENTADA

Não é possível comentar a resposta, pois ela dependerá dos trechos que você escolher. Vale lembrar que você precisa formular as perguntas e repondê-las de acordo com o trecho escolhido.

ESTADO MODERNO

Você lembra que na aula de História Medieval nós estudamos a fragmentação política. Nela você viu que os reis não exerciam poder irrestrito em todo o reino. Eram os senhores feudais que comandavam a política local, chegando mesmo a controlar a lei no interior de seus domínios. Um outro ponto importante que você estudou naquela aula foi o controle do exército. No acordo feudal ficava claro que cada senhor deveria fornecer, ao rei, cavaleiros que comporiam o exército. Ou seja, o rei não dispunha de um exército permanente sob o seu comando. Ele apenas dispunha de um número determinado de cavaleiros, que prestavam serviços aos seus senhores durante alguns períodos do ano.

Com as crises do século XIV, a situação da nobreza agravara-se bastante. Muitos camponeses passaram a pagar as suas obrigações para com os senhores em dinheiro. A falta de mão-de-obra, a expansão comercial e as dificuldades de exercer controle sobre os camponeses, revelavam a fragilidade da estrutura política. Algo novo deveria surgir

no cenário europeu para manter, de alguma forma, a nobreza no poder e no controle das terras, a mais importante fonte de riquezas à época.

O fortalecimento do poder real foi uma destas novidades. É claro que nada aconteceu da noite para o dia. Paulatinamente, os reis foram organizando a monarquia, de forma a assumir uma série de obrigações e direitos que antes estavam reservados aos senhores feudais.

Acompanhe os seguintes exemplos.

Impostos. Os reis tendem a organizar a cobrança de impostos e centralizar o recebimento. Assim como partes dos camponeses passaram a pagar os serviços devidos aos senhores em dinheiro, estes também começaram a pagar ao rei as suas obrigações feudais em dinheiro. Agora, o rei não dispunha do serviço, mas tinha numerário para contratá-lo. Este é o caso clássico do serviço militar. Muitos senhores deixavam de fornecer os cavaleiros e pagavam alguma soma correspondente aos reis para que eles contratassem exércitos. Foi desta forma que os reis passaram a dispor de um corpo armado à sua disposição. Eles se tornavam mais poderosos do que os senhores e passavam a controlar a violência.

Burocracia. Assim como ocorreu nos casos dos impostos e do exército, a burocracia se fortaleceu à medida que o rei necessitava, com o aumento do seu poder e de suas atribuições, de um corpo administrativo mais eficiente. Era preciso ter uma capital, a partir da qual seria administrado todo o reino. E esta administração deveria ser exercida por funcionários treinados e competentes que dessem conta das crescentes exigências do Estado Moderno. Ela precisava organizar a documentação e centralizar as ordenações reais. Junto com a burocracia, desenvolveu-se enormemente a justiça. Não aquela justiça executada pelos senhores no interior de seus domínios, seguindo os seus critérios, mas uma justiça que almejava cobrir todo o reino, independentemente das tradições locais e das vontades de poderosos proprietários. Uma justiça que emanasse do rei, o único soberano, que estava acima de todos os outros homens.

ABSOLUTISMO

Um soberano que esteja acima de todos os homens. Um escolhido por Deus para comandar a nação, portador do direito natural de promulgar leis e executá-las sem estar sujeito a nenhuma delas. Assim

nasce o Absolutismo, uma das faces do Estado Moderno. O rei precisa destacar-se do corpo formado por homens poderosos, aristocratas, grandes comerciantes e o alto clero. Ele precisava agregar à sua figura a maior carga de poder possível, para enfrentar a crise que colocava em cheque a nobreza. O rei torna-se, então, o representante do poder de toda a nobreza. E para efetuar condignamente essa representação, ele precisou estar além daqueles que representava, bem como esteve além das leis e das facções políticas. Ele deveria controlar todos os acontecimentos do reino e nada poderia ocorrer sem a sua autorização.

O Estado Moderno teve no Absolutismo a sua estratégia de poder e perdurou na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Esse sistema político contou com a aprovação e defesa de alguns importantes pensadores da época, que desenvolveram teorias defendendo o poder dos monarcas absolutos. Nicolau Maquiavel (1469-1527), autor de *O príncipe*, um importante tratado sobre como deveria se comportar um príncipe para manter a ordem e a soberania em seu território, afirmava que o governante poderia fazer qualquer coisa para alcançar o seu intento, inclusive lançar mão da violência e da traição. É dele a frase: “Os fins justificam os meios”. Já o cardeal francês Jacques Bossuet (1627-1704) defendia a idéia de que o rei era o representante de Deus na Terra, justificando que todos deveriam obedecê-lo sem levantar oposição às suas atitudes e idéias.



Para saber mais sobre Maquiavel, visite o *site* <http://www.chavedotempo.hpg.ig.com.br/maquiavel.htm>

Você sabe que, no final da Idade Média, os mercadores estavam retomando à sua posição de destaque. Nem sempre eles eram bem vistos pelos aristocratas que, de forma geral, encaravam o comércio como uma atividade menor e degradante. Mas esta mesma aristocracia era obrigada a admitir que cada vez mais o dinheiro exercia um papel fundamental no jogo do poder e que, efetivamente, o dinheiro estava nas mãos dos comerciantes. E foram os comerciantes que deram apoio financeiro à centralização do poder monárquico. Por que eles fizeram isso? Bem, você já estudou que a estrutura de governo na Idade Média criava algumas dificuldades para os comerciantes. Sendo cada feudo

autônomo e soberano, os senhores podiam cobrar taxas de passagens por suas terras, além de aplicarem leis que ameaçavam as mercadorias dos comerciantes. A unificação territorial, que está na base das monarquias modernas, eliminava esses problemas, criando inclusive um reforço no mercado interno. Não se deve pagar tantas taxas e a lei emana de uma única fonte, o rei. Então, nada de “em cada canto uma lei”, aquilo que valia no Norte da França, valia também no Sul. Para completar o quadro de vantagens, é bom lembrar-se dos impostos. Para os reis, quanto mais comércio se fazia, mais riqueza entrava nos seus cofres, pois o comércio pagava altos impostos, enquanto a nobreza estava isenta. Assim, o crescimento industrial e comercial aparecem como meios de sustentação da aristocracia européia. E o monarca absolutista emerge como o elo de ligação entre os interesses da burguesia e da nobreza.

ATIVIDADE



2. Você aprendeu que tanto a nobreza quanto a burguesia se beneficiaram do fortalecimento do rei. Explique os interesses das duas classes na formação do Absolutismo.

RESPOSTA COMENTADA

Para desenvolver bem esta atividade, você deve apontar que a nobreza era protegida pelo rei e que a centralização do poder facilitava a atividade comercial.

MERCANTILISMO

Se o Absolutismo é uma das faces do Estado Moderno, podemos dizer que o Mercantilismo é a outra. Você viu que o Absolutismo defendia a idéia de que o rei deve intervir em todos os assuntos, e o rei aqui significa o Estado. Portanto, a economia também era alvo do controle do Estado. O Mercantilismo estava baseado num conjunto de procedimentos: a acumulação de metais preciosos, a balança comercial favorável e a industrialização. Vamos entender um pouco melhor esse tripé do Mercantilismo.

A teoria econômica mercantilista acreditava que a riqueza não aumentava, ela apenas mudava de lugar. Baseados nesse princípio, os reis e seus ministros investiam no controle alfandegário e na taxaço de produtos importados. Eles objetivavam desestimular as importações para evitar a saída de moedas do país, numa tentativa constante de manter a balança comercial favorável e elevar os estoques de ouro e prata. Pretendiam, também, com a alta taxaço de mercadorias importadas, estimular a produção interna. Toda naço que se pretendia rica e poderosa deveria buscar mercados consumidores para os seus produtos e fornecedores de matérias-primas baratas. Por isso, a colonizaço foi tão importante para o Mercantilismo. Voltaremos a ela adiante.

A industrializaço foi outra preocupação dos mercantilistas. Preocupação que se refletia, como acabamos de ver, na proteço alfandegária. Os produtos manufaturados eram, geralmente, mais caros do que os agrícolas. Então, exportar industrializados e manufaturados, e importar matéria-prima significava balança comercial favorável. A estratégia dos dirigentes, então, era estimular a indústria de manufaturas, para exportar produtos com alto valor comercial e proteger, com taxas elevadísimas, a alfândega, tornando a importação desvantajosa. O resultado era uma política econômica que tentava aliar aumento de produção com acúmulo de capital.

O metalismo foi outro importante traço da economia mercantilista. Estimulava, antes de tudo, o acúmulo de metais preciosos. Ter os cofres abarrotados de moedas de ouro e prata significava poder. E os governantes tentaram de tudo para ter muito poder. As nações se defrontavam. Os conflitos eram constantes e cada vez mais caros. A soberania tinha um custo elevadíssimo. Metais preciosos acumulados significavam facilidade de manobra nas negociações e nos conflitos, além de permitir, em casos emergenciais, recorrer à compra de produtos e ao pagamento de serviços. Para enriquecer a metrópole, o Estado passou a controlar a economia e a buscar colônias.

NAVEGAÇÕES

As colônias fazem parte do mundo moderno tanto quanto do Mercantilismo. Para as nações que se formavam no alvorecer do período Moderno, para além do horizonte de terras e mares conhecidos,

erguiam-se infindáveis paisagens. O mundo se ampliava. Regiões nem mesmo supostas emergiam do total desconhecido. Um mundo novo era descoberto e construído pelos europeus.



Se você quiser saber um pouco mais sobre a Era dos descobrimentos, assista ao filme *1492: A conquista do paraíso* (*1492: Conquest of Paradise*, 1992). Direção: Ridley Scott.

Porém, como você pode presumir, tanto as descobertas como a construção do *mundo novo*, que foram concomitantes, não se deram de forma imediata. Foi um processo lento e difícil, que exigiu principalmente dos portugueses, os grandes pioneiros da expansão marítima, muita investigação e risco.

Embora alguns setores avançados da cultura medieval tivessem consciência de que a terra era esférica, e não um disco chato flutuante, a composição do planeta permanecia desconhecida. O exemplo mais eloqüente deste desconhecimento está na ignorância total em relação à existência do continente americano. Quando Colombo declarava que chegaria às Índias fazendo a circunavegação, o que ele menos esperava era se deparar, no meio do caminho, com uma massa continental. Portanto, sabia-se que a Terra era redonda, mas desconhecia-se a sua composição. Os portugueses, que optaram por chegar às Índias contornando a Costa Africana, apostavam num caminho mais seguro, que eles já vinham experimentando havia bastante tempo. Porém, pense o seguinte. Quando nós, atualmente, saímos para uma viagem de exploração, seja pelo sistema solar, seja pelos desertos gelados da Antártica, somos guiados previamente por mapas. Ou seja, não sabemos exatamente o que encontraremos e como faremos o percurso, mas temos informações da composição geral destes espaços e de suas dimensões. Quando os portugueses se lançaram ao mar em busca do caminho das Índias, eles sabiam muito pouco. E aquilo que sabiam era fruto da experimentação. Navegavam cada vez mais longe. E à medida que navegavam, anotavam o regime das marés e dos ventos, a composição das estrelas e a posição da ilhas. E assim eles foram adquirindo conhecimento sobre os mares e desenvolvendo tecnologia para enfrentá-los. Muito dessa experiência foi adquirida pela indústria pesqueira. Navegava-se cada vez mais longe em

busca de cardumes mais generosos. Construíam-se barcos mais velozes e com maior capacidade de carga.



Figura 7.3: Cristóvão Colombo – Descobrimto da América.

Mas por que as experiências adquiridas na pesca e com a navegação costeira se transformaram em longas viagens marítimas em busca de um novo caminho para as Índias? Você já sabe que, durante parte da Idade Média, o comércio não chegou a desaparecer, mas ocupou um espaço limitado. As cidades italianas, berço do Renascimento, foram os principais centros de importação de produtos asiáticos para a Europa. Elas negociavam diretamente com os povos árabes e depois redistribuíam os cobiçados produtos, tais como especiarias e tecidos luxuosos, para as outras regiões. Você sabe também, que o Período Moderno deu significativa ênfase à atividade comercial (mercantilismo). Agora some a este quadro os seguintes fatos:

- As nações modernas necessitavam, segundo o mercantilismo, de diminuir as importações e aumentar as exportações. Como fazer isso no caso das especiarias e de outros produtos que chegavam à Europa através dos italianos? Fazendo comércio como eles. Mas eles detinham o monopólio das rotas de comércio conhecidas. Então era necessário buscar novos caminhos: o mar.

- Os Estados Modernos fortaleceram a posição política do rei, para que ele pudesse proteger a nobreza, explorando a riqueza produzida pelo comércio da burguesia ascendente. Grandes empreendimentos, que necessitavam de investimentos pesados e complexas estratégias administrativas, eram beneficiados pela associação entre Coroa e burguesia. A expansão marítima era cara e difícil. A autoridade do rei aliada à riqueza dos burgueses foi importante para a construção naval, que era muito dispendiosa e difícil.

- Portugal, o pioneiro no processo da expansão marítima, era um Estado precoce. Foi o primeiro Estado Moderno da Europa. Mas, embora tivesse atingido um estágio político avançado prematuramente, dispunha de um território pequeno e de poucos recursos. Sua posição geopolítica era delicada. Nas suas costas, a poderosa Espanha; à sua frente, a vastidão atlântica. E foi da vastidão atlântica que ele começou a tirar vantagens. Primeiro com Lisboa tornando-se um porto de passagem quase obrigatório para o comércio entre o Mediterrâneo e o mar do Norte. Depois com a exploração da pesca. A consequência de todo este contexto foi a ambição de tornar-se o senhor de um novo caminho que levasse aos valiosos produtos do Oriente, sem atravessadores, sem ter de pagar os altos preços cobrados pelo monopólio italiano.

A primeira grande façanha dos europeus foi a abertura dos mares. A descoberta dos caminhos que levavam à Ásia e à Costa Oriental da África foi dos portugueses, seguida de perto por outras nações europeias. A segunda façanha foi a colonização. A transformação do continente América em um substrato do mercantilismo variou da simples pilhagem à colonização sistemática de territórios gigantescos. De todas as formas possíveis, o continente América foi instado a derramar sua espantosa reserva de vida sobre uma Europa ávida por transformações. Aqui também os portugueses foram os pioneiros, ao lado dos espanhóis. As outras nações não tardariam a entrar na corrida pela conquista de porções dos novos territórios descobertos.

Você já deve estar fazendo as ligações entre a importância de conquistar terras no novo mundo, transformando-as em colônias, e o mercantilismo. Para os Estados nascentes, ter uma colônia era muito importante. Dela poderiam extrair-se muitas riquezas naturais ou transformá-las em grandes produtores de gêneros agrícolas. Os espanhóis encontraram metais preciosos nos Andes. Os portugueses

retiraram quantidades imensas da madeira chamada pau-brasil e implementaram o cultivo da cana em larga escala, tornando-se, com isso, os maiores produtores mundiais de açúcar. Com o início da colonização e do povoamento, podiam ainda contar com um mercado consumidor, formado pelos colonos que vinham habitar e construir as colônias. Desta forma, conquistar terras e transformá-la em colônia era um grande negócio para esses Estados emergentes, pois assim eles realizavam a teoria mercantilista. Além do aspecto de produção de riqueza imediata, as terras do novo mundo erguiam-se como regiões geopolíticas estratégicas, demarcando a expansão comercial de algumas nações em detrimento de outras.

Há ainda o fator novidade. As novas terras despertavam muita curiosidade e espanto nos europeus. Afinal de contas, elas abrigavam espécies vegetais, animais e homens de que eles nunca haviam tido notícias. Com os descobrimentos, os homens pela primeira vez a real dimensão do planeta e de suas espécies. O comércio diminuiu as diferenças entre povos, fazendo com que culturas que se desconheciam passassem a conviver, dando o traço definitivo do período ao qual denominamos História Moderna.

ATIVIDADE



3. Estabeleça a relação entre a expansão marítima comercial e a criação de colônias com a teoria mercantilista. Você pode optar por uma pequena redação ou, se preferir, escrever tópicos que apresentem a relação que você está estabelecendo.

RESPOSTA COMENTADA

Se você ressaltou, que a teoria mercantilista apregoava a necessidade de manter a balança comercial favorável por meio da exportação de produtos manufaturados e da conquista de colônias, a sua atividade foi bem desenvolvida.

REFORMAS RELIGIOSAS

A Europa medieval foi cristã e viveu sob a autoridade de uma única Igreja, a Católica. Isso quer dizer que todos estavam satisfeitos com a condução religiosa dessa única Igreja? Não! Porém, nem sempre as insatisfações sociais se traduzem em rebeliões, revoluções, rupturas ou secessões. Às vezes, as insatisfações são expressadas de forma mais tímida e cuidadosa. E assim aconteceu entre muitos fiéis e a Igreja. Já na Idade Média, muitos comportamentos religiosos discordantes foram perseguidos e taxados como heresia. Alguns grupos se organizavam em torno de um pregador que interpretava a Bíblia de maneira discordante do credo romano. Eles eram perseguidos e calados, pois a igreja era considerada infalível e a grande responsável pela unidade européia.

No final da Idade Média, as novas propostas e contestações surgem com mais nitidez no horizonte religioso da cristandade. Não é à toa que a Inquisição foi uma instituição poderosa e temida nos tempos modernos. O seu trabalho aumentou e a sua missão era mais árdua: ela tentava recuperar a unidade européia que por muito tempo foi simbolizada por uma única religião. Mas, é do seio mesmo da igreja que irão surgir as vozes reformistas. E nem toda reforma foi mal vista pelos dirigentes. A devoção moderna, uma maneira mais individualista e subjetiva de lidar com Deus e com Cristo, esteve na base das transformações da época e não foi alvo de perseguição.

No interior da própria Igreja, muitos de seus membros demonstravam descontentamento com a situação da instituição. Reconheciam que alguns padres não eram suficientemente instruídos para o desempenho das funções sacerdotais; que a venda de indulgências carecia de critérios rígidos; que o luxo exacerbado era incompatível com a mensagem de Cristo e que a população estava carente de uma orientação espiritual mais adequada. Porém, o descontentamento era negociado e pequenas e sutis mudanças eram efetuadas aqui e acolá.

É nesse contexto que emergiu o discurso e a postura mais enfática de Martinho Lutero, um estudante de Direito que resolveu abandonar a vida mundana para melhor compreender as inquietações espirituais que atravessavam o seu coração, ingressando num convento agostiniano. Inquietações que não eram exclusivamente suas, mas marcaram a vida de milhares de fiéis, seus contemporâneos, preocupados com a salvação

da alma. Então, com 22 anos, a despeito dos protestos de seu pai e da falta de apoio geral, Lutero retirou-se da vida mundana. Não foi com a intenção de promover uma reforma que ele adotou o hábito de monge. Mas à medida estudava e refletia sobre a sua condição e o estado geral da Igreja, a suas inquietações cresciam e ele não conseguia encontrar alívio nem paz nos caminhos que lhe eram oferecidos. Por mais que se esmerasse nas práticas religiosas e observasse a ortodoxia, as respostas que tanto buscava escapavam-lhe. Estudou muito. Tornou-se doutor em teologia e professor. Ao começar a lecionar, as suas interpretações começaram a ganhar força, notoriedade e a incomodar aos mais ortodoxos. Entre os pontos importantes de suas lições, que se tornaram a base de suas doutrinas, estava a infalibilidade somente da Bíblia, a idéia do sacerdócio universal e a tese de que a salvação se conquista pela fé e não pelos atos.



Figura 7.4: Martinho Lutero contribuiu para a Educação ao valorizar a leitura da Bíblia.

Lutero foi advertido de que a sua conduta e as suas interpretações eram incompatíveis com a ortodoxia e foi convidado a mudar o tom e o teor de suas lições, ao que respondeu com recusas sucessivas. A situação foi se agravando a atingiu o ápice no ano de 1517, quando publicou as suas 95 teses, provocando tremendo incômodo em Roma. Em 1520, 41 das 95 teses foram consideradas heréticas. Lutero reagiu queimando publicamente o documento que condenava suas idéias. Em 1521 foi excomungado.

O resultado foi a criação de novas igrejas, agora orientadas por outras interpretações da Bíblia. Aliás, a Bíblia teve um lugar de destaque nas discussões reformistas, pois Lutero defendia que os fiéis deveriam ter livre acesso, como única e verdadeira fonte da verdade divina. Um de seus trabalhos mais notáveis foi a tradução da Bíblia para o alemão, uma maneira de torná-la acessível aos que não sabiam latim. É importante lembrar que a invenção da imprensa por Gutenberg, um gigantesco passo para a divulgação do conhecimento na era Moderna, foi de fundamental importância para o sucesso da Reforma. Antes só era possível ler em manuscritos caríssimos. Depois do advento da imprensa, os livros tornaram-se mais baratos e foram produzidos em escala industrial, popularizando o seu uso.

Mas a reforma não provocou apenas conflitos verbais. Guerras sangrentas foram travadas em nome dos credos. Milhares de vidas foram sacrificadas pelo fanatismo de ambas as partes, deixando um rastro de destruição humana absolutamente contrário à mensagem de paz dos evangelhos.

A reação católica veio com o Concílio de Trento numa resposta vigorosa aos protestantes. A Igreja católica afirmava a sua discordância em relação ao credo luterano e calvinista, acentuava a moralização do clero, ampliava os poderes da Inquisição e tomava a frente no processo de colonização. Criou uma ordem que seria a expressão máxima, no campo religioso, dos novos tempos: os jesuítas. Foram eles os principais religiosos da colonização. Adentraram as matas virgens, aprenderam as línguas desconhecidas, assumiram a hercúlea tarefa de catequizar povos que desconheciam completamente o Deus dos cristãos, submeteram as suas forças humanas e teológicas às necessidades de uma instituição combatida. A História Moderna, entre outras novidades, oferece ao mundo uma Igreja dividida e paisagens desconhecidas. O seu desfecho foi

marcado pela ascensão do discurso democrático, que fluiu sob o emblema de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa.

CONCLUSÃO

Você acabou de estudar alguns aspectos de grande importância na História Moderna. Um período de profundas transformações, que presenciou o Renascimento, a formação dos Estados Modernos, a expansão marítima e a criação do novo mundo. A História Moderna foi o palco de conquistas espetaculares. Pela primeira vez na história, o homem adquiriu a noção de como era o planeta, colocando cara a cara povos que se desconheciam. Foi um período também conturbado, no qual as lutas religiosas, provocadas pela Reforma protestante, crivaram de inimizades a unidade da Europa; no qual os Estados emergentes se defrontaram em sangrentas batalhas pelo controle de rotas comerciais e colônias espalhadas pelos continentes recém descobertos. Um período que termina com uma das mais espetaculares revoluções que o mundo já presenciou, a Revolução Francesa, que tentou jogar por terra as diferenças entre os homens, estabelecendo o critério de igualdade perante a lei.

ATIVIDADE FINAL

Leia atentamente o texto abaixo. Trata-se de um belíssimo e eloqüente trecho de uma importante obra sobre o Renascimento Italiano. O seu autor chama-se Jacob Burckhardt. Depois de ler e sublinhar as passagens que mais chamaram a sua atenção, explique de que forma o humanismo esteve na base de vários fenômeno que ocorreram na História Moderna.

Na Idade Média, ambas as faces da consciência – aquela voltada para o mundo exterior e a outra, para o interior do próprio homem – jaziam, sonhando ou em estado de semivigília, como que envoltas por um véu comum. De fé, de uma prevenção infantil e de ilusão tecera-se esse véu, através do qual se viam o mundo e a história com uma coloração extraordinária; o homem reconhecia-se a si próprio apenas enquanto raça, povo, partido, corporação, família ou sob qualquer outra das demais formas do coletivo. Na Itália, pela primeira vez, tal véu dispersa-se ao vento; desperta ali uma contemplação e um tratamento objetivo do Estado e de todas as coisas deste mundo. Paralelamente a isso, no entanto, ergue-se também na plenitude de seus poderes, o subjetivo: o homem torna-se um indivíduo espiritual e se reconhece enquanto tal (BURCKHARDT, 1991, p. 111).

RESPOSTA COMENTADA

Para estar correta, sua resposta precisa apontar o nascimento da subjetividade, da observação do mundo, do tratamento objetivo das questões do Estado e da especulação científica.

RESUMO

A história Moderna começa com a queda de Constantinopla (1453), a capital oriental do Império Romano e vai até a Revolução Francesa (1789). Durante estes três séculos, a Europa assistiu ao desfile de fenômenos grandiosos na História do Homem. O Renascimento, o Humanismo, as Grandes Navegações, a Revolução Científica e o Iluminismo são eventos históricos que marcaram a invenção de um homem cada vez mais ligada e consciente de suas capacidades de construir e reinventar o planeta e as formas de convívio.



MOMENTO PIPOCA

Vou sugerir que você assista ao filme *Morte ao Rei*. Trata-se de uma produção de 2003, dirigida por Mike Barker. O filme se passa na Inglaterra de 1645, em plena revolução puritana, que degolou o Rei Charles I. É interessante acompanhar os conflitos de abordagens dos fatos entre as facções envolvidas na revolução e a dificuldade de eliminar o rei, figura divinizada com a ascensão do Estado Moderno.

LEITURA RECOMENDADA

Há muitas leituras interessantes para o período moderno. Vou indicar um livro muito interessante e de leitura bastante agradável. Chama-se *Os queijos e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*, publicado no Brasil pela primeira vez em 1987, pela Companhia das Letras. O seu autor, Carlo Guinzburg, é um italiano especialista em inquisição. Trata-se de um livro inovador, que tenta explicar uma época a partir da vida de um homem que foi processado duas vezes pela inquisição. Dos autos inquisitoriais, Carlo Guinzburg retira as curiosas idéias religiosas de Menocchio e sua inusitada explicação para a criação do mundo. É uma ótima leitura, que marcou época, criando inclusive uma nova maneira de se fazer história, a micro-história.

SITE RECOMENDADO

Vou recomendar um *site* simples e dinâmico. Nele você poderá encontrar várias entradas temáticas. Todas elas escritas de forma sintética, que ajudaram a formar uma idéia dos momentos e eventos que marcaram a História Moderna.

<http://www.hystoria.hpg.ig.com.br/Hmod.html>

Idade Moderna: a reinvenção do homem 2

AULA 8

Meta da aula

Apresentar a escravidão e o tráfico modernos, associando-os ao ensino de História.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- relacionar as transformações ocorridas na Europa, especialmente em Portugal, com o processo de conquista e colonização de terras na América e na África;
- avaliar o impacto socioeconômico e cultural e as consequências do processo de migração forçada promovido pelo comércio de escravos entre Brasil e África;
- caracterizar as sociedades africanas pré-coloniais;
- diferenciar a escravidão no contexto das sociedades africanas e islâmicas da escravidão no contexto colonial europeu;
- identificar a característica do contato europeu com a África entre os séculos XV ao XIX, conceituando feitoria.

Pré-requisitos

Esta aula fará referência aos conteúdos da Aula 7; assim como aos das Aulas 24, 25 e 26, do Volume 3 da disciplina História na Educação 1.

INTRODUÇÃO

Que obra de arte é o homem: tão nobre no raciocínio; tão vário na capacidade; em forma e movimento, tão preciso e admirável, na ação é como um anjo; no entendimento é como um Deus; a beleza do mundo; o exemplo dos animais.

William Shakespeare, *Hamlet*

Como você observou na aula anterior, o período moderno foi um momento em que o homem adquiriu autoconfiança na sua capacidade criadora, um momento em que o Humanismo confrontou o teocentrismo medieval e predominou sobre ele.

Profundas mudanças na organização política, econômica e social foram se processando ao longo dos séculos XV, XVI e XVII. Paralelamente, ocorreram significativas transformações nos costumes, nas crenças e nas manifestações artísticas européias.

Expansão marítima e comercial; formação dos Estados modernos; estruturação do Absolutismo; conquista e colonização da América, África e Ásia; reformas religiosas; arte renascentista e barroca e Humanismo foram processos e manifestações históricas que demarcaram a chamada Era Moderna da História européia.

Particularmente nesta aula, nos interessam as repercussões que esses processos europeus proporcionaram nos dois lados do Atlântico Sul (América e África) e como eles podem ser trabalhados no contexto pedagógico das Séries Iniciais, tendo como base as orientações dos PCN.

CONQUISTA E COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA E ÁFRICA

O processo de expansão marítima e comercial europeu, iniciado por Portugal e Espanha, desdobrou-se na conquista de terras no além-mar e na constituição de mecanismos diversos de colonização.

A navegação oceânica propiciou o acesso direto dos europeus a regiões conhecidas (África e Ásia) e desconhecidas (América) até o século XV. Esse acesso permitiu o contato com diferentes culturas, intensificou as relações comerciais e produziu mudanças profundas nas áreas contatadas.

Uma primeira questão que pode ser mencionada é a incompreensão européia em relação às culturas que encontrava. Predominou um desejo civilizatório e cristianizador entre os europeus, que se viram como agentes de uma sociedade mais evoluída, portanto, predestinada a levar padrões e valores de vida mais desenvolvidos àqueles pagãos e infieis. Claro que esse era o sentimento do europeu colonizador, não do colonizado.

Agora vamos resgatar um pouco dessa história, utilizando o tráfico de escravos como eixo norteador de nossas reflexões.

O COMÉRCIO DE ESCRAVOS AFRICANOS

Embora a escravidão fosse conhecida na África antes do processo de expansão islâmica, e de o comércio de escravos ter crescido com o domínio islâmico do norte do continente através das **ROTAS TRANSAARIANAS**, foi com o estabelecimento do comércio atlântico, a partir da expansão marítima européia, que houve uma progressão geométrica da migração forçada de africanos. Observe o mapa abaixo.

ROTAS TRANSAARIANAS

Rotas de comércio que atravessavam o deserto do Saara, situado no norte da África.



O tráfico de escravos africanos foi responsável pela maior transferência populacional, fruto da migração forçada, da história da humanidade. Observe as **Tabelas 8.1 e 8.2**:

Tabela 8.1: O tráfico de escravos transaariano, 650 -1600

PERÍODO	MÉDIA ANUAL	TOTAL ESTIMADO
650 – 800	1.000	150.000
800 – 900	3.000	300.000
900 – 1100	8.700	1.740.000
1100 – 1400	5.500	1.650.000
1400 – 1500	5.300	430.000
1500 – 1600	5.500	550.000
Total	-	4.820.000

Fonte: Adaptado de Lovejoy (2002, p. 61).

Tabela 8.2: O comércio de escravos pelo Atlântico

PERÍODO	Nº DE ESCRAVOS COMPUTADOS	%
1450 –1600	409.000	3,6
1601 –1700	1.348.000	11,9
1701 –1800	6.090.000	53,8
1801 –1900	3.466.000	30,6
Total	11.313.000	100

Fonte: Adaptado de Lovejoy (2002, p. 51).

Essas estimativas, apesar das imprecisões reconhecidas, servem de parâmetro. Os dados demonstram que houve um incremento crescente da exportação de cativos pelo Atlântico. Inicialmente, o volume do comércio atlântico era compatível com o das rotas transaariana (em torno de 500.000 cativos por século), mas rapidamente houve progressão.

O escoamento de escravos pelo mar Vermelho e pela costa oriental da África não foi numericamente tão expressivo quanto o proporcionado pela rota transaariana. Estima-se que, entre 800 e 1600, essas regiões tenham retirado da África cerca de 2.400.000 cativos.

Observe, entretanto, que a estimativa de comércio de escravos pelo Atlântico no século XVIII (1701-1800) superou a estimativa do total de cativos comercializados pela rota transaariana de 650 a 1600! Houve, portanto, uma mudança significativa da aplicação e abrangência desse tráfico a partir do século XVII. É essa mudança que vamos tentar entender.

Até o século XV, os cativos africanos eram absorvidos pelo mundo islâmico e encaminhados também para a Europa, mas a escravidão era uma característica marginal das sociedades que a praticavam. Especialmente porque até esse momento, como veremos, a escravidão não era uma instituição fundamentalmente produtiva nas sociedades africana, islâmica e européia.

No contexto do ensino das Séries Iniciais, a questão do tráfico não será aprofundada, mas a sensibilização dos alunos para a grandiosidade do processo migratório forçado promovido pelo tráfico é fundamental quando por ocasião do estudo dos movimentos migratórios previsto pelos PCN. Para os alunos entenderem bem a dimensão numérica do

tráfico atlântico, é interessante trabalhar com unidades de medida que eles dominem melhor pela própria experiência.

No contexto africano

A organização das sociedades africanas tinha por base a etnia e o parentesco. O sistema produtivo de linhagem, também chamado doméstico, baseava-se em distinções estabelecidas por faixa etária e sexo. Os mais velhos controlavam o acesso a terra e às mulheres – principais trabalhadores agrícolas. Nesse contexto, os escravos eram dependentes e ampliavam o coletivo mobilizado pelos mais velhos. Desempenhavam as mesmas funções que os demais membros da linhagem: trabalhavam nos campos, caçavam, defendiam as cidades contra agressores e participavam de cerimônias religiosas. O escravo podia, ao longo do tempo, ser incorporado à linhagem, especialmente se fosse mulher.

Dentre outras formas de dependência dos escravos estava o penhor de indivíduos — os membros das categorias etárias secundárias, as esposas e as concubinas — como garantia de dívidas.

No contexto africano, várias circunstâncias podiam tornar um homem livre escravo: a guerra, o seqüestro, a compra, a expulsão de sua comunidade como punição por crimes graves cometidos, o pagamento ou a garantia de dívidas e a fome.

Em qualquer lugar e época, o escravo era uma propriedade, sujeito a tratamento violento e a exploração da sua força de trabalho. Na África pré-colonial, era considerado um estrangeiro, um dependente, que podia tornar-se membro das comunidades que o recebiam, participando da estrutura familiar e exercendo atividades econômicas.

Leia atentamente o texto de Mattos e Grinberg (2003), que ressalta essa característica da escravidão africana antes da chegada dos europeus.

Ao ser inserido em uma linhagem, o escravo “adotado” era tido como “filho” do senhor, embora não fosse considerado filho de verdade. Dependendo do tipo de relação que estabelecesse com seu senhor, o escravo até podia ser bem tratado, chegando mesmo a ter alguma possibilidade de mobilidade social (p. 33).

A característica predominante da escravidão nas sociedades africanas pré-coloniais era, portanto, o seu caráter doméstico ou de linhagem, cuja base estava na relação extremamente pessoal entre senhor e escravo.

A escravidão na América não teve esse caráter. O escravo era essencialmente um instrumento de produção, que não integrava a estrutura familiar.

É muito importante a percepção, no processo educativo, de que certas instituições – como a escravidão – foram reinventadas pelos colonizadores na África, na América e na Ásia. Essa consciência evidencia a complexidade dos processos de dominação. A escravidão existia antes da expansão marítima europeia, mas foi reestruturada em novas bases, de acordo com os interesses coloniais, mudando seu sentido e sua inserção socioeconômica.

ATIVIDADE



1. O texto que se segue trata da escravidão africana pré-colonial:

O escravo era basicamente um dependente do senhor; até podia servir de mercadoria, podendo ser trocado ou vendido, até podia exercer funções produtivas – podia trabalhar como agricultor, mineiro, carregador, artesão –, mas, em essência, era uma fonte de prestígio social e poder político para seu senhor (MATTOS; GRINBERG, 2003, p. 33).

Identifique a principal diferença entre a escravidão desenvolvida na África pré-colonial e a praticada na América.

RESPOSTA COMENTADA

A escravidão na América era o centro da atividade produtiva. O escravo era adquirido como mão-de-obra para desempenho das mais diversas atividades econômicas, destacando-se a sua inserção na agricultura de exportação. A possibilidade de mobilidade social era ínfima. A relação senhor/escravo de completa submissão da "mercadoria" ao seu proprietário.

No contexto islâmico

Os Estados islâmicos do norte da África incorporaram a longa tradição de escravidão, interpretando-a de acordo com sua religião. Nesse sentido, os primeiros cativos foram produzidos pelas próprias guerras de expansão, tidas como santas. A escravidão era uma espécie de aprendizado religioso para os pagãos, um instrumento de conversão ao islamismo.

A redução das guerras de conquista, a consolidação dos domínios e a conversão dos povos dominados não frearam a demanda por cativos. O escravo não precisava ser necessariamente negro, mas ser pagão. Diante do impedimento de escravização dos islâmicos, a demanda crescente por cativos passou a ser atendida pelas regiões de fronteira. Nesse contexto, a África subsaariana, negra, tornou-se a principal fornecedora de escravos para o mundo islâmico, através de reinos como os de Gana, Mali, Songai, Bornu e Senar. Observe o mapa a seguir.

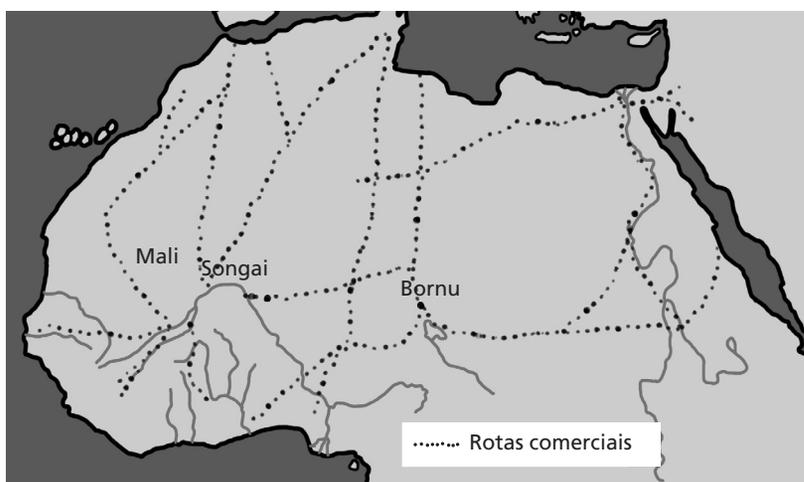


Figura 8.1: Tráfico de escravos islâmico no século XVI.
Fonte: LOVEJOY (2002, p. 62).

Assim como no contexto das sociedades africanas, as mulheres e crianças eram preferidas aos homens. As guerras locais, as condenações por crime, os seqüestros, a escravidão por dívida eram a fonte básica de produção de cativos, que eram utilizados em funções domésticas, administrativas e militares. Cabe lembrar sua utilização como concubinas e eunucos.

Diferentemente das sociedades subsaarianas, ocasionalmente eram empregados na produção (minas de sal, agricultura em larga escala e artesanato). No contexto da África negra, a utilização do escravo para fins econômicos foi mais regular, sem constituir, como já falamos, um modo de produção escravista.

O critério religioso utilizado para justificar a escravidão pelos islâmicos é útil para estabelecer uma comparação com as justificativas cristãs. Serve igualmente de ponte para refletir sobre a diferença de tratamento dado aos indígenas e aos africanos; assim como propicia a discussão do papel que a religiosidade teve, e tem, para legitimar certas ações, mascarando interesses, preconceitos, violências etc.

ATIVIDADE



2. Leia atentamente o texto:

A razão para a escravidão é a descrença (...) Quem quer que seja capturado numa condição de descrença, pode ser legalmente possuído, seja ele quem for, mas não aquele que se converteu ao Islã voluntariamente (...) Esses são muçulmanos livres, cuja escravização não é permitida de modo algum (AHMAD BĀBĀ (1556-1627) apud LOVEJOY, 2002, p. 68).

O texto de época é claro e nos permite refletir sobre os processos de legitimação da escravidão pelos africanos, islâmicos e europeus. Identifique argumentos justificadores da escravização para as sociedades africanas e européias.

RESPOSTA COMENTADA

No contexto africano, já vimos que os motivos pelos quais a tradição legitimava a escravização eram variados (guerra, penhor, fome, dívida, crimes etc.). Cabe notar que a visão divulgada de que os africanos escravizavam seus "irmãos" não leva em conta que na maioria dos casos a escravização era fruto da guerra entre inimigos tradicionais, entre os quais não havia sentimento de identidade/igualdade.

No contexto europeu, a justificativa de caráter religioso e civilizatório esteve bastante presente. Não podemos esquecer do papel evangelizador da expansão, especialmente após as Reformas Protestantes e a Contra-Reforma. Por outro lado, o padrão cultural europeu era tomado como referência, devendo ser ensinado para a recuperação das sociedades que viviam em desordem, caos e descrença.

No contexto da expansão europeia

Quando os portugueses chegaram ao rio Senegal, em 1445, abriram uma rota paralela à transaariana, mas os negociantes islâmicos não ficaram apartados do comércio; muito pelo contrário, passaram a encaminhar aos novos pontos de intercâmbio produtos como sal, têxteis, peixes, cereais, escravos, ouro, noz-de-cola. Alguns desses produtos vinham da África do Norte, e outros, de entrepostos estabelecidos no interior sob o domínio de reinos locais.

Até a segunda metade do século XV, os cativos eram um “artigo” dentre outros no comércio europeu com a África Ocidental. O incremento progressivo da produção de cana-de-açúcar – primeiro nas ilhas do Atlântico, depois no arquipélago de São Tomé e, por fim, em certas regiões da América – mudou essa situação.

O tráfico de escravos africanos tornou-se indispensável para o colonizador europeu, em função da ausência de mão-de-obra substitutiva nessas regiões e da lucratividade que proporcionava aos europeus.

É interessante observar que o europeu se interessava pelo cativo de baixa procura no contexto africano e islâmico: o homem. Nesse sentido, a demanda externa não afetou a dinâmica do tráfico interno, complementando-o de certa forma.

Diversas regiões foram progressivamente se integrando e se destacando no atendimento crescente da demanda por cativos: Senegâmbia, Costa do Ouro (litoral do golfo da Guiné), Costa dos Escravos (golfo de Benim), baía de Biafra e, por fim, Congo-Angola; localize-as nos mapas que se seguem.

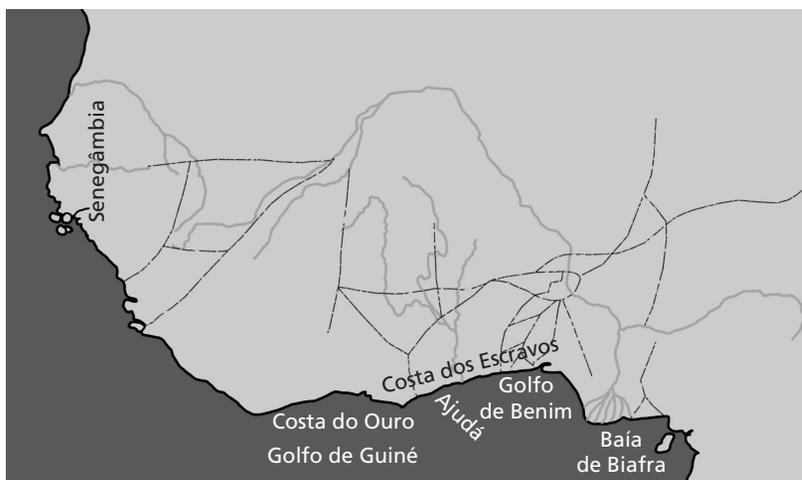


Figura 8.2: O tráfico de escravos da África Ocidental no século XVIII.

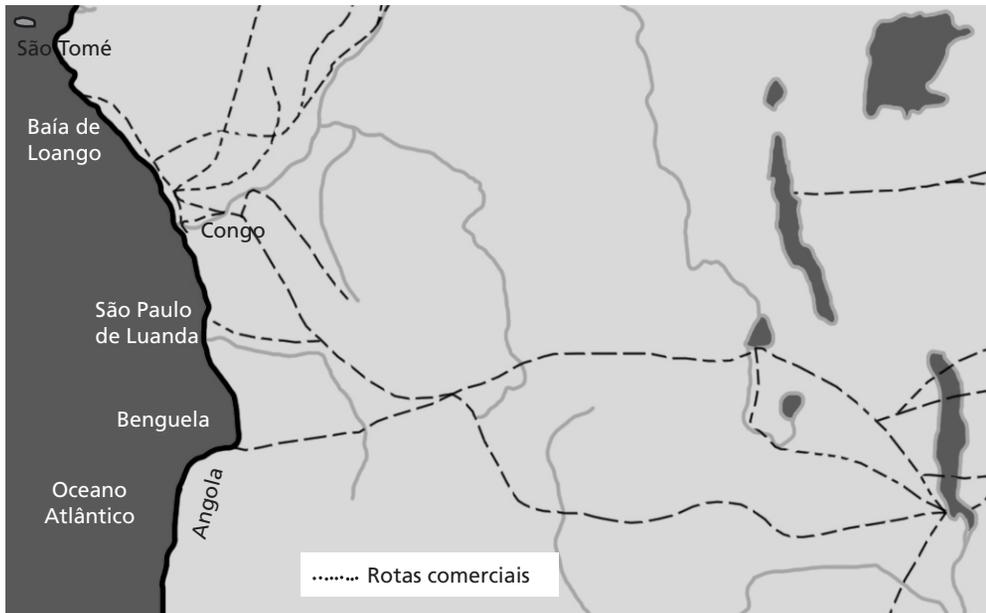


Figura 8.3: Os centros comerciais da África Central nos séculos XVIII e XIX.
 Fonte: LOVEJOY (2002, p. 157 e 159).

Nesse processo de integração e desenvolvimento do tráfico foram se destacando certos entrepostos como São Jorge da Mina, São João Batista de Ajudá, São Tomé, Loango, Mpinda, São Paulo de Luanda e Benguela.

Marca registrada da presença européia na África, essas cidades portuárias, geralmente fortificadas, evidenciam a não-ocupação sistemática do território (colonização) e a opção pelo estabelecimento de alianças com as lideranças locais.

! De fato, a África só seria efetivamente ocupada por europeus em um processo colonizador no século XIX. A chamada partilha da África ocorreu mais decisivamente dentro do contexto do imperialismo, pois durante os primeiros séculos de contato, a ligação se fazia de forma pontual por meio dos entrepostos comerciais litorâneos e das alianças estabelecidas com os chefes africanos.

Essas feitorias eram tributárias de comerciantes e autoridades africanas. Todo o comércio era regido por monopólio real, regulado por concessões e privilégios dados aos comerciantes. As relações diplomáticas que os comerciantes europeus, especialmente portugueses, estabeleciam com as autoridades locais é que garantiam o fornecimento de artigos comerciais, dentre os quais estavam os escravos. O estabelecimento dessas “associações” foi mais sólido nas sociedades organizadas em reinos, que se tornaram “produtoras” de cativos, com o crescimento da demanda

por escravos. Progressivamente, a guerra, o seqüestro e a pilhagem foram se tornando mecanismos mais comuns de escravização.

Destacaram-se, na África Centro-Ocidental, os reinos do Congo, Ndongo, Matamba, Caçanje, Lunda, Cazembe e Lozi. Na África Ocidental, nos reinos de Benim, Daomé, Alada, Oiô e o Estado axânti foram os principais envolvidos no comércio atlântico. Observe o mapa que se segue:



Figura 8.4: Delimitações aproximadas das organizações políticas na África (1500 a 1600): “Estados”, “reinos” e “impérios”. Fonte: HERNANDEZ (2005, p. 34).

Com o crescimento da demanda por escravos, alguns desses reinos promoveram processos de expansão territorial intimamente ligados à busca por prisioneiros. Crescentemente, o tráfico se interiorizou, buscando cada vez mais longe os cativos que o comércio atlântico demandava.

Esses Estados reforçaram, também, a prática de exercer seu domínio tornando certas comunidades tributárias. Ao tornar-se dependente de um poderoso reino, pequenas e médias comunidades se livravam da escravização, mas, em contrapartida, obviamente deviam compensações, entre as quais fornecer cativos ao dominador.

As feitorias localizadas no litoral eram o ponto de chegada de redes do mercado de escravos que se ligavam por estradas a feiras do interior controladas pelos diferentes Estados centralizados. Ao longo dessas rotas, caravanas de mercadores atuavam comprando e vendendo produtos.

É interessante notar que os comerciantes levavam, para o continente africano, produtos valorizados, desconhecidos ou de difícil acesso, como conchas de caurim (usada como moeda), tecidos da Índia, moedas de prata, fios de cobre, arames, cavalos, tabaco e cachaça. Essas mercadorias se tornaram fonte de poder e prestígio para os chefes locais.

Mudanças ocorreram na economia em torno dos entrepostos de comércio, quer para garantir a manutenção dos “estoques de cativos” quer para abastecer os navios. Ao redor de Ajudá, por exemplo, multiplicaram-se as plantações de milho, mandioca, palmeira de dendê, feijões, inhame e batata-doce, assim como as roças de legumes e pimenta. Cresceu também a criação de galinhas, porcos e cabras.

A economia local perdia sua autonomia. Voltava-se para atender aos interesses externos. No século XIX, essa situação agravou-se com a instalação de grandes propriedades produtoras de gêneros de exportação, utilizando, inclusive, mão-de-obra escrava. De certa forma, podemos dizer que as ondas de fome que assolam a África, constantemente presentes no noticiário internacional, são fruto da interferência desastrosa do homem. A fome não mais está presente por limitações ou catástrofes naturais, mas em função da desarticulação da economia voltada para o abastecimento, para a subsistência das sociedades africanas.

ATIVIDADE



3.

Na verdade, até 1880, o controle político direto era muito reduzido, limitando-se a pequenos conchaves, meras plataformas comerciais (...). Eram exceções: a colônia do Cabo, na África do Sul, fundada em 1652; Freetown, em Serra Leoa, fundada em 1787 como colônia para escravos libertos implantada pelos britânicos (...); e Saint Louis, no Senegal, fundada em 1879 (...) (HERNANDEZ, 2005, p. 51).

A ocupação efetiva do território africano pelos europeus ocorreu a partir do final do século XIX, com o imperialismo. Observa-se que o padrão do estabelecimento de feitorias predominou por muitos séculos. No caso português, na América, podemos identificar diferenças e semelhanças. Justifique.

RESPOSTA COMENTADA

Nos primeiros trinta anos do contato dos portugueses com as terras sul-americanas, o padrão africano foi respeitado. Poucos pontos litorâneos, em geral fortificados, serviam de base para captar produtos – especialmente pau-brasil – das comunidades locais. Contudo, mais cedo que na África, o domínio direto se processou. Já na década de 1530, a partir da instalação de fazendas produtoras de cana-de-açúcar, iniciou-se um processo efetivo de colonização.

CONCLUSÃO

Assim como aconteceu com as sociedades americanas pré-coloniais – descaracterizadas, uniformizadas e despossuídas de suas identidades devido à visão europeia de que eram todos indígenas –, os homens africanos foram desconsiderados como integrantes de etnias diversas, com culturas próprias e identidades particulares. Tornaram-se genericamente africanos, negros, boçais, contribuindo para um longo processo de apagamento do conhecimento sobre as sociedades com as quais os europeus se defrontaram a partir do século XV.

Urge, em uma sociedade na qual o racismo está latente e que tem suas raízes históricas ligadas à África, que se promova o resgate da história das sociedades africanas. Só com o conhecimento dessa trajetória, que une África e América pelo tráfico, pela escravidão e pela colonização, será possível chegar a uma reflexão madura sobre a identidade brasileira.

ATIVIDADE FINAL

Inúmeras mudanças foram produzidas nas sociedades africanas em função do estabelecimento do tráfico de escravos, embora tenha sido mantida uma autonomia política local. Identifique duas dessas transformações.

RESPOSTA COMENTADA

Várias são as respostas possíveis! As mais evidentes são a imposição de migração forçada a milhares de africanos e o crescimento dos conflitos internos incentivados pelo crescimento da demanda por cativos. O crescimento do tráfico ampliou as desigualdades sociais internas e afetou a economia local; redefiniu rotas comerciais, gerando desenvolvimento e decadência para certas regiões.

RESUMO

A partir das relações comerciais estabelecidas pelos europeus na África é possível ter a dimensão das transformações que foram produzidas e consolidadas após o século XV naquele continente. O tráfico de escravos, por exemplo, foi responsável por marcantes alterações na constituição e percepção da escravidão pelas sociedades africanas, pela migração forçada de milhões de indivíduos e pela rearticulação das formas de detenção do poder político.

LEITURAS RECOMENDADAS

BELLUCI, Beluce (Coord.). *Introdução à história da África e da cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: UCAM, 2003.

O objetivo da obra de introduzir os estudos da História da África e da cultura afro-brasileira justifica sua indicação de leitura.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005. Obra básica, por ter sua concepção voltada para o ensino.

Revisão

AULA 9

Meta da aula

Apresentar de forma sintética os pontos mais relevantes que foram trabalhados nas aulas desta disciplina.

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- criar uma síntese compreensiva das transformações ocorridas nos períodos históricos trabalhados nas aulas anteriores;
- criar conexões entre o estudo da História e a prática docente.

INTRODUÇÃO

Esta aula-resumo pretende ser uma síntese das várias matérias que você aprendeu nas aulas anteriores. É importante dar uma parada e refletir sobre tantas coisas interessantes e intrigantes que essas aulas ofereceram. É como fazer um balanço do que foi aprendido antes de prosseguir, pois ainda temos muito para conhecer.

NOSSAS HERANÇAS

Grécia e Roma configuram aquilo que comumente denominamos Antigüidade Clássica, da qual a Europa Ocidental herdou importantes aspectos que propagou pelo mundo. As Guerras Pérsicas, a Guerra do Peloponeso e a conquista macedônica foram eventos que marcaram o fortalecimento da civilização helênica e a sua expansão pela Ásia e parte da Europa. Essas guerras não levaram apenas destruição, morte, conquista e dominação, antes, serviram como propagação da cultura grega, das suas formas de educar e refletir sobre os mundos físico e espiritual.

Se houve um “milagre” grego, é bom frisar que este não se produziu como um passe de mágica. O assim chamado “milagre” grego foi longamente preparado e paulatinamente absorvido pelo conjunto social. As transformações decisivas ocorreram no campo intelectual e na poesia, mas as técnicas dos artesãos, o trabalho dos camponeses, o empenho dos soldados, enfim, uma multidão de anônimos, colaboram, qual cada qual com suas especificidades, para gerar significativas transformações. Desse modo, a Grécia dominou os cenários culturais da Antigüidade Clássica e perpetuou suas conquistas até os dias atuais.

Herdamos dos gregos verdadeiras preciosidades. Talvez a principal delas você sinta todos os dias: a idéia do homem como centro do Universo. Glorificado, estudado, exaltado, o homem foi objeto de contundentes reflexões, tornando-se um ser liberto diante dos deuses. Isso não quer dizer que eles tenham constituído uma civilização laica ou descrente. Muito pelo contrário. Você teve a oportunidade de aprender, na Aula 3, que a religiosidade desempenhou importante papel na vida dos gregos. Mas eles tiveram uma atitude laica e libertadora diante dos deuses, na medida em que o homem ocupava posição central no mundo. Os gregos acreditaram na capacidade dos homens para superar os limites impostos pela História, libertando-os de uma espera passiva.

Se os gregos acreditaram na capacidade do homem de não se humilhar diante das vontades dos deuses, eles também conseguiram superar o despotismo de uma classe sacerdotal. Portanto, seja no campo religioso, seja no político, os gregos inventaram a idéia de que o homem é capaz de gerir, em grupo, o seu destino. A política deixa então de ser a atividade de uma casta de escolhidos, para se tornar um assunto da sociedade, discutido na ágora e examinado racionalmente. Herdamos a democracia!

Talvez você não se aperceba, mas muitas das suas atitudes, gostos estéticos e literários, comportamentos políticos e esportivos foram forjados pelos gregos. É claro que a História provocou transformações consideráveis nas criações antigas. Porém, é importante ressaltar mais uma vez que qualquer transformação ocorre sobre uma base, e esta, a nossa, em muitos aspectos, é grega. Para terminar esta parte inicial, gostaria que você refletisse um pouco sobre a fé na razão humana, uma das mais poderosas invenções da genialidade grega, que até hoje marca o nosso comportamento diante do mundo.

Em 146 a.C., Roma, dotada de uma impressionante tenacidade e organização militar, subjuga a Grécia e a transforma numa província. Porém, a dominação romana não objetivava a destruição da cultura grega. Ao contrário, à medida que Roma estendia o seu domínio sobre o mundo, amplificava e transmitia muitas das características civilizacionais criadas pelos gregos.

Podemos afirmar que Roma fez ecoar a genialidade grega. Mas com isso não queremos dizer que os romanos não foram responsáveis por inovações importantes que marcaram e que perduram, ainda hoje, em várias partes do mundo.

Você agora está lendo uma aula escrita em português, um idioma derivado do latim, a língua falada e escrita pelos romanos. E quantas são as línguas originadas do latim que você conhece? Muitas: o português, o espanhol, o italiano, o francês e o romeno. Sem falar nas incontáveis palavras que derivam diretamente do latim e estão presentes no inglês e no alemão. E como você sabe, língua expressa idéias, e idéias são geradas em ambientes culturais. Assim, direta ou indiretamente, muito do que pensamos e falamos hoje foi gestado no seio da experiência histórica romana.

Porem, atenção! Nós herdamos duas preciosidades que você conhece muito bem: o Direito e a Engenharia. Sim, os romanos foram exímios juristas e notáveis engenheiros. Dois campos de conhecimento e duas práticas sociais extremamente necessárias para manter a organização do gigantesco império que criaram!

Roma foi uma organização social e política complexa, e para manter-se em pleno funcionamento, foi necessário estabelecer uma não menos complexa relação entre deveres e direitos de seus habitantes. Um grande passo nesse sentido foi dado pelo estabelecimento da distinção entre as coisas públicas e privadas. Um imperador romano sabia que estava à frente de um império que não lhe pertencia, pois era de todos os cidadãos: *res-publica*. O desenvolvimento desta noção acarretou o aperfeiçoamento de um sistema jurídico que tendia a garantir ao Estado um lugar proeminente na vida pública, uma instância que pairava acima dos interesses particulares e que tinha, assegurada por lei, a sua autonomia.

As relações de posse, de propriedade e de liberdade também foram alvo de intensas discussões jurídicas. Atualmente, você sabe, qualquer escola de Direito mantém em seu currículo o estudo das leis romanas, principalmente do Código de Justiniano, considerado por muitos estudiosos uma das mais destacadas contribuições dos romanos para a humanidade.

Se o Direito romano refletiu a complexidade sociopolítica de Roma, da Engenharia pode-se dizer o mesmo. Imagine você o que era administrar um império que cobria todas as margens do mar Mediterrâneo, numa época em que o meio de transporte mais rápido era o cavalo. Desde a época dos Césares até a invenção do trem, a velocidade de deslocamento permaneceu a mesma. Portanto, entre as grandes obras de engenharia dos romanos estão as estradas. Elas cobriam distâncias enormes, possibilitando a comunicação entre todas as províncias do vasto império. Eram bem guarnecidas de hospedarias, e a sua manutenção nos faria corar de vergonha.

Mas as habilidades de engenharia dos romanos não se encerram nas estradas. Eles inventaram o concreto, abrindo a possibilidade de criar novos projetos, como, por exemplo, o teto em forma de abóbada. A grandiosidade do Império estimulou construção de edifícios administrativos gigantes, que até hoje inspiram a arquitetura

contemporânea. Você já viu uma ilustração do Coliseu, não? Pois bem, este é mais um dos grandes feitos da engenharia romana. Um espaço amplo o bastante para comportar cinqüenta mil espectadores e uma arena preparada para encenar complexos espetáculos, que iam da luta de gladiadores à representação de batalhas marítimas.

Agora, um alerta para suas aulas: o conteúdo de Antigüidade Clássica não está previsto para ser tratado no âmbito das Séries Iniciais. Trata-se, portanto, de se utilizar o conhecimento adquirido como uma referência para estimular a reflexão, a comparação e o questionamento.

O ensino de História tem como um de seus grandes objetivos o amadurecimento progressivo da compreensão das dimensões do tempo. A utilização de situações históricas contextualizadas na Antigüidade Clássica pode ser uma oportunidade de contribuir para esse processo. A percepção de situações de mudança e permanência pode ser explorada; assim como pode demarcar, por exemplo, longas durações.

Não esperamos, portanto, que os alunos, nessa fase do Ensino Fundamental, sejam conhecedores da História grega e romana, mas que recebam algumas informações interessantes, que propiciem o confronto com suas vivências pessoais.

Assim, os alunos, dependendo do local onde vivem, podem ter acesso a estruturas arquitetônicas e estéticas tipicamente clássicas. Na cidade do Rio de Janeiro, na Lapa, podemos observar um aqueduto, construído no período colonial, que remete à lembrança das soluções da engenharia clássica. No município de Cachoeiras de Macacu, o prédio do fórum apresenta estética de inspiração grego-romana.

Um exercício de vocabulário pode demonstrar quantas palavras utilizamos no nosso cotidiano herdadas do grego e do latim. Por exemplo, *poesia*, *herói*, *democracia* e *simpatia* derivam do grego. Já os termos *pobre*, *jogo*, *armário* e *bola* derivam do latim. Estimular esse tipo de pesquisa é, igualmente, uma forma de enriquecimento de vocabulário.



ATIVIDADES

1. Para realizar bem esta atividade, é importante que você reveja algumas passagens das Aulas 3 e 4.

Escolha nos dias atuais ao menos duas características (Arquitetura, Direito...) ou eventos nos quais seja possível identificar a influência da Antigüidade Clássica: uma para os gregos, outra para os romanos.

COMENTÁRIO

Não é possível fazer um comentário preciso sobre a resposta, pois dependerá das suas escolhas, que são livres.

2. Leia atentamente o texto de época a seguir:

Em primeiro lugar os casais se unem para procriar; depois entre os humanos, os pais, quando velhos, serão alimentados pelos filhos; e como os homens não vivem ao ar livre como os animais, precisam de abrigos. E se os homens querem ter coisas para trazer para seus abrigos, precisam fazer trabalhos ao ar livre, de onde se traz o que é necessário para a vida, a agricultura e a criação de animais. E quando as provisões chegam ao abrigo, é preciso alguém para conservá-las. Há outros trabalhos que só podem ser feitos em lugares fechados: cozinhar, tecer e educar as crianças. Ora, como essas duas funções, do interior e do exterior, exigem atividade e cuidado, os deuses tornaram a natureza da mulher própria aos trabalhos do interior, e a do homem própria para os trabalhos do exterior (XENOFONTE. Econômico. Apud: ACKER, 1994, p. 23).

Identifique *duas* abordagens distintas de trabalhar o texto no âmbito das Séries Iniciais.

RESPOSTA COMENTADA

O texto evidentemente pode ser trabalho para discutir as questões de gênero, promovendo um debate sobre o papel de homens e mulheres de sociedade para sociedade, ressaltando semelhanças e diferenças com o contexto de vida do aluno. Por outro lado, poderia ser explorada a divisão do trabalho por sexo e idade, evidenciando que outras épocas apresentam outras divisões e atividades. Por

fim, com mais complexidade, o texto utiliza como justificativa dessa divisão de funções entre homens e mulheres argumentos da religiosidade, apagando que as relações sociais são criações humanas, construídas coletivamente. Essas questões poderiam ser trabalhadas com a realização de desenhos ou por meio das narrativas orais dos alunos.

A IDADE MÉDIA E O NASCIMENTO DO OCIDENTE

Você estudou na Aula 5 a formação do mundo medieval. Vamos resumir alguns pontos tratados naquela ocasião.

A Idade Média sucedeu ao Império Romano, nasceu dos seus escombros. Um império, caracterizado pela unidade territorial e pela centralização política, deu lugar à fragmentação territorial e à descentralização política. É importante ressaltar esse contraste, para termos em mente a radical diferença que se estabelece entre as duas experiências históricas. Há um outro contraste radical que você deve lembrar agora. O Império Romano e os povos germânicos que o invadiram professavam o paganismo. Vários eram os deuses aos quais se prestavam respeito e devoção, enquanto na Idade Média construiu-se uma civilização baseada no monoteísmo, a crença absoluta em um único Deus.

Os dois contrastes que acabei de salientar foram responsáveis por muitas das características apresentadas no período medieval, uma época, sem dúvida, marcada por tremendas dificuldades: decréscimo populacional, explosão da violência, retração e ruralização da vida social. Mas nem só de dificuldades viveram os medievais. Foi uma época em que, a despeito do obscurantismo de alguns setores da Igreja, se viveu intensamente a fé e, a partir dela, ergueram-se verdadeiros monumentos literários e arquitetônicos. Os livros de horas, os missais, os tratados teológicos, as reflexões filosóficas e as catedrais são exemplos eloqüentes dos esforços empreendidos na Idade Média para expressar a devoção. O homem não ocupa mais, como na Antigüidade Clássica, o centro do Universo – cede lugar a um Deus único e onipotente, mas se mantém no centro da cena reflexiva, na medida em que se coloca como a mais importante e completa obra do Criador.

Se durante um longo período, que vai da queda do Império Romano (476) ao século XII, o saber e o conhecimento permanecem como que trancados nos mosteiros europeus, a partir do século XIII eles passam a ocupar as universidades, talvez a mais importante e poderosa criação do espírito medieval. E com as universidades nascem os intelectuais e renascem as cidades. É como se depois de um longo período de penúrias e silêncios viessem à luz magníficas gestações: a catedral gótica, a cidade, os burgueses, a filosofia, as línguas modernas, a agricultura trienal e a organização dos trabalhadores.

Você deve se recordar de que, com o fim da Antiguidade Clássica, a escravidão vai deixando de ser uma prática econômica e filosoficamente viável. Da junção dos antigos romanos com os bárbaros, surge uma nova classe de trabalhadores da terra, se não ainda livres, pois que presos à terra que cultivavam, ao menos já não pertencentes a um senhor. O não-pertencimento a um senhor vai evoluir para relações mais complexas no universo do trabalho, redundando na queda definitiva da escravidão enquanto instituição aceitável.

Para o homem medieval, principalmente a partir do século XII, colocam-se desafios no campo das técnicas, das artes, da filosofia, da política e da agricultura, dos quais sai vitorioso. Passa a dominar cada vez melhor o trabalho com o vidro, o cimento e os metais, assim como explora a de forma mais eficiente às máquinas geradoras de força, como os moinho de vento e hidráulicos. A arte torna-se mais realista e precisa na tentativa de representar o belo. A filosofia ousa colocar a razão a serviço da fé, recuperando procedimentos da lógica aristotélica para melhor compreender Deus, o homem e as relações possíveis que se estabelecem entre os dois. As disputas políticas tendem a separar cada vez mais a esfera religiosa do Estado e da governança. A agricultura dá um salto gigantesco com a rotação trienal dos solos cultiváveis, aumentando consideravelmente a produção alimentar e alterando positivamente a dieta, tornando a população melhor nutrida e mais resistente às doenças.

Depois do apogeu que foi alcançado no século XIII, a Idade Média enfrenta uma série de problemas estruturais. O mais grave deles parece ter sido o esgotamento das formas de produção de riqueza. A natureza, cansada e esgotada pela exploração sistemática durante séculos, parece desequilibrar-se, levando com ela a saúde dos medievais. O século XIV

foi catastrófico, principalmente pelas conseqüências devastadoras da peste negra. O século XV apresenta nítidos sinais de recuperação, que se manifestaram plenamente na Idade Moderna.

Um dos temas propostos pelo PCN para o ensino das Séries Iniciais é o estudo das migrações no contexto brasileiro. A abordagem desse tema pode ser enriquecida com referências a outros processos migratórios significativos registrados na História. As migrações germânicas podem ser destacadas nesse contexto, já que retratam um momento ímpar de movimentação generalizada de povos. As motivações desses processos de momentos históricos diversos podem ser analisadas e confrontadas.

Os germanos foram atraídos, por exemplo, pelas riquezas do Império Romano em momento de mudanças climáticas que tornavam extremamente difícil a sobrevivência na região da Europa Oriental. Os processos de migração de populações nordestinas, tanto para o sudeste quanto para o norte, estiveram relacionados a estímulos semelhantes, embora em contextos históricos distintos. Podemos dizer que, em ambos os casos, dificuldades de sobrevivência em ambiente adverso estimularam a busca de melhores condições de vida em áreas ricas ou de expansão.

Por outro lado, a reconhecida fuga dos povos indígenas que habitavam o litoral atlântico para o interior, com a ampliação da ocupação da costa pelos europeus, pode ser cotejada com outros processos de migração ocasionados por invasões e pela pressão da ocupação de outros povos. O período medieval também é rico em exemplos desse tipo, especialmente por causa das agitações bélicas constantes e das invasões de diversos povos.

Outro aspecto em que o conteúdo tratado nesse período da História européia pode ser aplicado é o que diz respeito ao trabalho com a diversidade cultural. Através da História do cotidiano é possível identificar inúmeras sociedades contemporâneas vivendo de formas diferentes. A utilização de aspectos da organização, dos hábitos e costumes, por exemplo, de francos, visigodos, vândalos, anglos e saxões pode enriquecer as aulas que tratem da questão. O importante é que o aluno tenha contato com a riqueza da diversidade cultural e, gradativamente, perceba que essa diferenciação entre sociedades é historicamente produzida pelos homens no convívio em coletividade.

Aspectos da intolerância com a diversidade poderiam, igualmente, ser explorados utilizando exemplos do período. Especialmente relevantes

são os movimentos medievais que envolvem perseguições de caráter religioso. Esses movimentos são extremamente importantes para estimular a reflexão de problemas da atualidade, como aqueles que vêm envolvendo a oposição entre cristianismo e islamismo.

ATIVIDADES



3. Você provavelmente já ouviu falar, ou leu em algum livro, que a Idade Média é a Idade das Trevas. Escolha alguns exemplos nesta aula e na Aula 5 que possam ilustrar o comentário.

RESPOSTA COMENTADA

Um período, sem dúvida, marcado por tremendas dificuldades: decréscimo populacional, explosão da violência, retração e ruralização da vida social, além da pobreza de boa parte da população e a peste negra.

4. Considerando as abordagens escolares propostas no texto desta aula, identifique dois recursos didáticos que poderiam ser utilizados para a inserção do aluno nos debates possíveis mencionados.

RESPOSTA COMENTADA

A utilização de mapas poderia ser muito útil para a visualização dos processos migratórios, já que na faixa etária trabalhada não há ainda um desenvolvimento amadurecido da percepção espacial. Outra possibilidade seria a leitura e discussão de textos de época. As lendas podem ser uma boa opção para demarcar as diferenças entre romanos e germânicos, por exemplo. A utilização de ilustrações, mostrando o cotidiano desses povos, é outro subsídio para o trabalho didático. Ressalto que, como a intenção não é trabalhar saberes da História medieval européia, essas atividades poderiam estar entremeadas por mapas, textos, lendas e imagens da atualidade, a fim de estimular a reflexão e a comparação.

HISTÓRIA MODERNA: A REINVENÇÃO DO HOMEM

O período moderno cobriu três séculos da História Ocidental. Os seus marcos inicial e final são ilustrativos de sua importância para o mundo atual: do Renascimento ao Iluminismo. Você, todos os dias, ao desempenhar as suas funções de professor e educador, está atualizando e vivendo algumas conquistas e criações daquele rico momento.

O Renascimento, ao beber na fonte da Antigüidade Clássica, recoloca o homem no centro do Universo. Embora não tenha sido um movimento cultural de caráter laico, que tenha se preocupado em negar a existência de Deus e a importância da Igreja, teve como alvo principal a recuperação da crença nas capacidades infinitas do homem de criar. E se o homem era o alvo de profundas preocupações espirituais e materiais, o conhecimento somente poderia ser alcançado a partir da observação. Assim, além de elevar o estatuto e a importância do homem no Universo, os renascentistas desenvolveram a observação objetiva da natureza e dos fatos, para melhor compreendê-los. O homem passa a ser objeto de pesquisa; seu corpo é minuciosamente pesquisado para que seja precisamente representado. Nas artes plásticas, esses avanços são claros. Os quadros e as esculturas dos renascentistas atestam a extrema preocupação com os detalhes, as proporções, a profundidade. Tão perfeitas e precisas eram as obras dos renascentistas que Michelangelo, depois de esculpir o *Moisés* e apreciar a sua beleza e exatidão, bateu-lhe no joelho e disse: “Fala!”



Tanta preocupação com a observação e a representação, levou o desenvolvimento para o campo da ciência, que a partir de então propõe a observação objetiva da natureza como forma de atingir a verdade do mundo. O resultado deste desenvolvimento veio a manifestar-se plenamente na chamada Revolução Científica.

O Humanismo provocou, como você aprendeu, transformações no campo da arte e da ciência, além de contribuir para novas e ousadas reflexões e transformações políticas. A formação dos Estados modernos, que ainda hoje compõem o mapa europeu, também foi influenciada pela postura humanista, que apostava na formação de uma teoria política que eliminasse os entraves representados pela moralidade religiosa. Como você estudou na Aula 7, o Estado moderno foi composto por duas faces: o absolutismo e o mercantilismo. Estas duas faces foram alimentadas e desenvolvidas plenamente a partir da idéia de que os governantes deveriam ser livres para intervir em todos os setores da vida nacional, objetivando uma administração laica e funcional, que fosse capaz de fortalecer os Estados em formação.

O mercantilismo, aliado ao poder dos reis em franca ascensão, foi um forte estímulo para as grandes navegações transoceânicas, que redundaram na descoberta de novos mundos. Pela primeira vez na História, civilizações que viviam isoladas passam a interagir e estabelecem contatos comerciais e culturais. O conhecimento da forma do mundo dá-se com as grandes navegações. Os europeus descobrem que existem povos, culturas, línguas, paisagens e produtos de que eles jamais haviam ouvido falar. O mundo é surpreendentemente mais amplo e variado do que se acreditou durante muitos séculos de História. Começa então uma fase da História, que se estende até os dias atuais, na qual o contato interétnico e as trocas comerciais e culturais fundamentam a posição das nações no vasto cenário mundial. O isolamento torna-se uma situação nefasta para os países que pretendem desenvolver-se.

O período moderno também assistiu a tremendas agitações e conflitos religiosos. As reformas protestante e católica alteram a face da Europa: quebra-se o mais eficaz e poderoso instrumento de unidade. Agora, convivendo dentro do cristianismo, existem dois credos, que se combateram violentamente. Era a mensagem de Cristo sendo reavaliada e provocando a morte dos contrários. Um período de intolerância baseado numa mensagem de tolerância!

Instrumentalizando os debates religiosos, facilitando a divulgação de novos conhecimentos e propagando antigas crenças e tradições filosóficas, a imprensa cumpre um papel de suma importância: coloca ao alcance de milhares de leitores livros que antes apenas poderiam ser vistos, lidos e tocados por uma elite de sábios.

Um período tão conturbado, rico em inovações e denso em acontecimentos históricos não poderia terminar placidamente. O Iluminismo e a Revolução Francesa marcam o desfecho do período moderno e a abertura da chamada História Contemporânea.

O Iluminismo foi o movimento intelectual que, dentre outras preocupações, colocou em discussão a necessidade de educar universalmente para melhorar as condições da sociedade. Foi um movimento que manifestou forte estímulo para a aplicação da razão em todas as áreas, desde a análise e a organização social até a formulação de princípios de governo. O nome, que traz em si o radical *luz*, entende a luz como razão. E o absolutismo na política e as desigualdades sociais não resistiam, segundo eles, a uma análise racional. Eram resquícios de uma tradição feudal que deveria ser eliminada do mundo, como condição prévia para o estabelecimento da Igualdade, Fraternidade e Liberdade, os lemas da Revolução Francesa. O Enciclopedismo, movimento associado ao Iluminismo, tinha por objetivo criar uma obra que reunisse, se não todos, ao menos os principais conhecimentos adquiridos e produzidos pelo homem, para facilitar o acesso a todos que quisessem e precisassem aprender.

A Revolução Francesa foi alimentada intelectualmente pelos pensadores iluministas. Ela eclode em Paris em 1789, e deixa uma profunda marca na história do Ocidente. Estabelece-se, pela primeira vez, que todos os homens são iguais perante a lei. Os golpes desta profunda e violenta revolução ecoaram por todo o Ocidente, dando origem aos movimentos e governos republicanos que iriam pontuar a História contemporânea.

Nesse contexto moderno, merecem uma reflexão especial as consequências provocadas pela expansão acentuada do tráfico de escravos estabelecido entre África e América.

A colonização européia na América foi sustentada por formas de trabalho compulsório. Na porção espanhola predominaram formas de servidão. Na América portuguesa, entretanto, predominaram

maciçamente o trabalho escravo, alimentado pelo tráfico.

É sabido que a população escrava não possuía um crescimento natural. Todo o esforço de ampliar o número de cativos para atender à demanda de mão-de-obra foi feito a partir do lucrativo comércio de homens escravizados. Aumentar os plantéis de cativos na América dependia do aprisionamento progressivo de indivíduos na África, já que a mortalidade dizimava aqueles que sobreviviam ao traslado nos navios negreiros.

Os efeitos do estabelecimento do tráfico na África foram desastrosos. Além de impor a migração forçada de milhões de seres humanos, transformou as relações econômicas, políticas e sociais antigas.

O pensamento ilustrado e a industrialização promoveram progressivamente o questionamento da escravidão, a partir do final do século XVIII, mas não a extinguiram imediatamente. Mesmo após sua proibição, persistiram formas de exploração e a marca da discriminação.

ATIVIDADES



5. Para realizar esta atividade, você precisa retomar a Aula 7. Estabeleça uma ligação entre duas características do período moderno e o mundo em que você vive.

RESPOSTA COMENTADA

Citarei as duas principais. Caso você tenha escolhido uma característica que não conste neste comentário, não quer dizer que a sua resposta não esteja correta. Faça a relação e você encontrará a coerência. Os tutores também podem prestar um bom auxílio. A valorização do homem é uma forte ligação que mantemos com o período moderno. Atualmente, assim como ocorreu no período moderno, o homem está no centro das relações de saber, além de ser extremamente valorizado como referência para compreender o mundo. A segunda ligação forte está no pensamento científico. A época moderna inaugura o objetivo de validar apenas as explicações científicas que são fruto de observação.

6. Uma das funções do ensino de História é proporcionar situações de aprendizado nas quais o conhecimento do passado promova a melhor compreensão do presente. Identifique dois problemas contemporâneos que, tanto no Brasil quanto na África, se apresentam como consequência direta da colonização e da escravidão e que poderiam ser explorados no contexto didático.

RESPOSTA COMENTADA

No Brasil, a população afro-descendente encontra-se concentrada nas camadas mais pobres da população, ocupando funções menos prestigiadas, recebendo salários mais baixos, permanecendo menos tempo na escola, sofrendo com posições racistas. Na África, inúmeros países, originados dos processos de descolonização do século XX, têm dificuldade de se estabilizarem politicamente diante da composição étnica diversificada. Formam Estados nacionais frágeis. Por outro lado, a economia crescentemente rearticulada após o século XV para atender às demandas externas alterou profundamente a dinâmica da economia africana, justificando, por exemplo, as ondas de fome e de epidemia crescentes. Tais questões poderiam ser tratadas com notícias de jornais e revistas atuais.

Exercícios

AULA

10

Meta da aula

Exercitar os conceitos, os conteúdos e os procedimentos estudados no Módulo 1 da disciplina História na Educação 2.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- reconhecer as estruturas econômicas, políticas e culturais da Antigüidade Clássica, da Idade Média e do Período Moderno;
- compreender as diferenças e operacionalidade dos conceitos de civilização e cultura;
- identificar os processos históricos tratados nas aulas anteriores;
- identificar as relações entre as aulas de conteúdo historiográfico e as aulas referentes ao ensino da História.

INTRODUÇÃO

Meu caro aluno,
com esta aula, você terá a oportunidade de exexutar o que aprendeu em nossas aulas até aqui. Durante esses processo, você teve a oportunidade de fazer contato com várias experiências históricas. Aprendeu sobre o pensamento na Antigüidade, o nascimento da democracia, a formação da Europa, a diferença entre escravos e servos, a formação do Estado Moderno, o Renascimento e as relações que é possível traçar entre esses conteúdos e os PCN. Estamos propondo agora que você faça uma série de exercícios relacionados às aulas anteriores. É um momento de reflexão. Pegue o seu material. Encontre um lugar tranqüilo e comece a refazer a viagem que lhe foi proposta na primeira aula. Desta vez você vai resolver questões que foram formuladas para aticar a sua memória e criatividade. Boa aula!

AULA 1 – CIVILIZAÇÃO E CULTURA

ATIVIDADES

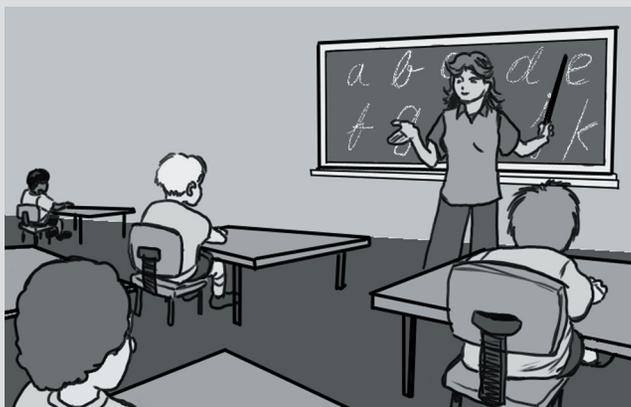
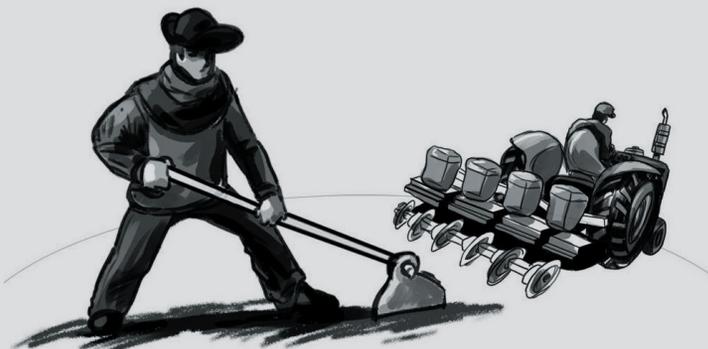


1. Retorne à aula e leia atentamente a definição de civilização. Você vai encontrar uma raiz comum nos vocábulos civilização e cidade. Escolha um fato social ocorrido na sua cidade e explique de que forma a raiz comum encontrada nos dois vocábulos pode ser percebida no fato que você escolheu.

RESPOSTA COMENTADA

É claro que tudo vai depender do fato que você escolheu. Mas há um ponto do qual não se pode escapar: a vida na cidade exige o cumprimento de algumas regras que são sempre percebidas, até mesmo quando elas são descumpridas. Vamos supor que você tenha escolhido como fato social ocorrido na sua cidade uma greve de motoristas de ônibus, por exemplo. As regras de civilidade, a cidadania, os direitos dos trabalhadores, o direito ao transporte público, tudo isso entra em questão quando se pensa na civilização e na cidade.

2. Observe atentamente as ilustrações a seguir. Baseando-se no que você aprendeu sobre o conceito de cultura, explique a semelhança entre as duas imagens.



RESPOSTA COMENTADA

A semelhança está no fato de que a moderna utilização que fazemos da palavra cultura vem da prática de cultivar a terra. Assim, ser culto, adquirir cultura, é cultivar o espírito.

AULA 2 – CIVILIZAÇÃO E CULTURA 2

ATIVIDADE



1. Leia com atenção os textos que registram a opinião do viajante Hans Staden sobre os indígenas do Brasil.

São gente bonita de corpo e estatura, homens e mulheres igualmente, como as pessoas daqui; apenas, são queimados do sol, pois andam todos nus, moços e velhos, e nada absolutamente trazem sobre as partes pudendas. Mas se desfiguram com pinturas (STADEN, 1974, p.161).

Com o verdadeiro Deus, que criou o céu e a terra, não se preocupam. Crêem, de longa tradição, que o céu e a terra sempre existiram. Aliás, nada sabem de particular do início do mundo, apenas narram que houve uma vez uma vastidão de águas na qual todos os seus antepassados morreram afogados. Somente alguns daí escaparam numa embarcação e outros sobre altas árvores. Penso que deve ter sido o dilúvio (STADEN, 1974, p.174).

a. Identifique DUAS afirmativas do viajante que denotam a incompreensão do homem europeu com a cultura indígena.

b. Reescreva uma frase do texto que evidencie que o viajante julga a sociedade indígena a partir dos valores culturais europeus.

RESPOSTA COMENTADA

a. A incompreensão de Hans Staden fica evidente na sua referência ao hábito da nudez, ao uso de pinturas corporais e na análise que faz da religiosidade indígena.

b. A presença de olhar comprometido com os valores europeus ficou registrada claramente nas seguintes frases: “Mas se desfiguram com pinturas”; “Com o verdadeiro Deus, que criou o céu e a terra, não se preocupam” e “Penso que deve ter sido o dilúvio”.

ATIVIDADE

2. Observe as construções a seguir.



Civilização grega



Civilização romana

As imagens retratam construções de civilizações distintas: a grega e a romana. Essas imagens são exemplo do processo de aculturação. Justifique a afirmativa, relacionando-a com o ensino de conceitos.

RESPOSTA COMENTADA

A influência da arquitetura grega na romana materializa o processo de aculturação vivenciado pelos romanos durante o domínio dos territórios da Península Balcânica e das colônias das cidades gregas. O prédio do panteão romano apresenta fachada idêntica ao da construção grega, com frontispício triangular e colunas. Nota-se que o estilo foi absorvido pelos romanos e integrado a outro padrão de construção. No contexto do Ensino Fundamental, a apresentação de imagens dessa natureza colabora para a compreensão e elaboração do conceito de aculturação, a partir de exemplos concretos.

AULA 3 – ANTIGÜIDADE CLÁSSICA: GRÉCIA E ROMA

ATIVIDADES



1. Escolha uma das principais transformações sociais, políticas e intelectuais ocorridas na Grécia Clássica segundo o texto de nossa aula e componha em dez linhas sua importância para a compreensão da idéia de cidadania.

RESPOSTA COMENTADA

Para responder a essa questão, você deve buscar, no texto da aula, a compreensão da idéia de cidadania na Grécia clássica, destacando uma transformação importante em um dos aspectos a seguir: social, político ou intelectual.

2. Na sociedade romana, os conflitos entre patrícios e plebeus desempenharam um papel primordial. Correlacione uma das reivindicações dos plebeus com problemas da sociedade brasileira atual. Explique essa correlação em dez linhas.

RESPOSTA COMENTADA

Para responder a essa questão, você deve se lembrar da busca dos plebeus por maior igualdade política, social e econômica dentro da sociedade romana, e fazer um comentário sobre nossos problemas sociais atuais que possam ser correlacionados com essa busca.

**ATIVIDADES**

1. É importante conhecer melhor Atenas, pela relevância que possui no imaginário político até hoje. Em primeiro lugar, uma ressalva: a democracia ateniense nunca foi absolutamente incluyente: dizia respeito apenas a cidadãos homens e excluía, de qualquer forma de participação política, mulheres, imigrantes e escravos. Em contrapartida, no âmbito restrito dos cidadãos, representava uma experiência notável de participação direta no poder de todas as camadas sociais, independentemente da riqueza ou posição social (GUARINELLO in: PINSKY e PINSKY, 2003, p.40).

Identifique uma contribuição que o estudo da democracia ateniense pode dar à formação do cidadão contemporâneo.

RESPOSTA COMENTADA

A base da reflexão se faz a partir da experiência de participação, especialmente por seu caráter amplo no âmbito do que se considerava cidadania. Deve-se ressaltar que essa participação era direta e não representativa, como na atualidade ocorre nos regimes democráticos.

2. No sentido moderno, cidadania é um conceito derivado da Revolução Francesa (1789) para designar o conjunto de membros da sociedade que têm direitos e decidem o destino do Estado. Essa cidadania moderna liga-se de múltiplas maneiras aos antigos romanos, tanto pelo termo utilizado como pela própria noção de cidadão. Em latim, a palavra *ciuis* gerou *ciuitas*, "cidadania", "cidade", "Estado". Cidadania é uma abstração derivada da junção dos cidadãos e, para os romanos, cidadania, cidade e Estado constituem um único conceito – e só pode haver esse coletivo se houver, antes, cidadãos. (...) Se para os gregos havia primeiro a cidade, *polis*, e só depois o cidadão, *polites*, para os romanos era o conjunto de cidadãos que formava a coletividade. Se para os gregos havia a cidade e Estado, *politeia*, para a cidadania, *ciuitas*, englobava cidade e Estado (FUNARI in: PINSKY e PINSKY, 2003, p.49).

No ensino, uma das grandes preocupações do docente deve ser o uso dos conceitos. O texto acima alerta para um problema delicado da aplicação dos conceitos que o professor enfrenta cotidianamente. Identifique-o.

RESPOSTA COMENTADA

Observe que o texto deixa claro que o conceito de cidadania teve inúmeros significados ao longo do tempo. Contudo, o aluno traz consciente ou inconscientemente um conceito de cidadania e, em geral, não percebe que as palavras também possuem história. Nesse sentido, é preciso chamar atenção para essas diferenças históricas dos significados para evitar aplicações anacrônicas.

AULA 5 – IDADE MÉDIA: O NASCIMENTO DO OCIDENTE

ATIVIDADES



1. Escreva uma pequena redação explicativa, apresentando as principais diferenças entre o escravo e o servo.

RESPOSTA COMENTADA

Você, para bem realizar este exercício, deve frisar que o escravo pertence ao senhor e nada recebe pelo seu trabalho. Enquanto o servo está ligado à terra na qual trabalha e fica com parte do que produz.

2. Leia atentamente o texto a seguir.

O próprio Deus quis que, entre os homens, uns fossem senhores e outros fossem servos, de tal maneira que os senhores se ocupassem de venerar e de amar a Deus, e que os servos se ocupassem de amar e venerar seus senhores (...) (SÃO LAUD D'ANGERS).

Agora explique que posição o autor adota em relação à hierarquia social.

RESPOSTA COMENTADA

Além de defender a hierarquia ao usar o argumento de que foi o próprio Deus que a criou, o autor a reforça quando afirma que os senhores devem adorar a Deus e os servos devem adorar aos senhores.

AULA 6 – IDADE MÉDIA: O NASCIMENTO DO OCIDENTE 2**ATIVIDADES**

1.

A razão [de ser] dos carneiros é fornecer leite e lã; a dos bois é lavar a terra; e a dos cães é defender os carneiros e os bois dos ataques dos lobos. Se cada uma destas espécies de animais cumprir a sua missão, Deus protegê-la-á. Deste modo, fez ordens, que instituiu em vista de diversas missões a realizar neste mundo. Instituiu uns – os clérigos e os monges – para que rezassem pelos outros, e, cheios de doçura como ovelhas, sobre eles derramassem o leite da pregação e com a lã dos bons exemplos lhes inspirassem um ardente amor de Deus. Instituiu os camponeses para que eles – como fazem os bois com seu trabalho – assegurassem a sua própria subsistência e a dos outros. A outros, por fim – os guerreiros –, instituiu-os para que mostrassem a força na medida do necessário e para que defendessem dos inimigos, semelhantes a lobos, os que oram e os que cultivam a terra (Bispo Eadmer de Canterbury, no século XI).

a. Explique o papel de manutenção do *status quo* desempenhado pela Igreja Romana na Idade Média a partir do texto.

b. Indique uma problematização que a análise do texto poderia gerar no contexto da aula, contribuindo para a reflexão da atualidade.

RESPOSTA COMENTADA

Se cada um tem seu papel na sociedade designado por Deus, rebelar-se contra sua condição social era rebelar-se contra Deus. Em contrapartida, nessa concepção as relações socioeconômicas

não são criações históricas dos homens; logo, a visão de mundo é estática e não dinâmica. Essa análise permite discutir a complexa relação da associação do poder religioso com os interesses econômicos e políticos de um Estado ou um grupo social. Por serem dogmáticos os princípios da fé, a tendência é que essa associação gere ações extremistas.

2. As ilustrações do século XV retratam a vida de dois segmentos distintos da sociedade medieval. Analise as imagens.



Fonte: Mario Schmidt, 1999.

Justifique a importância que os documentos iconográficos podem ter para o ensino de História nas séries iniciais, a partir das ilustrações anteriores.

RESPOSTA COMENTADA

Considerando que o domínio da escrita nas séries iniciais ainda é relativo e que os documentos escritos de época trazem dificuldades no vocabulário e na sua organização, a iconografia pode ser um veículo de comunicação e informação mais profícuo. A observação das imagens anteriores, por exemplo, deixam claro que havia, no período medieval, grupos sociais com condições extremamente distintas. Fica evidente, também, que esses grupos possuíam funções distintas (Ex.: camponeses – trabalhar a terra).

AULA 7 – IDADE MODERNA: A REINVENÇÃO DO HOMEM

ATIVIDADES



1. Aponte duas características do Estado Moderno e explique a sua importância.

RESPOSTA COMENTADA

Vai depender da sua escolha: centralização administrativa, exército permanente, cobrança de impostos, língua comum etc. Todas elas são importantes à medida que fortalecem a figura do monarca, passando para as suas mãos o controle sobre os negócios da nação.

2. Explique o conceito de Renascimento e comente a sua importância para a História Moderna.

RESPOSTA COMENTADA

Renascimento foi um conceito cunhado no século XIX, mas os homens que viveram o Renascimento já apresentavam uma consciência nítida de que estavam rompendo com o passado próximo. Renasciam porque acreditavam ser necessário romper com a Idade Média e retornar aos valores da Antiguidade clássica. Foi importante à medida que colocou o homem no centro do universo, liberando-o de algumas amarras tecidas ao longo da Idade Média, uma época extremamente teocêntrica.

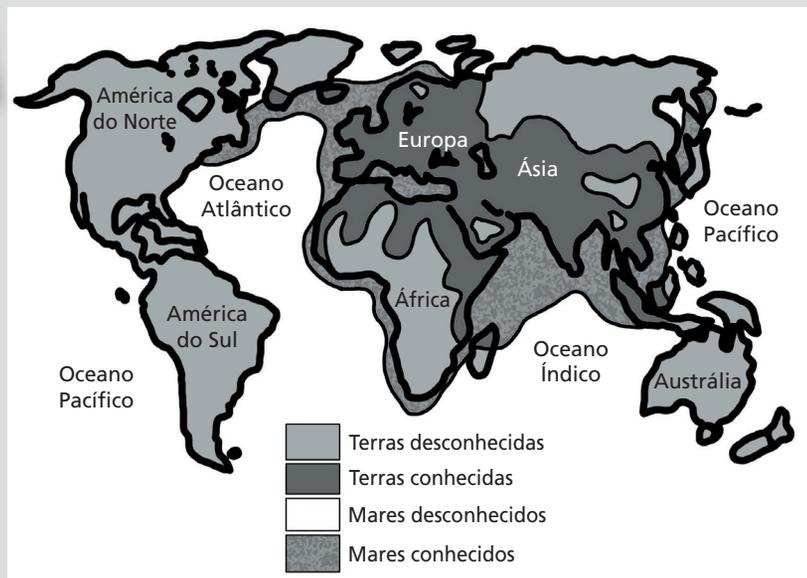
AULA 8 – IDADE MODERNA: A REINVENÇÃO DO HOMEM 2

ATIVIDADES



1. Analise o mapa a seguir.

Mundo conhecido pelos europeus, meados do século XV:



Fonte: consultado em 25/1/2006.
http://www.klickeducacao.com.br/Conteudo/Referencia/historia_geral/Item_View/0,1655,759-historia_geral-55-3591-POR,00.html

As Grandes Navegações ou, melhor dizendo, a Expansão Marítima e Comercial Européia foi um processo histórico que desencadeou imensas transformações no contexto mundial.

O mapa anterior poderia ser explorado de diversas formas no contexto das séries iniciais do Ensino Fundamental. Identifique duas possibilidades de aplicação didática do mapa.

RESPOSTA COMENTADA

Você pode dar muitas respostas para essa questão! Por exemplo, levar o aluno a perceber que a visão e a representação de mundo de hoje é diferente daquela feita pelos europeus no século XV. Pode-se discutir, a partir disso, que esses conhecimentos não estavam generalizados na sociedade européia; assim como hoje, algumas comunidades que vivem isoladas podem desconhecer os territórios para além daquele em que vivem. Outra questão que pode ser percebida é que os europeus do século XV desconheciam diversos territórios e, conseqüentemente, diferentes culturas. O aluno, a partir do mapa, poderia perceber, como conseqüência da expansão, o melhor conhecimento espacial da Terra, assim como a intensificação dos processos de aculturação com o contato entre sociedades de culturas distintas. O importante é que as conclusões não sejam dadas pelo docente, mas elaboradas pela observação e troca pelos alunos. Obviamente, a análise precisa ser sempre orientada pelo professor por meio das indagações, do estímulo à observação de aspectos específicos etc.

2.

Estavam em jogo mais do que algumas linhas das Escrituras e mais do que um retrato do Universo. O drama da vida cristã e da moralidade que dela dependia não se adaptaria facilmente a um Universo, no qual a Terra era apenas um entre muitos planetas... Quando a proposta de Copérnico passou a ser levada a sério, ela criou problemas gigantescos para o crente cristão (KUHN, Thomas *apud* WOORTMANN, Klaas, 1997, p.54).

Confronte a análise de Thomas Kuhn acima com as palavras do Bispo Eadmer de Canterbury proferidas no século XI, que você acabou de ver na Atividade 1 da Aula 6.

Estabeleça uma relação entre os textos, que tenha reflexo direto com a produção do conhecimento.

RESPOSTA COMENTADA

A existência de uma concepção de universo em movimento em torno do Sol afetou decisivamente a percepção estática predominante. Abriu caminho para progressiva separação entre o conhecimento e a religião, a partir do uso sistemático da razão por meio da observação. Observe! Se a concepção de universo defendida pela Igreja era falsa, outras "verdades" poderiam ser questionadas, como, por exemplo, a imobilidade social.

História na Educação 2

Referências

Aula 1

BRAUDEL, Ferdinand. *História das civilizações: o passado explica o presente*. In: _____. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo. *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2 v.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOURA, Carlos. *Nietzsche: civilização e cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Aula 2

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Sociedades do antigo oriente próximo*. São Paulo: Ática, 1996.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Trad. de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Dicionário de Ciências Sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

GOITIA, Fernando Chueca. *Breve historia del urbanismo*. Buenos Aires: Alianza, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. Trad. de Neil R. da Silva. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NOVAIS, Fernando (Coord.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

SÁ, Luis Carlos; RODRIX, Zé; GUARABYRA FILHO, Nery Gutemberg. *Criador e criatura*. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=Criador+e+criatura+guarabyra&meta=lr%3Dlang_pt>. Acesso em: 20 dez. 2005.

TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SITES RECOMENDADOS

BUONAROTTI, Michelangelo. *A criação do homem*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/ljeldres/creacion.html>> . Acesso em: 20 dez. 2005.

ESPECIAL Modas. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/moda_index.htm> . Acesso em: 20 dez. 2005.

HISTÓRIA da Escrita: placa de barro com escrita cuneiforme dos sumérios. *Sua Pesquisa*. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/historiadaescrita.htm>> . Acesso em: 20 dez. 2005.

LEITURAS RECOMENDADAS

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Sociedades do Antigo Oriente próximo*. São Paulo, Ática, 1996.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

Aula 3

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. v. 1: Do Império Romano ao ano mil.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Brasília: Martins Fontes, 1989.

FILHO, Milton; STOCKLER, Maria Luiza. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Scipione, 1993.

LOURAUX, Nicole. *Invenção de Atenas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

SÓFOCLES. *A trilogia Tebana*. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Aula 4

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. São Paulo: Cia das Letras. 5 v.

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes: termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUALINO, G. *Dicionário de política*. 4. ed. Brasília: EDUNB, 1992. 2 v.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/CUT, 2000.

FARIA, Ricardo de Moura; MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Ed. LÊ, 1996.

FERREIRA, Nilda Teves. *Cidadania: uma questão para a educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O mundo antigo: economia e sociedade*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Nascer, viver e morrer na Grécia Antiga*. São Paulo: Atual, 1996.

GRAVES, Robert. *Deuses e heróis do Olimpo*. Rio de Janeiro: Xenon, 1992.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla B. (org.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

VICENTINO, Cláudio. *História Geral: Ensino Médio I*. São Paulo: Scipione, 2000.

Aula 5

DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Idade Média: idade dos homens do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia. da Letras, 1989.

_____. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade, 980-1420*. Lisboa: Estampa, 1993.

_____. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

FOURQUIN, Guy. *História econômica do Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1981.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média: o nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GOMBRICH, Ernest. *Breve história do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2002. 2 v.

VERGER, Jacques. *As Universidades na Idade Média*. São Paulo: UNESP, 1990.

Aula 6

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. São Paulo: Cia das Letras, 5 v.

CASALDÁGLIA, Pedro. Terra nossa, liberdade. In: AGUIAR, Flávio. *Com palmos medida: terra, trabalho e conflito na literatura brasileira*. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 1999. p. 398-400.

CARPENTIER, Jean; LEBRUN, François. *História da Europa*. Lisboa: Estampa, 1993.

DUBY, Georges. *Economia rural e vida no campo no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1987. 2 v.

_____. *Guerreiros e camponeses: os primórdios do crescimento econômico europeu (séc. VII –XII)*. Lisboa: Estampa, 1980.

_____. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa: Estampa, 1979.

FOURQUIN, Guy. *História econômica do ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1986.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As cruzadas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1984.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eununcos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1996.

SIMONS, Gerald et al. *Os bárbaros na Europa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971.

- ANDERSON, Perry. *Linhagens do estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BECKER, Idel. *Pequena história da civilização ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do renascimento na Itália*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- CORVISIER, André. *História moderna*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FAURE, Paul. *O renascimento*. Lisboa: Europa-América, 1998.
- GINZBURG, Carlo. *Os queijos e os vermes : o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São paulo: Cia das Letras, 1987.
- LUIZETTO, Flávio. *Reformas religiosas*. São Paulo: Contexto, 1998.
- MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. *História moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 1990.
- MOUSNIER, Roland. *Os séculos XVI e XVII*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1973.
- SEVCENKO, Nicolau. *O renascimento*. Campinas, SP: Atual, 1988.

SITES RECOMENDADOS

HISTÓRIA Moderna. Disponível em: <<http://www.hystoria.hpg.ig.com.br/Hmod.html>>. Acesso em: 16 mar. 2006.

LEONARDO da Vinci: vidas e obras, história do renascimento, biografia. Disponível em: < <http://paginas.terra.com.br/arte/mundoantigo/vinci/>>. Acesso em: 16 mar. 2006.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

BELLUCI, Beluce (Coord.). *Introdução à história da África e da cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: UCAM, 2003.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LOVEJOY, Paul. F. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MATTOS, Hebe; GRINBERG, Keila. As relações Brasil-África no contexto do Atlântico Sul: escravidão, comércio e trocas culturais. In: BELLUCI, Beluce. *Introdução à história da África e da cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: UCAM, 2003. p. 31-67.

OLIVER, Roland. *A experiência africana: da pré-história aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Disponível em : <<http://www.culturabrasil.org/arenascenca.htm>>. Acesso em: 3 maio 2006.

SILVA, Alberto da Costa. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. *Francisco Felix de Souza: mercador de escravos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ACKER, Teresa Van. *Grécia*. São Paulo: Atual, 1994.

FUNARI, Pedro Pualo. A cidadania entre os romanos. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 49-79.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Cidades-Estado na Antigüidade Clássica. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 29-47.

KUHN, Thomas. Estruturas das revoluções científicas. In: WOORTMANN, Klaas. *Religião e ciência no Renascimento*. Brasília: UNB, 1997. p. 54

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1974.

ISBN 85-7648-302-5



9 788576 483021



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Ministério
da Educação

